REVISTA DA SEMANA

31 de Janeiro de 1953

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

NO TEXTO:

MODELOS PARA O CARNAVAL

El Dorado Verde — NORTE DO PARANÁ

CONDENADOS À MORTE NO BRASIL!



150

DECIDA-SE DE UMA VEZ!

SEXUAIS (POPULARES)

Nº 164	TESTES DE MASCUL. E FEMINILIDADE	CR$15,00
Nº 67	ESTIMULANTES SEXUAIS	15,00
Nº 5	GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE	15,00
Nº 4	COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS	15,00
Nº 6	VIGOR SEXUAL	20,00
Nº 2	TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL	20,00
Nº 87	MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS	20,00
Nº 18	COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA	15,00
Nº 95	ANORMALIDADES SEXUAIS	20,00
Nº 125	PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO	20,00
Nº 126	PSICOSSEXUALIDADE	20,00
Nº 127	HÁBITOS SEXUAIS DO HOMEM	20,00
Nº 3	FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO	15,00
Nº 145	TIMIDEZ SEXUAL	20,00
Nº 7	DICIONÁRIO MODERNO DO SEXO E AMOR	15,00
Nº 66	PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS	15,00
Nº 130	SEXO E PSICANÁLISE	20,00
Nº 91	ESTUDOS SÔBRE O AMOR E O SEXO	15,00
Nº 92	CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL	15,00
Nº 166	EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS	20,00
Nº 174	MANUAL DA VIDA SEXUAL	20,00
Nº 160	ENFERMIDADES SEXUAIS	20,00
Nº 191	A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL	20,00

(EDIÇÕES) POPULARES

Nº 122	DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES	CR$15,00
Nº 93	A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO	15,00
Nº 124	PARA CONQUISTAR AS MULHERES	20,00
Nº 136	PARA CONSQUISTAR OS HOMENS	20,00
Nº 9	DICIONÁRIO DA MITOLOGIA	15,00
Nº 80	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - I VOL.	15,00
Nº 144	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - II VOL.	15,00
Nº 189	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - III VOL.	15,00
Nº 88	DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - I VOL.	15,00
Nº 8	DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - II VOL.	15,00
Nº 169	ANEDOTAS	15,00
Nº 185	CONTOS DO VIGÁRIO, Pulo dos Nove, etc.	15,00
Nº 165	DECLARAÇÕES DE AMOR	15,00
Nº 155	OS TRÊS MOSQUETEIROS(em quadrinhos)	15,00

APERFEIÇOAMENTO (PESSOAL)

Nº 139	COMPLEXO DE INFERIORIDADE	CR$20,00
Nº 23	COMO SE FAZER AMAR	15,00
Nº 33	SEGRÊDOS DE HOLLYWOOD	20,00
Nº 82	DESENVOLVA A MEMÓRIA	10,00
Nº 149	REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL	15,00
Nº 153	FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO	15,00
Nº 156	ASSIM SE EMAGRECE COMENDO	15,00
Nº 161	CONQUISTE AMIZADES	15,00
Nº 159	APRENDA A VIVER	15,00
Nº 59	SEMPRE JOVEM E BELA	30,00
Nº 167	FILOSOFIA DA VIDA E DO PRAZER	15,00
Nº 170	APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE	15,00
Nº 172	PRÁTICAS DO EXISTENCIALISMO	15,00
Nº 182	REGRAS PARA VENCER NA VIDA	15,00
Nº 183	CONSTRÓI A TUA PERSONALIDADE	15,00
Nº 186	VOCÊ SABER CONVERSAR?	15,00
Nº 192	1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS	15,00

LITERATURA (POPULAR)

Nº 131	SENSUALIDADE - I VOL.	CR$20,00
Nº 132	SENSUALIDADE - II VOL.	20,00
Nº 35	A DAMA DE ESPADAS (E CONTOS)	10,00
Nº 81	CENAS DE AMOR(dos melhores romances)	10,00
Nº 65	O BANHO, O BEIJO E OUTROS CONTOS	15,00
Nº 17	MORTES CURIOSAS E ESTRANHAS	10,00
Nº 63	OS SEIS NAPOLEÕES (E CONTOS)	10,00
Nº 128	BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES	15,00
Nº 140	A CARNE — Julio Ribeiro	25,00
Nº 28	SELEÇÕES DE RUY BARBOSA	15,00
Nº 178	GRANDES CORTESÃS - I VOL. H. de Kock	15,00
Nº 179	QUO VADIS — H. Sienkiewicz	15,00
Nº 180	NANÁ — Emile Zola	15,00
Nº 215	A BESTA HUMANA — Emile Zola	15,00
Nº 181	O RETRATO DE DORIAN GRAY — O. Wilde.	15,00
Nº 200	GALERIA DE BRASILEIROS ILUSTRES	15,00

CARTAS

Nº 143	MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS	CR$15,00
Nº 162	FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA	15,00
Nº 163	MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS	15,00
Nº 90	MODELOS DE CARTAS P/TODOS OS FINS.	15,00
Nº 20	SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR	15,00
Nº 21	CORRESPONDÊNCIA AMOROSA	15,00

DIDÁTICOS E PORTUGUÊS

Nº 69	CERTO OU ERRADO? Português	CR$15,00
Nº 26	ERROS DE PORTUGUÊS E S/CORREÇÕES	15,00
Nº 37	FORMULÁRIO DE MATEMÁTICA	20,00
Nº 27	FALA E ESCREVE CORRETAMENTE	15,00
Nº 89	VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO de Bolso	40,00
Nº 168	A ORTOGRAFIA CORRETA	15,00

AUTOMÓVEL

Nº 36	MANUAL DO MOTORISTA	CR$15,00
Nº 138	ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL	15,00
Nº 141	APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO	15,00
Nº 188	GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMÓVEL	15,00

ARTE e DESENHO

Nº 70	A ARTE DE DESENHAR - (GERAL)	CR$ 30,00
Nº 71	A ARTE DE DESENHAR - (CABEÇAS)	30,00
Nº 72	A ARTE DE DESENHAR - (ANIMAIS)	30,00
Nº 42	A ARTE DE DESENHAR A MULHER	30,00
Nº 75	DESENHO À BICO DE PENA	30,00
Nº 76	ESTILOS ARTÍSTICOS(Como reconhecê-los)	30,00
Nº 44	DESENHO DE LETRAS	30,00
Nº 1	O NU ATRAVÉS DA ARTE	20,00
Nº 40	RESIDÊNCIAS BRASILEIRAS	40,00

POESIAS

Nº 84	POESIAS DE GONÇALVES DIAS	CR$10,00
Nº 175	AS PRIMAVERAS — Casimiro de Abreu	10,00
Nº 176	CANÇÕES DO EXÍLIO — Casimiro de Abreu	10,00
Nº 121	OS ESCRAVOS — Castro Alves	10,00
Nº 46	ESPUMAS FLUTUANTES — Castro Alves	10,00
Nº 60	HINOS DO EQUADOR — Castro Alves	10,00
Nº 142	CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — C.Alves	10,00
Nº 148	ENCANTOS DA MULHER NUA (Poesias)	15,00
Nº 53	DICIONÁRIO DE RIMAS	15,00
Nº 171	APRENDA A FAZER VERSOS	15,00
Nº 154	TROVAS E MODINHAS POPULARES	15,00
Nº 177	SUCESSOS MUSICAIS (Sambas e Valsas)	15,00

LÍNGUAS

Nº 31	ESPANHOL EM QUADRINHOS	CR$12,00
Nº 30	ALEMÃO SEM MESTRE	12,00
Nº 24	ITALIANO SEM MESTRE	12,00
Nº 25	FRANCÊS SEM MESTRE	12,00
Nº 32	YES SIR!- INGLÊS SEM MESTRE	12,00

ESPORTES

Nº 176	GUIA DE MASSAGENS NOS ESPORTES	CR$15,00
Nº 135	NATAÇÃO SEM MESTRE	15,00
Nº 129	JIU-JITSU SEM MESTRE	15,00
Nº 137	HABILIDADES E PROEZAS	15,00
Nº 190	REGRAS OFICIAIS DO FUTEBOL	15,00
Nº 211	REGRAS OFICIAIS DO BASQUETEBOL	15,00
Nº 173	REGRAS DO FUTEBOL DE MESA	15,00

CURIOSIDADES - MÁGICAS - PASSATEMPOS

Nº 123	TÁTICAS DO XADREZ	CR$15,00
Nº 51	REGRAS DOS JOGOS DE CARTAS	15,00
Nº 157	COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS	10,00
Nº 22	QUEBRA-CABEÇAS, MÁGICAS, PASSAT.	15,00
Nº 150	CURIOSIDADES E EXTRAVAGÂNCIAS	15,00
Nº 151	FATOS CURIOSOS E INACREDITÁVEIS	15,00
Nº 158	APRENDA A FAZER MÁGICAS	15,00
Nº 34	TESTES PARA OS S/CONHECIMENTOS	15,00
Nº 78	TESTES DE INTELIGÊNCIA	10,00

OCULTISMO

Nº 194	O VERDADEIRO LIVRO DE S. CIPRIANO	CR$15,00
Nº 94	A SANTA CRUZ DE CARAVACA	15,00
Nº 12	COMO INTERPRETAR OS SONHOS	10,00
Nº 11	AS CHAVES OCULTAS DO PODER	15,00
Nº 13	COMO LER OS PENSAMENTOS	15,00
Nº 14	COMO LER AS MÃOS	15,00
Nº 10	ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA.	15,00
Nº 39	COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS	15,00
Nº 64	GRAFOLOGIA PRÁTICA	15,00
Nº 152	OS SONHOS, O RISO E AS MULHERES	10,00
Nº 15	HIPNOTISMO PRÁTICO	15,00
Nº 147	MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR	15,00
Nº 198	AS CHAVES DE SALOMÃO	15,00
Nº 197	HOROSCÓPIOS PARA TODOS	15,00

COZINHA-RECEITAS

Nº 79	A COZINHA FRANCESA	CR$10,00
Nº 85	A ARTE DE FAZER DOCES	15,00
Nº 86	A COZINHA NORTISTA	10,00

PROFISSIONAIS

Nº 96	DATILOGRAFIA SEM MESTRE	CR$15,00
Nº 146	RÁDIO PARA PRINCIPIANTES	15,00
Nº 16	CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR	15,00
Nº 49	MULTIPLICAÇÃO DE PLANTAS	15,00
Nº 50	ENXERTIA PRÁTICA (c/figuras)	15,00
Nº 29	MANUAL DO DETETIVE AMADOR	10,00

VENDAS:

RIO:
AVENIDA RIO BRANCO, 25

RUA DO OUVIDOR, 150

RUA DO MÉXICO, 128 1º Sobre-Loja 3

SÃO PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO 403

INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL.
ENVIE SÒMENTE PARA O RIO DE JANEIRO, O SEU PEDIDO PELO TALÃO ABAIXO:

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 1-8 - Rio
(Não temos catálogo)

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

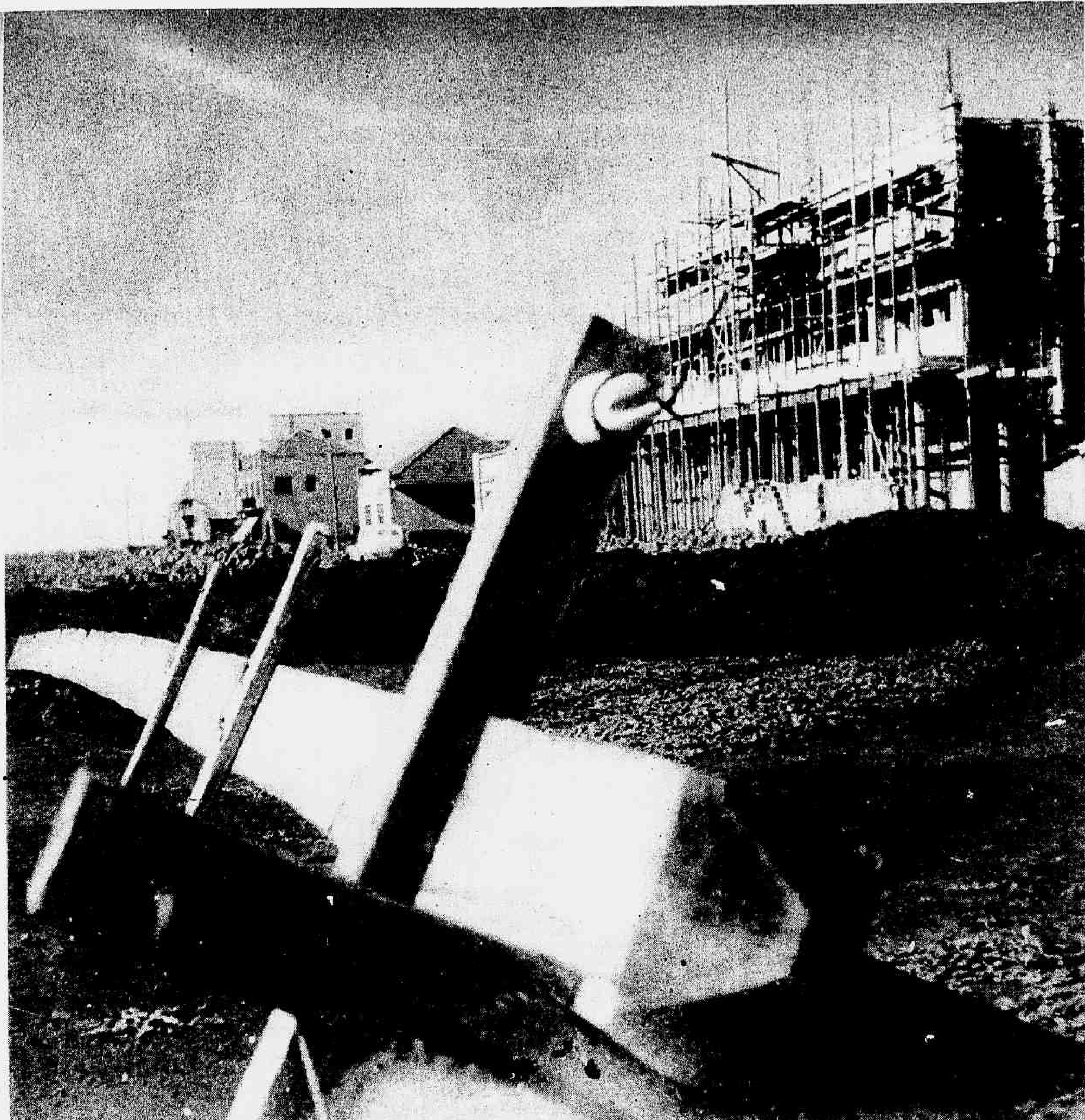
(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..

RUA..

LOCALIDADE..

ESTADO..



O Norte do Paraná vai passando de floresta virgem para o arranha-céu de cimento armado. A madeira que os seus densos bosques produzem serve para a feitura de postes e de andaimes para as grandes construções.

O NOVO ELDORADO VERDE

HISTÓRIA DE CIDADES QUE NASCERAM COMO COGUMELOS, CRESCERAM COMO BANANEIRAS E FICARAM FORTES COMO PAU-BRASIL ★ ONDE O "TECO-TECO" E' A DILIGÊNCIA; O "JEEP", O CAVALO; A "PEIXEIRA", A ARMA DOS "MOCINHOS" ★ A IGREJA E' A CONSTRUÇÃO MAIS POBRE ★ NÃO EXISTE JÔGO DO BICHO NEM CAMPO DE FUTEBOL

Reportagem de VINICIUS LIMA

ERA lua cheia no dia 10 de maio de 1947. Grilos rilhavam e pirilampos pareciam fogos de artifício na escuridão da mata virgem. Não havia piuns, borrachudos ou carapanãs para zumbir nos ouvidos. A vegetação densa embalada docemente pela brisa confirmava os prognósticos otimistas dos colonos: — "a terra é boa, dadivosa e roxa. Tem palmitais, embaúba, peroba e alguns vegetais do gênero sereus (cactus-mandacarus); tem veado e cotia; tem tatu e muita lebre. A terra é boa!"

José Inácio da Silva vinha de longe. Trazia mulher e filhos para aquêle mundo perdido. E não era do Ceará: nascera em S. Paulo.

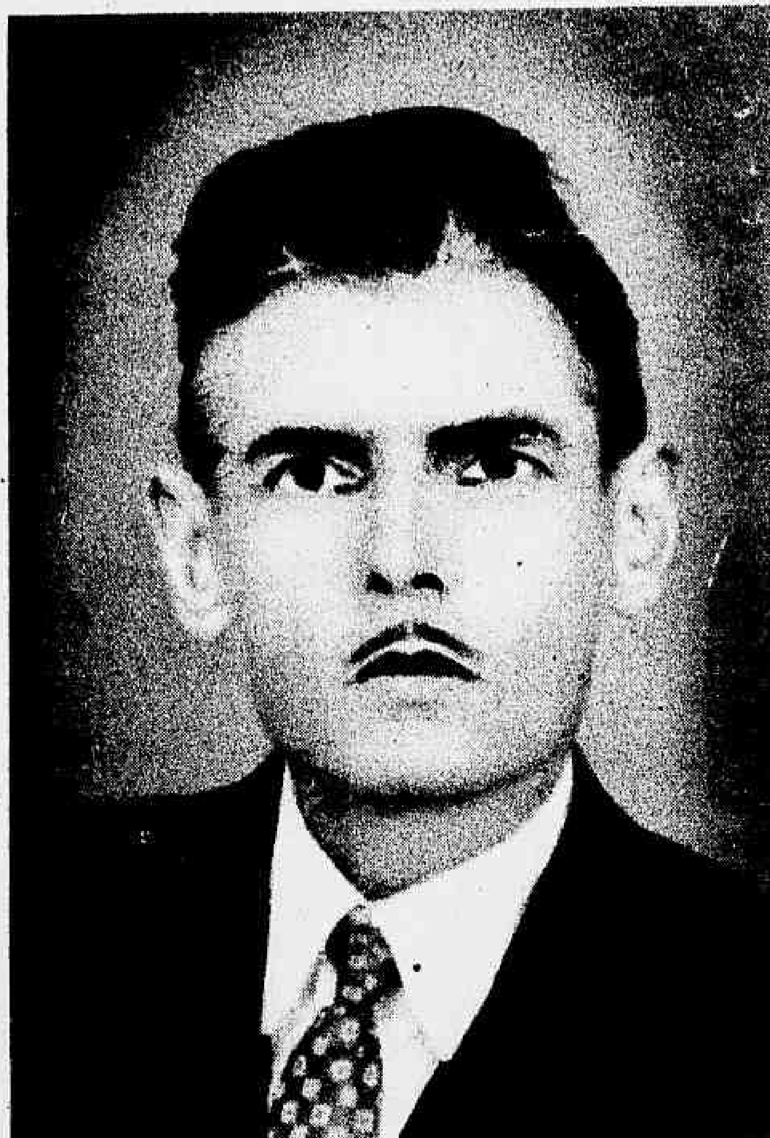
Fincou quatro estacas na clareira, atou as rêdes das crianças, acendeu a fogueira e começou a cantar uma canção que era novidade na época: "Maringá, Maringá! Depois que tu partiste, meu coração ficou triste . . ."

Dois meses depois chegavam outros colonos animados pela propaganda. José Inácio da Silva gostara da canção e continuava cantando-a. E ficou alcunhado de "José Maringá", alcunha que serviu de nome à mais nova e pujante cidade dêste país.

Se o leitor é brasileiro e deseja sentir-se orgulhoso da pátria, convide o mais progressista de seus amigos norte-americanos e leve-o ao norte do Estado do Paraná. O americano ficará embasbacado porque constatará que o récorde mundial de venda de gasolina, num só pôsto, não é privilégio de Nova York, Chicago ou Rio de Janeiro; mas de uma cidade fundada há apenas cinco anos — Maringá. Quatrocentos mil litros de gasolina vende, mensalmente, o sr. Alfredo Maluff Filho. Poucos Estados do Norte do Brasil conseguem ultrapassar essa quantidade. E Maringá, além do pôsto Maluff, possui 13 outros cujas vendas são também apreciáveis.

Naquela noite de lua em que José Maringá fincou quatro paus numa clareira, imaginou uma porção de coisas. Cinco anos depois assistia à inauguração do 14.º banco da cidade que também já possuía dois ginásios, 7 grupos escolares, 3 cinemas e 50.000 habitantes.

Mas Maringá parece uma criança com desenvolvimento anormal. Suas glândulas descontroladas provocaram o crescimento de um corpo enorme, porém cheio de defeitos. Não tem esgotos, telégrafo e corpo de bombeiros, nem hospitais e hotéis à altura de seu progresso. A cadeia pública é tão democrática, a ponto de barrar a entrada dos presos que chegam para dormir após as vinte e uma horas. Sòmente no dia 9 de novembro, Maringá elegeu seu primeiro governante. Antes era distrito de Mandaguari que, por sua vez, há dois anos era distrito de Apucarana que, há quatro anos, dependia da comarca de Londrina. Maringá é uma cidade que, oficialmente, nunca foi vila nem povoado.



José Maringá entrou para a mata cantando uma canção em voga: «Maringá», e começou a construir sua casa. Trabalhou muito e depois viu que tinha fundado uma cidade.

Engraxates andam ali com livros de cheques e, no centro urbano, os terrenos têm valor equivalente aos de Copacabana. Pelas ruas encontramos norte-americanos, italianos, portuguêses, holandeses, franceses, espanhóis, poloneses, alemães, inglêses, japonêses e, pasmem,senhores: *vinte e oito paranaenses apenas*, todos funcionários públicos.

★

Além das 39 cidades formadas em apenas 7 anos, num local antes ignorado, existem cêrca de 40 outras em pleno desenvolvimento, totalizando a população da nesga de terra roxa em cêrca de 800.000 habitantes. Londrina é o centro principal, o único em que existe miséria e vagabundagem, além do comércio fácil e fabuloso: entre inúmeras casas comerciais existe uma, a casa "Fuganti" que, só no varejo, vende de 600.000 a 2.000.000 de cruzeiros diàriamente. Recorrendo à história, só vamos encontrar paralelo no apogeu da borracha quando, em Manaus e Belém, os seringueiros boêmios acendiam charutos com cédulas de quinhentos mil réis. Essa região privilegiada, em 4 anos, suplantará a produção de café do Estado de São Paulo, atualmente de 7 milhões de sacos contra 5 milhões do Norte do Paraná.

O elemento humano, depois da terra dadivosa, foi o principal fator do progresso da região. Os pioneiros desbravaram a selva com tal ímpeto que a natureza ainda se sente surprêsa. Quando, às proximidades de Maringá, se queima um roçado, veados afoitos cruzam as ruas na carreira. Cotias, pacas e tatus também.

Forçoso é confessar que a companhia loteadora, com boa antevisão, fêz um belo trabalho. Incentivou famílias, construiu estradas e hotéis. Tornou-se rica, mas nunca foi citada judicialmente, tendo em sua história apenas uma questão trabalhista. A sua hábil exploração de imenso feudo transformou-o em zona progressista. Usufruiu proventos elevadíssimos. No entanto, dentro do nosso regime, não poderia ter sido mais generosa. Dividiu terras em pequenos lotes, dificultando o açambarcamento. Todavia, infelizmente, existem alguns feudos. Agora, a maioria das terras está sendo distribuída entre colonos, em pequenos lotes; havendo dessa forma terra para *quase* todos.

O sistema de distribuição de terras usado pela referida companhia, redundou em trabalho. E o trabalho produziu as sementeiras. Quem comprou um alqueire por 200 cruzeiros, vendeu-o por 200.000. Penetrou com os duzentos mil cruzeiros mais para o interior, colonizando e vendendo novos lotes por duzentos cruzeiros, que hoje, plantados, valem fortunas.

A colonização do norte do Paraná já atingiu Mato Grosso. E a civilização avança. Moisés Lupion enriqueceu; mas constatei que, tôda a campanha desenvolvida no Rio contra a Cia. Norte do Paraná não era justa. Jamais recebi um centavo para favorecer alguém. Não conheço os dirigentes dessa Companhia, e o que aqui escrevo é apenas o que constatei e ouvi: — "Foi uma grande marmelada! Moisés Lupion deu terras do Estado do Paraná a amigos; mas que êsses espertalhões são amigos da organização e do progresso, é verdade!... E foi assim que pela primeira vez no Brasil uma marmelada redundou em benefício para o povo."

★

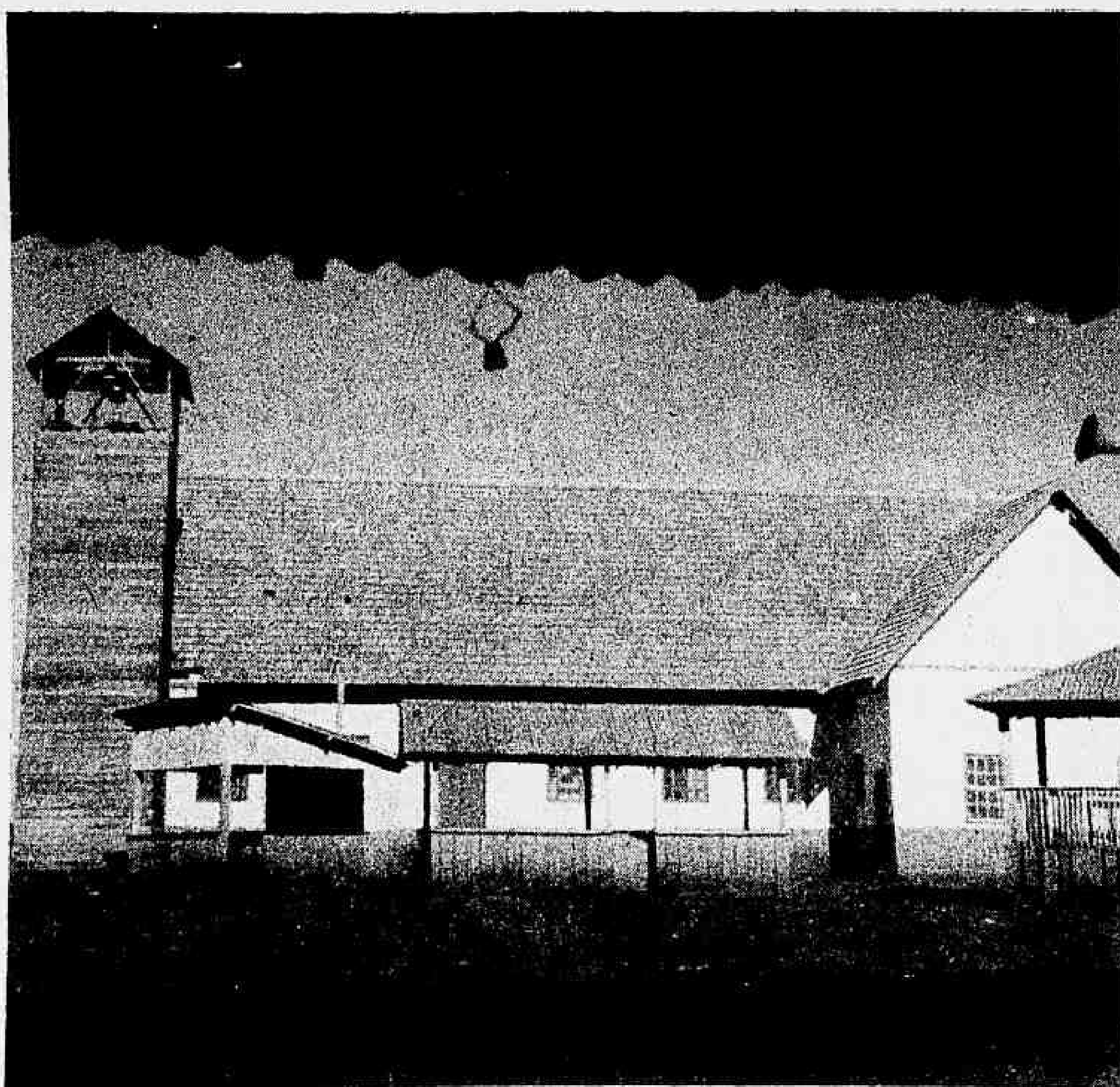
Comecei minha reportagem pela cidade de Maringá, onde cheguei às 11,30 do dia 11 de novembro. Tudo era lama, vermelha e pegajosa. Automóveis com estranhas "galochas" feitas de correntes de aço para evitar derrapagens, e que custam o preço de um pneu de tamanho médio — Cr$ 650,00.



A senhora de José Maringá foi seu braço direito. Tal como nos bons e velhos tempos do pioneirismo, ela, sorridente, é a primeira que se levanta e a última que se vai deitar.

O chauffeur do carro me disse: "O melhor hotel da cidade é o "Esplanada". Paguei a corrida, Cr$ 120,00. Tinha percorrido três quilômetros. No "Esplanada" as môscas tinham ampla liberdade. A alimentação, péssima.

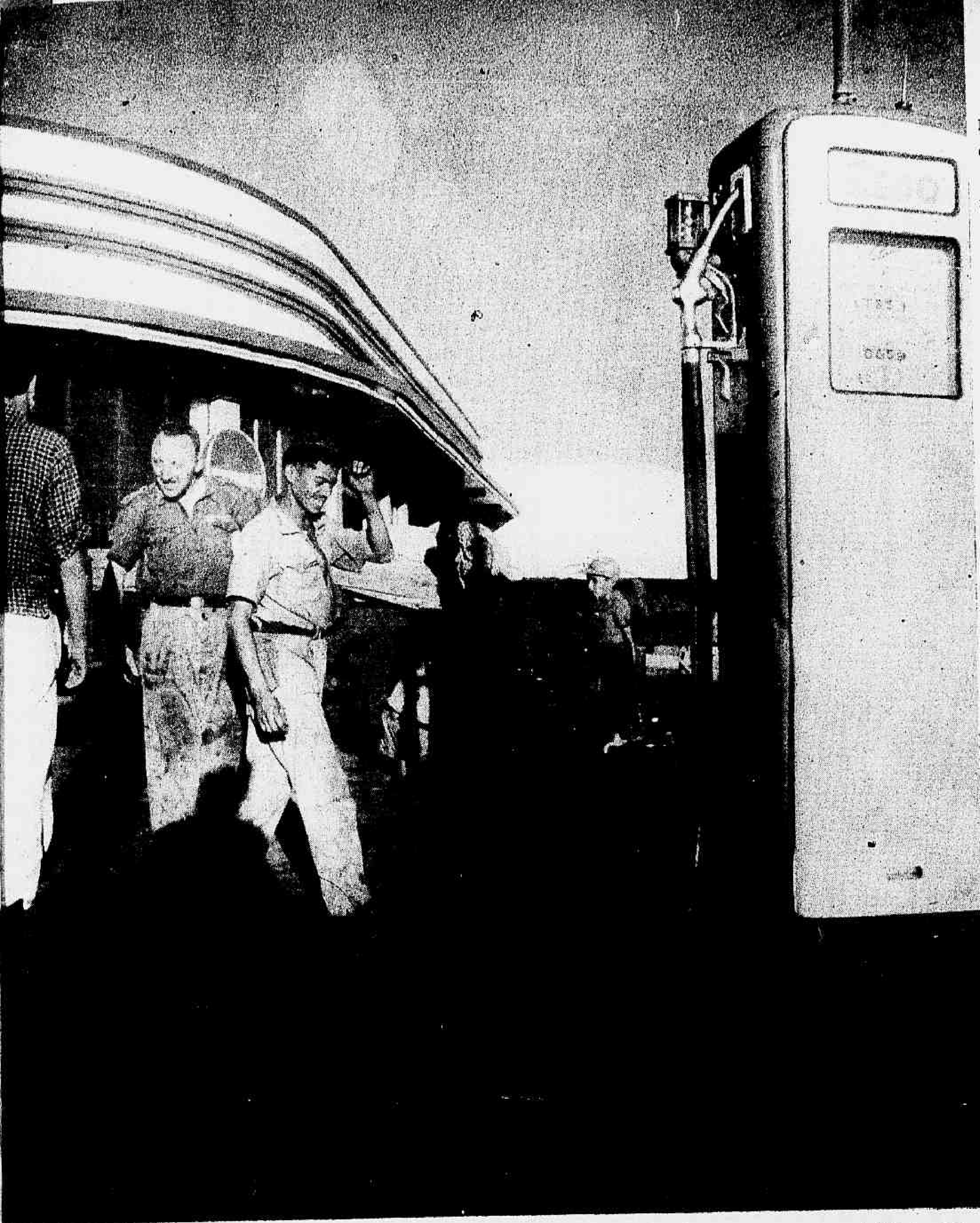
O movimento era desusado nas ruas: veículos indo e vindo, cheios de "arigós" barulhentos que, paralelamente ao ruído das "galochas" dos carros, davam à cidade um estranho sabor. Pelos bares e cafés, centenas de forasteiros vestidos à gaúcha, faca na cinta, roupas vistosas e chapéus de abas largas. Junto às calçadas, "jeeps" às centenas; eram os cavalos da região. Nos céus as "diligências" do século XX voavam em tôdas as direções: dezenas de "teco-tecos". Muita lama! Os "jeeps" enguiçavam. Alguém me disse que duravam



A madeira é o material de construção por excelência no Norte do Paraná. A igreja, de aspecto rústico, tem certa nobreza sóbria de estilo nórdico.



Ângulo típico da cidade nascente. Ao fundo levanta-se um prédio de 4 andares. No primeiro plano, tendas de lona que abrigam recém-chegados.



ligente, capaz de comer um punhado de terra roxa, de tanto amor que tem à gleba.

No dia 6 de julho de 1933, Oduvaldo Neto era náufrago do navio "Francina", que fôra espatifado pelas ondas feitas pelo "Minuano", nas costas do Uruguai. No mesmo dia e hora nascia, em Santa Helena, onde Napoleão Bonaparte estêve exilado, o 7.º filho do amável aventureiro que, em vez de "campagne", bebeu água salgada... Mas essa coincidência marcava apenas uma etapa das aventuras de Oduvaldo Neto, para quem a vida começou numa tarde fria de setembro, há quarenta anos, quando foi de Catanduva, sua terra natal, para Campinas, Estado de São Paulo, a fim de estudar. Em 1924 Oduvaldo veio para o Rio de Janeiro. Descobriu que uma expedição científica norte-americana abrira um concurso para a escolha de dois atiradores que deveriam seguir com ela em lugar de universitários americanos que tinham regressado doentes.

A expedição tinha por objetivo estudar os habitantes submarinos dos oceanos Índico e Atlântico, numa viagem que ninguém sabia ao certo quando acabaria, planejada para recolher espécimes raros para os museus de Cleveland e Nova York. Oduvaldo Neto, escolhido membro da tripulação, empolgou-se com a aventura e, em junho de 1924, a escuna "Bloss" enfunou as velas, tomou rumo desconhecido com mais de 80 pessoas a bordo e Oduvaldo também.

Tempestades acossaram o veleiro que, após 69 dias de viagem em que faltara água e em que sobraram tempestades, atingiram a ilha de Santa Helena. A "Bloss" ali permaneceu muitos meses, em reparos, ao mesmo tempo em que se fazia a classificação dos animais aprisionados. Oduvaldo conheceu lá uma bela senhorita por quem se apaixonou. Hoje, a então senhorita Winnfred é a mãe dos seus nove filhos. Oduvaldo Neto meteu-se novamente na escuna e prosseguiu viagem, deixando a espôsa com a família. Visitou ilhas do Atlântico, foi ao oceano Índico e, depois de um e-

Quatrocentos mil litros de gasolina por mês, é o que esta bomba serve aos caminhões, aos «jeeps», aos automóveis e motocicletas. Ninguém usa cavalo, burro ou mesmo carroças.

Na pior das hipóteses o proletário vai montado em bicicleta. O terreno é plano, as ruas estão sendo calçadas. O movimento comercial na cidade que nasce cresce dia a dia.



oito meses e, no máximo, um ano rodando por ali. Havia "cadillacs" também.

Quando voltei ao hotel trazia nítida impressão de estar no "Far-West" americano que vejo nos cinemas. Pedi minha ficha de registro, que o empregado dispensou. Diàriamente entram milhares de pessoas em Maringá. Todos ali são "passageiros" aventureiros, à cata de fortunas. De cada milhar que chega 200 ou 300 se deixam ficar.

Duas moças desengonçadas, com aspecto de milionárias precoces, conversavam: "Já disse ao meu pai que êsse govêrno é "comunista". Pelo que tenho lido só um govêrno assim pode deixar uma cidade como esta sem telégrafo e sem estradas."

A outra respondeu: — "Qualquer dia eu me aborreço e mando fazer uma estrada de ferro... Sabes de uma coisa? Há cinco anos a Paraná-Santa Catarina está a seis quilômetros daqui e nunca chega. E apesar disso, a Estrada vende os trilhos para os construtores. Quem quiser pode ver os 26.000 cruzeiros de trilhos que foram vendidos para uma construção."

★

José Maringá estava sentado numa cadeira desconfortável, cercado de auxiliares. Simpático, forte, avermelhado, era o que se poderia imaginar. Cigarro de palha, botas de cano alto, sem um fio de cabelo branco.

— Que deseja o senhor?

— Quero saber a sua história. Depois gostaria que me permitisse algumas poses para a REVISTA DA SEMANA.

José Maringá me pediu os documentos e não acreditou nêles; negou-se a falar ou tirar fotos, justificando a sua atitude no fato de já ter sido explorado por jornalistas inescrupulosos que passaram pela região. Disse-lhe que só queria uma entrevista e as fotos, mas José não cedeu um palmo:

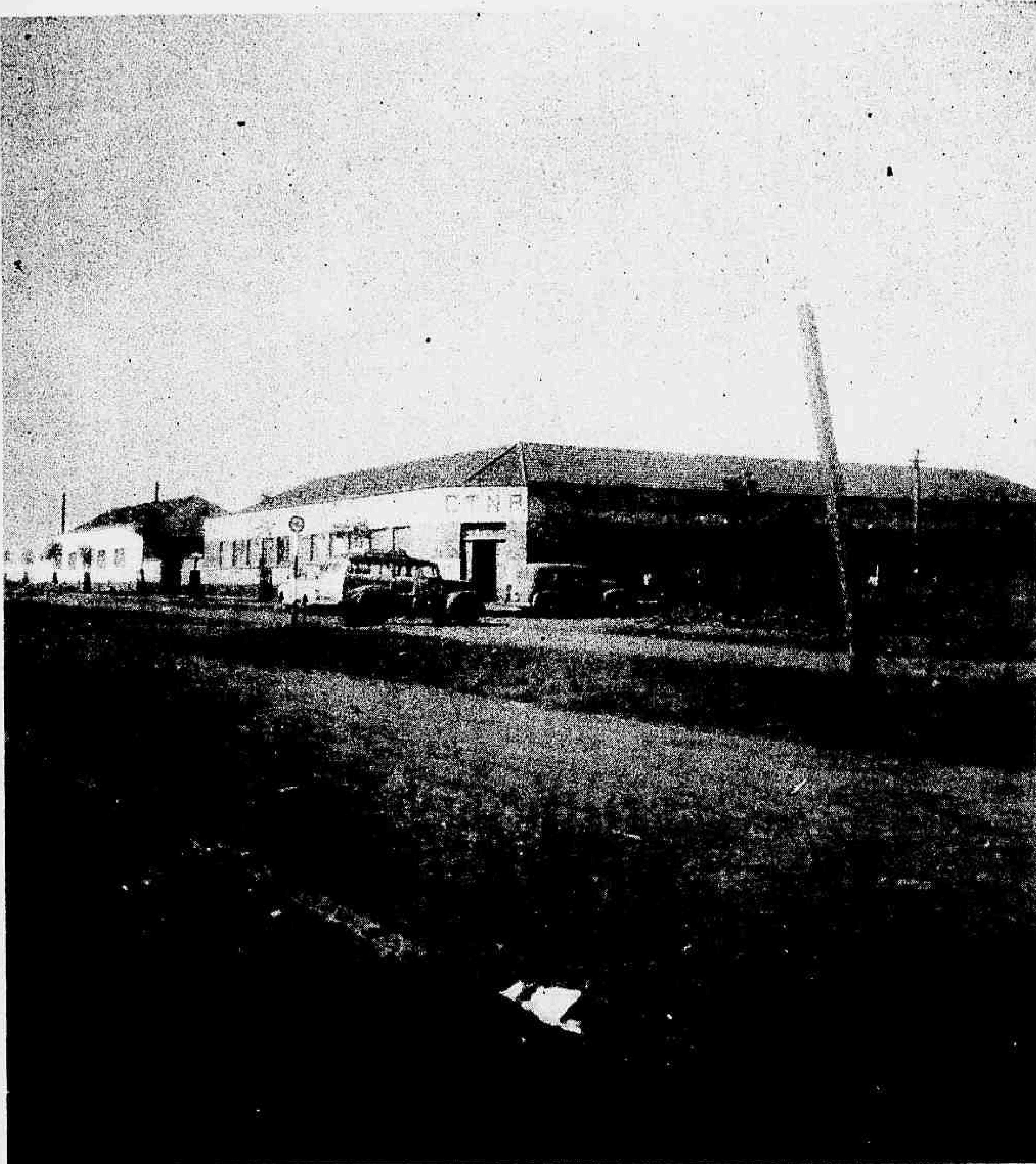
— Outros que aqui estiveram afirmaram que nada queriam, depois me exigiram cinqüenta contos cada um, e nunca saiu nada nas revistas.

Insisti. Maringá permanecia firme. Voltei ao hotel onde apanhei um exemplar de "Time" com uma fotografia minha, que podia servir de atestado para um repórter perdido no mato. José Inácio da Silva sacudiu a cabeça e falou convictamente:

— Eu nunca ouvi falar desta tal *Time*. *Time* que eu saiba é só em jôgo de bola. Não pense que vai me provar que esta revista existe. Aquêles seus companheiros que tomaram meu dinheiro também traziam revistas feitas em Londrina para enganar a gente; esta deve sera mesma coisa.

★

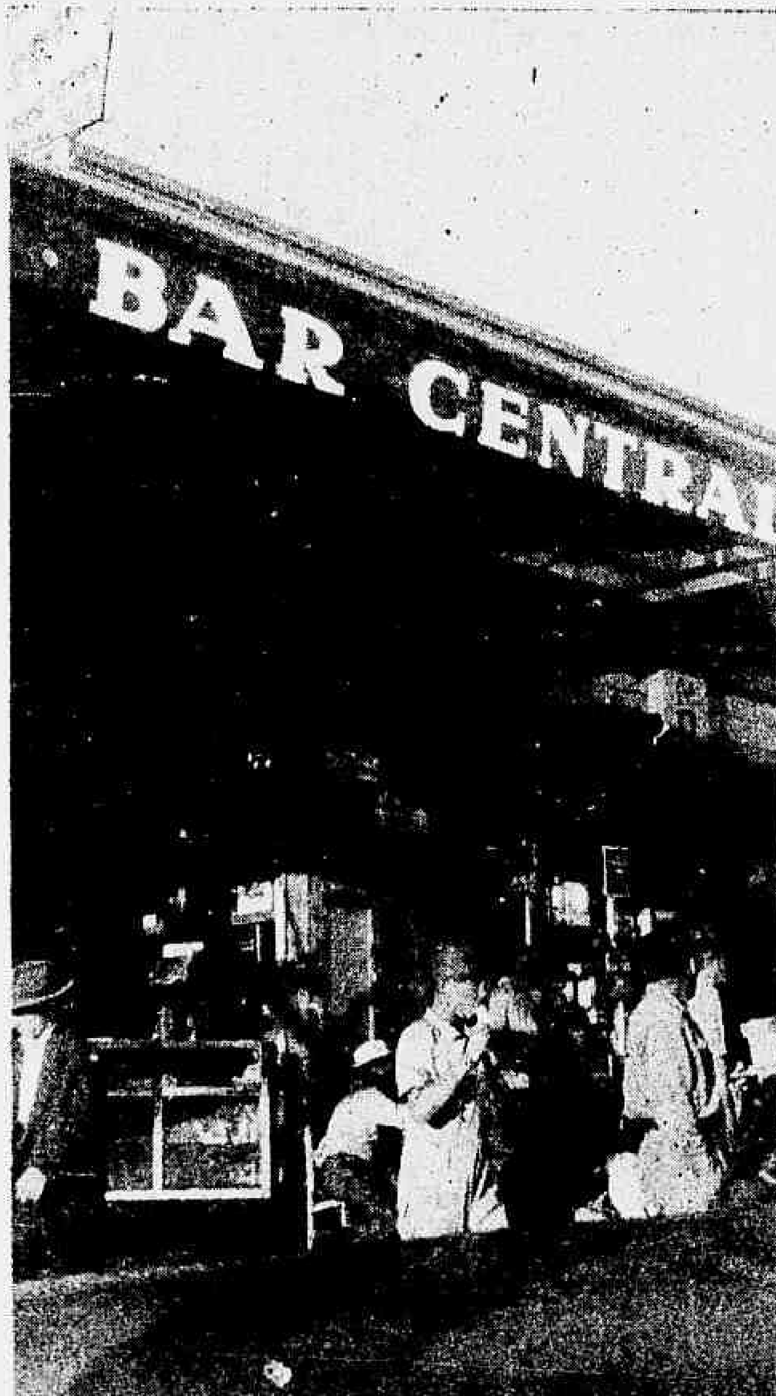
Deixei José Inácio e fui à procura de Oduvaldo Neto, autêntico desbravador ousado e culto, zangado e inte-



Eis aí o que ontem era mata virgem. Ruas largas, galpões, depósitos para guardar aquilo que o trabalho produz em terra fértil. O ritmo de progresso na nova cidade é assombroso.

meio ano, voltava a Santa Helena para, junto da amada, viajar para os Estados Unidos da América do Norte, onde permaneceu até 1929, passando a trabalhar numa firma brasileira de transportes. Depois foi convidado por uma emprêsa para dirigir seus negócios no Rio de Janeiro. Veio para o Brasil, justamente quando houve a derrocada econômica dos EE. UU., que causou a suspensão das exportações para o nosso país. Oduvaldo regressou com a esposa para a América do Norte, passando por Santa Helena. Ali, lembrando-se das glórias de Napoleão, resolveu ficar. Estabeleceu-se com uma companhia de transportes. Depois fundou um cinema; em seguida comprou uma padaria; e não tardou que tivesse uma companhia de turismo e outra de pesca. Então organizou uma outra companhia mista de grande envergadura, com capitais brasileiros e argentinos. Comprou um navio e meteu-se no negócio de lagostas vivas, batendo todos os récordes mundiais no transporte no gênero. Ao começar a Segunda Guerra Mundial, a ilha de Santa Helena ficou sendo segrêdo de guerra, o que determinou a suspensão das operações da companhia de transportes e pesca.

Terminada a guerra, prevendo a débacle econômica da Grã-Bretanha, resolveu Oduvaldo vir para o Brasil, deixando em Santa Helena verdadeira fortuna. Trabalhou para a General Motors, seis meses; depois foi para a G. M. C. Representou a "Pontiac" em Catanduva até 1947 quando, em visita ao Norte do Paraná, viu que ali estava o seu futuro. Hoje já possui, em Maringá, dois cinemas e uma infinidade de negócios de terras que valem milhões. E' um dinâmico. Com quase 50 anos de idade, ainda ostenta todo o vigor da mocidade. Possui uma filha casada e duas outras, de 16 e 17 anos, além de 4 menores e dois rapazes, pilotos da companhia comercial de aviação fundada pelo ousado paulista.



Êste bar foi alugado por apenas duzentos cruzeiros. Hoje o seu proprietário rejeita dois milhões de cruzeiros. Tem máquinas de fazer sorvete. Faz uma fortuna mensalmente.



Nordestinos, como êste que aqui vemos, chegam diàriamente. Multidões mudam-se do nordeste árido para cidades que nascem como Maringá. O caminho é a estrada Rio-Bahia.

★

Oduvaldo representa o tipo de brasileiro endinheirado da região; mas existe outra espécie de brasileiros: os agregados. São os que trabalham para os abastados como Oduvaldo, ou Mr. Smith. E' o caboclo nordestino, o homem do "pau de arara", dentre os quais escolhi Gildásio Romão, filho de Tianguá, que fica localizada nas divisas do Ceará com o Piauí. Terra boa onde a água dá prazer em se ter sêde. Mas não é sempre que chove e as nascentes não são suficientes para irrigar a terra sêca. Por isso Gildásio emigrou. Tem 26 anos, cabeça chata, jovial, peito forte e rosto róseo, como as maçãs que a terra ali produz, melhores que as argentinas.

Gildásio deixou no Ceará pai, mãe e uma noiva. Em junho de 5êste ano estará de volta, com dinheiro suficiente para a compra de um lote em cima da serra de Guaramiranga, onde nunca falta chuva. Desceu até Maringá numa bandeira chefiada por um tal Cipriano Lopes, outro aventureiro dono de caminhão que, aqui chegando, cobrou as passagens, fêz uma farra e, no final da mesma — 4 dias — já não tinha caminhão nem dinheiro. Hoje, os dois são agregados. Elogiam o patrão e comentam com ares de valentia a morte de um colega assassinado no dia das eleições. Era "um cabra macho", mas muito metido a bêsta. Diziam que tinha oração da cabra preta e de São Cipriano.

★

Ao chegar a esta cidade estavam as ruas atulhadas de veículos mergulhados na lama. Decorridos três dias uma nuvem vermelha, de pó, cobria a região. Estão registrados 2.300 geradores de energia elétrica, o que equivale dizer que até os operários têm em suas casas energia própria. O "Bar Central", há dois anos, foi alugado mediante luvas de 30.000 cruzeiros; em outubro passado foi transferido em locação por três anos, mediante as luvas de dois milhões. Sua área é de 4 por 12 metros. Nas imediações da cidade, Oduvaldo Neto comprou, por 100.000 cruzeiros, um terreno que há um ano era vendido por Cr$ 800,00. Cinco dias depois lhe ofereciam pela mesma terra — área aproximada, de um campo de futebol — a quantia de Cr$ 150.000,00.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 5 ★ 31-1-53

SUMÁRIO

O novo Eldorado verde 3/ 6
Milhares de fãs aclamam o Príncipe da Voz 10/34
Inventos e invenções 15/39
A dança do anel perdido 20
O ermitão foi despejado 23/26
Querem congelar o Japão 28/29
Condenados à morte no Brasil 35/38
A casa de Bernarda Alba 51/53

●

Vendedores de água 7
A Bem-amada (romance) 12/13
A festa (conto) 14
Semana Literária 31
A casa do Conde dos Arcos 32/33

●

A personagem da semana 8
A semana em revista 8/ 9
Lido... visto... ouvido... .... 16/17
A' Revista há 50 anos 18
Conta-me teus sonhos 18
Êste mundo e o outro (caricatura) 22
Passatempo 50
Último flash 54

●

Carnaval .... 27/43 a 46
A luz da psicanálise 47
A saúde do bebê 50
Teste amoroso 47
Arabelle (folhetim) 49

capa:

Rhonda Fleming (Foto Columbia)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

★

A decana das revistas nacinoais. Premiada com a medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

★

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

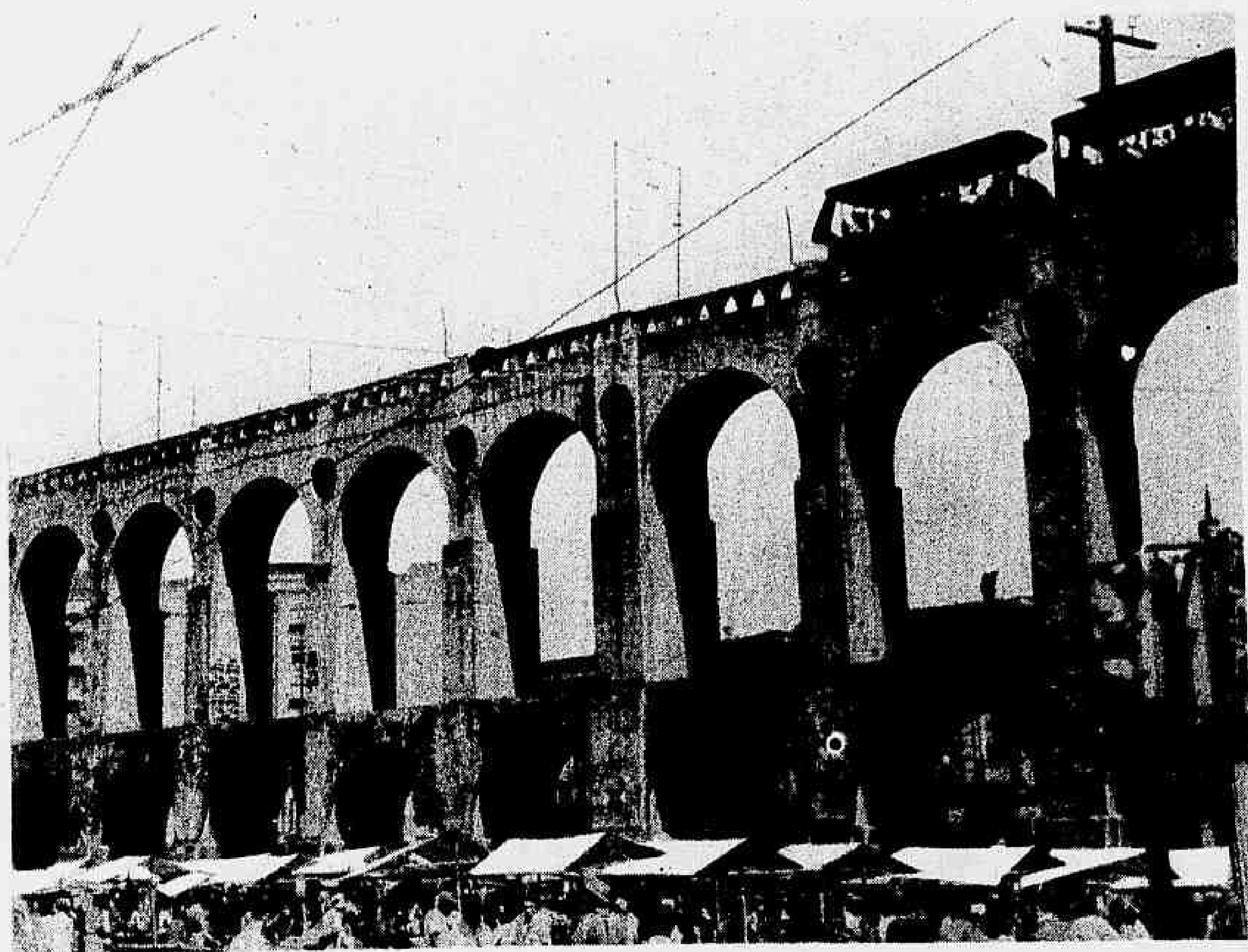
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — um ano ...... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

VENDEDORES DE ÁGUA



QUANDO o Rio começou a crescer, os seus habitantes passaram a sofrer o suplício da crise d'água. Não que faltassem mananciais nas terras cariocas, e sim, meios eficientes de levar água às casas. Dizem os cronistas, que, já em começos do século XVII, os cariocas compravam água em potes ou talhas de barro, vendidas de casa em casa pelos índios mansos. A água vinha do rio Carioca, apanhada em barris e vazilhas de barro à altura do Catete e Laranjeiras; mas a água não era boa e dava uma trabalheira medonha aos residentes no centro, em tôrno do morro do castelo, centro inicial da urbe. Aí por 1617 ficou decidido que, para conjurar a angústia de suprimento d'água, era urgente a construção de um aqueduto que a trouxesse das vertentes da serra do Silvestre até ao centro da cidade. Naquele mesmo ano começaram a tratar da grande emprêsa, mas sòmente sete anos depois, isto é, em 1624, foram iniciadas as obras. Paralisadas estas por falta de «verba» (oh! palavra tremenda!) só em 1648 foram estudados novos projetos para o prosseguimento do aqueduto. Em 1656 os cariocas se encheram de esperanças... Mas tudo não passou de esperanças, virtude esta que se prolongou até 1672! Felizmente, em 1673 (cinqüenta e seis anos após as primeiras providências!), os trabalhos do aqueduto foram realmente começados. O povo já cansado de sofrer e de esperar, viu, jubiloso, os Arcos Velhos da Carioca conduzindo água das serras até Santa Teresa, conhecido àquele tempo por Morro do Destêrro, e continuando ainda para a igrejinha da Ajuda. Então houve mais um pulo: Aires Saldanha aproveitou o aqueduto, levando água até ao chafariz que mandou construir no Largo da Carioca, obra de arte e de história do Rio, desaparecida de 1925 para 1926, pelas exigências compulsórias do progresso e da civilização. Quanto aos Arcos, foram aumentados depois com um segundo andar e convertido em viaduto para os bondinhos de Santa Teresa, tendo sofrido duas «intervenções» cirúrgicas nos arcos das extremidades para desafogar o trânsito. E ostenta, num dos pilares, a inscrição memorável:

EL REY D. JOAO V N. SR. MANDOU FAZER ESTA OBRA PELO ILLMO. E EXMO. SR. GOMES FREYRE DE ANDRADA DO SEU CONS. SARG. MOR DE BATALHA DE SEUS EXERCIT. GOVR. E CAPIT. GENRL. DAS CAPTNS. DO RIO DE JANR. E MINAS GERS. ANNO MDCCL.

Com o aqueduto, os habitantes do centro da cidade livraram-se das águas em barris, potes e talhas vindas do Catete e das Laranjeiras. O chafariz do Largo da Carioca foi o maior presente do século XVIII. Mas o Rio continuou a inchar, a desenvolver-se, a transpor morros, a esparramar-se pelos subúrbios, e o seu povo a crescer também nas angústias da falta de água. Ruy Barbosa, há meio século, advertia os nossos administradores sôbre as aflições do povo em futuro próximo. E tudo o que se previu, sucedeu muito mais cedo do que se esperava. O serviço de água nesta Leal e Heróica S. Sebastião do Rio de Janeiro volta ao mesmo nível de 1617, quando os cariocas andavam mendingando entre os índios, uma vazilhinha do líquido insubstituível. Em Copacabana, o autor desta crônica já tem pago cinco cruzeiros por uma lata d'água, e dois por uma moringa. E dá, ainda, muitas graças a Deus. Aproveitando agora o dia do padroeiro da cidade, o milagroso Oxóssi, em nome dos 300 mil flagelados da zona sul, faz um apêlo ao Santo e lhe promete uma vela dêste tamanho, se aparecer no Rio um novo Sargento-Mor de Batalhas que construa mais aquedutos, e outros Aires de Saldanhas, que nos presenteie com chafarizes... Porque, atualmente, nem índio mais há, para socorrer-nos.

RENATO DE ALENCAR

A PERSONAGEM da SEMANA



É o sr. Dwight D. Eisenhower que, eleito Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, prestou o juramento legal e tomou posse do cargo no dia 20 do corrente pronunciando as seguintes palavras: — «Juro solenemente desempenhar fielmente, com a ajuda de Deus, o cargo de presidente dos Estados Unidos e, até o máximo de minha capacidade, preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos».

São dizeres protocolares ou melhor constitucionais. Porque, dentro dos princípios e postulados democráticos, há sempre pontos-de-vista pessoais em cada govêrno, máxime nos países de regime presidencial.

Assim, o mundo inteiro acompanha com interêsse a ação do novo Presidente. Das festividades da posse de Ike, a REVISTA DA SEMANA dará ampla reportagem nos próximos números.

A SEMANA EM REVISTA



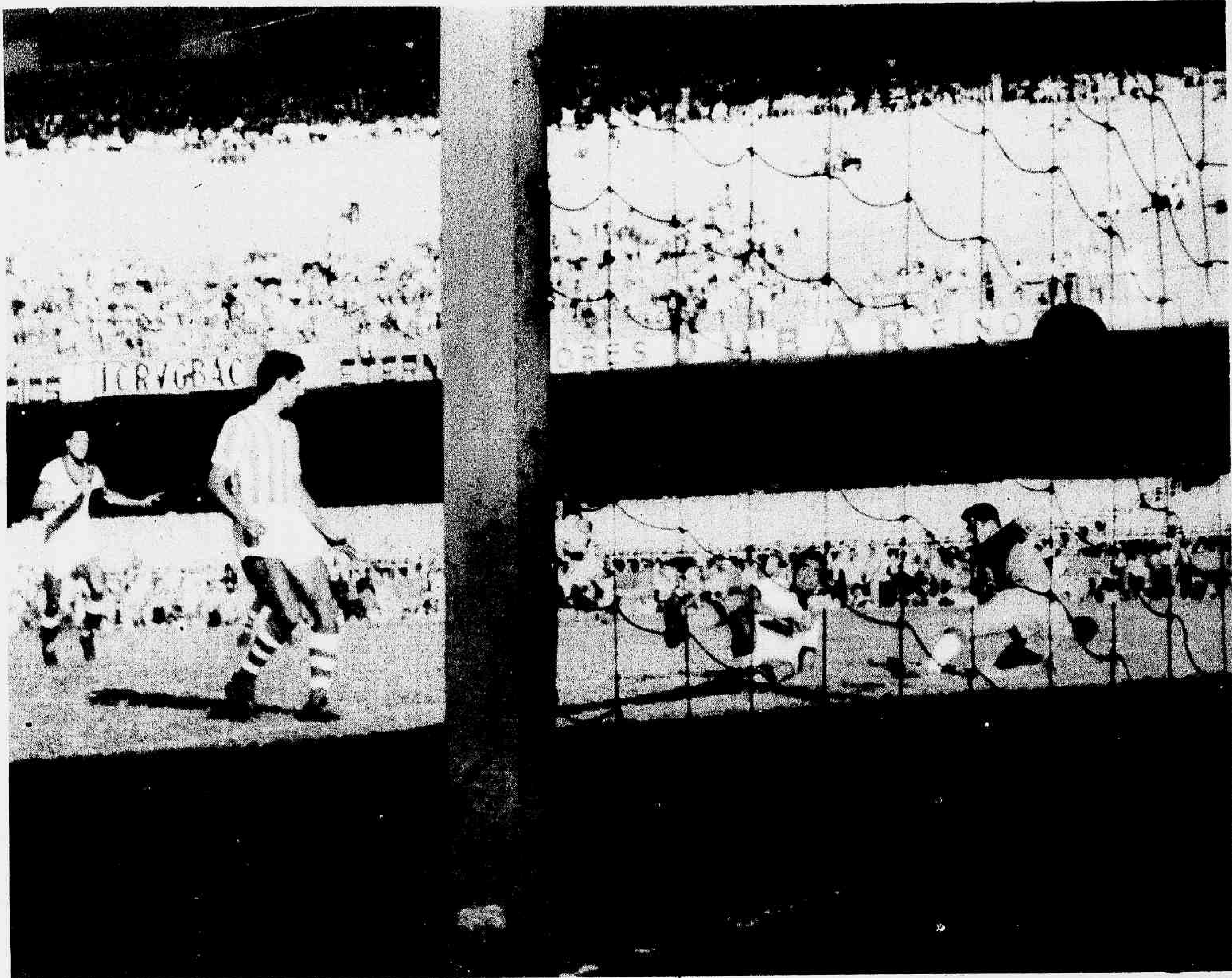
Em dias da semana passada se realizou a solenidade da posse do professor Maciel Pinheiro, novo diretor da Biblioteca Municipal, situada na Av. Presidente Vargas, desta capital, em substituição ao Sr. Edgar James Filho. Na foto registramos uma fase do ato, quando discursava o novo titular, vendo-se o prof. Roquette Pinto, o Sr. Simões Filho, Ministro da Educação e o prof. Roberto Bandeira Acioli, Secretário Geral de Educação e Cultura, da Municipalidade.



NO LEME: — Ou a água, ou a vida.



O cinema brasileiro vai lançar «O Cangaceiro»; mas, antes de qualquer seqüência a rodar, os seus diretores quiseram ouvir a opinião de um entendido no assunto. E mandaram convidar o famoso «Volta Sêca», um dos comparsas de Lampião. «Volta Sêca», em liberdade por livramento condicional, se não nos enganamos pela Justiça da Bahia, foi a S. Paulo e lá tiraram êste flagrante precioso: êle, ao lado da encantadora artista Marisa Prado, examina o material fotográfico a fim de dar seu parecer. A Bela e a Fera... convertida em técnico em filmes de sua interrompida carreira de cangaceiro. Não há dúvida. «The right man in the right place...»



Três dos mais populares e importantes clubes do Rio — Vasco, Fluminense e Flamengo — estavam candidatados a exibir a faixa de campeão de futebol da cidade em 1952. Mas, desde cedo o Vasco se colocou em tal posição perante os mais aproximados concorrentes, que foi liquidando as esperanças dos pretendentes mais categorizados. E veio o momento final e culminante da temporada, quando o Vasco, com apenas uma derrota e empates, se sagrou Campeão de 1952. Aqui vemos o lance que decidiu o triunfo para o Vasco, com Vavá fazendo o «goal» da vitória para seu clube.





Raimundo da Silva, mineiro residente em Jaú, S. Paulo, do serviço de Rádio Patrulha de S. Paulo, construiu a primeira Máquina de Votar, para o Brasil, registrando-a oficialmente, conforme publicação no «Diário Oficial» de abril de 1950 e Têrmo 47707, de 16 de agôsto de 1948. Seu engenhoso aparelho se compõe de três peças essenciais: Qualificação Mecânica, Album Transmissor e Receptor-distribuidor. Agora, que se fala em mecanizar a apuração de votos eleitorais, o invento dêsse brasileiro esforçado e capaz, deve ser examinado pelo nosso Supremo Tribunal Eleitoral.

Êsse conhecido estimulador da Arte Teatral entre os jovens, vereador à Câmara do Distrito Federal e apaixonado da cultura do povo, Pascoal Carlos Magno, fêz anos a 13 de janeiro. Os alunos do Teatro Duse, em Santa Tereza, se reuniram e, depois de manifestar ao aniversariante tôda a sua consideração e aprêço, ofereceram-lhe um presente. E aqui vemos Pascoal Carlos Magno no instante de receber a lembrança dos estudantes, agradecendo a gentileza da lembrança. E a cena está até um tanto teatral, embora não se trate de ficção, e sim de um ato baseado na mais profunda sinceridade.

MILHARES DE "FANS" ACLAMAM O PRÍNCIPE DA VOZ!!!



O programa já terminou, mas as «fans» não desejam sair tão cedo do auditório da RÁDIO BANDEIRANTES. E João Dias, o Príncipe da Voz, acompanhado pela orquestra de SILVIO MAZZUCA, o melhor «band-leader» da cidade, é obrigado a cantar números extras para atender aos desejos de suas inúmeras admiradoras, centenas das quais esperaram, pacientemente, nas filas desde as primeiras horas da tarde!



Nenhuma «fan» quer ficar distante de João Dias. Tôdas elas abandonam os seus lugares e correm para perto do palco, a fim de ouvir bem de perto o Príncipe da Voz. Estas são as cenas que ocorrem no magnífico auditório da RÁDIO BANDEIRANTES tôdas às quartas-feiras à noite e tôdas às sextas-feiras, no programa «Expresso da Alegria», levado ao ar por esta emissora.

JOÃO DIAS, O ASTRO EXCLUSIVO DA RÁDIO BANDEIRANTES, A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA, PROVOCA SENSAÇÃO NA CAPITAL DE S. PAULO! CONSAGRAÇÃO DEFINITIVA DO SUBSTITUTO DE FRANCISCO ALVES EM PROGRAMAS QUE ARRASTAM MULTIDÕES AOS ESTÚDIOS DA RUA PAULA SOUZA ★ O MUNDO FEMININO EM FESTA NOS 480 QUILOCICLOS!

QUARTA-FEIRA. 21,30 horas. Rua Paula Souza, 181. A Rádio-Patrulha é chamada a manter a ordem defronte a Rádio Bandeirantes. Milhares de moças desejam «ingressar no auditório da mais popular emissora paulista. Centenas e centenas de «fans» aguardam pacientemente nas filas a vez de subir para o quinto andar, onde aparecerá em carne e osso o maior cantor da atualidade! São estas as cenas que os paulistanos assistem tôdas as semanas, testemunhando a consagração definitiva do

(Cont. na pág. 34)

ISAURA

Conto DE VASCONCELOS MAIA
Ilustração DE RAMON



O que caracteriza a ligação de Everaldo Marinho dos Santos e Isaura, simplesmente Isaura, era a antipatia profunda e exibida da mulher. Ela sempre lhe dizia quando êle tentava um tímido protesto:

— Você vem aquí porque quer. Lhe chamo? Não. E só fico com você porque preciso de viver, porque tenho de aturar todo mundo.

Recebia-o sem alegria, de cara amarrada e embora não o botasse para fora, recebia mal até o dinheiro que êle lhe dava. Não era por capricho nem manha que Isaura procedia dêsse jeito:

— Não sei o que é, mas não topo êste cara — dizia ela às companheiras. E era sincera. Poderia fingir pelo menos indiferença — aconselhavam-na. Ao que ela retorquia enojada:

— Ah! minha filha, fingir não posso. Se fingir arrebento.

Começou numa noite qualquer, igual a tantas. Eram onze horas da noite e o bairro da Sé fervilhava na caçada das prostitutas ao homem. São dois instantes típicos da Bahia, semelhantes pela repetição, embora opostos pelos personagens que os vivem e pelos motivos que os movem; das cinco às seis da tarde é o desfile das coquetes baianas na rua Chile, num tumulto de carnes bem nutridas, de corpos e olhares provocantes, de perfumes caros e trajos à última moda, na ostentação da frivolidade e na busca de flertes e galanteios. E das dez às doze da noite, da Ajuda até ao Terreiro, as prostitutas ralés que não têm fregueses certos, rastejam de suas tocas do Mangue, passeiando os corpos necessitados e doentes na ânsia de conseguirem um homem que lhes garanta casa e feijão do dia seguinte.

Everaldo Marinho dos Santos seguiu Isaura como em todos os sábados seguia qualquer. A mulata era semelhante a muitas e em casa nada fêz de extraordinário para que êle voltasse, do modo que voltou. Entretanto o homem se enrabichou e daí vinha vê-la quase tôdas as noites.

Era feio, míope, pequeno, tímido. Era um recalcado. Não namorava filhas de família porque "sabia" que seria desprezado. Desde adolescente acostumara-se ao amor pago. E só o conhecendo, dêle não mais podia prescindir.

Tomado de paixão por Isaura, tudo lhe prometia, dentro dos seus recursos de pequeno funcionário. Não podia dar muito: mas casa, comida, confôrto de pobre, êle garantia. Mas Isaura recusava. achava chato ter de viver só com um homem, só com aquêle homem. E num gesto de raiva impotente comentava como as colegas:

— O mundo é assim mesmo. Quem eu quero que me dê tudo isso, não me dá senão bofetadas.

Ao que as outras torciam-se de riso, troçando de Everaldo, apelidando-o o "pato" de Isaura.

*

Ora, aconteceu que Isaura apanhou uma gripe brava. Estava fraca. Não ligou importância à doença. Continuou na mesma vida. A gripe se foi, mas a tosse ficou. Numa manhã, ao acordar, escarrou grosso. Olhou, viu sangue.

O mêdo fê-la esconder o fato de todos. Mas, com pouco, teve uma hemoptise quando almoçava. Então se largou na cama, muda, abatida, temerosa da tuberculose, temerosa da morte.

A dona da casa danou-se. Ficou remoendo um jeito de botar a tísica no ôlho da rua. Se ela não caisse fora, o freguês não entrava mais, ouvindo aquela tosse atroando na cama. O fuzileiro Teotônio soube de tudo por Hermenegildo, mas disse que tinha de viajar, pois fôra transferido para Natal. Restava o "pato".

— Vamos ver o que o troço faz — esperou a dona da casa, baseada pessimistamente em sua experiência sôbre os homens.

Mas Everaldo foi decente — concordou. Ficou até alegre pela doença de Isaura. E explicou: sua alegria não era vingativa, não. Pelo contrário, agora poderia tomar conta de Isaura. Então a dona da casa fingiu grande interêsse:

— Mas como o senhor vai fazer? A pobrezinha não pode ficar assim fechada desta forma. Além disso há muita gente morando aquí. O senhor sabe... por mim... mas tem as outras...

— Dou jeito — êle asseverou.

Virada para a parede, Isaura nem estava aí. Parecia que a conversa não era sôbre ela. Não turgia nem mugia. Everaldo sentou-se ao seu lado.

— Isaura, eu moro só com mamãe, numa casinha em Brotas. O clima é uma maravilha. A casa é de pobre, já lhe disse, mas onde há lugar para dois cabem três. Mamãe não tem birra com ninguém e lhe tratará direitinho. Você quer ir?

Ela sabia que não lhe restava outra alternativa. Mas se não olhava para êle, piorou a teima, continuou nada dizendo com raiva daquele homem, com raiva da bondade daquele homem, só pensando no fuzileiro Teotônio que não fôra transferido, não viajara, que Hermegilda via tôdas as noites em deboches com a Firmina.

*

A doença ainda não a havia estragado muito. Sòmente um pulmão estava afetado. O tisiólogo assegurou que ela ficaria boa. Mas Isaura não acreditou. Sabia que "aquilo não tinha cura". E só depois de muito trabalho de persuasão, consentiu em tratar-se. Deixou que lhe instalassem o pneumotórax. Mas surgiu um contra-tempo comum: havia aderências pleurais impedindo que o gás comprimisse o pulmão doente. Os escarros de sangue continuavam:

— Eu não disse ? Eu não disse ? ela se enraivecia, afirmando que queriam matá-la de tanta agulhada. A operação a que deveria submeter-se foi efetuada depois de novos sacrifícios, tanto de Everaldo como do tisiólogo. E só a ameaça de morte que vinha no sangue, fê-la decidir-se. Logo

(Cont. na pág. 41)

A BEM AMADA

— Querida Avícia, perdôe-me se não corresdondi ao seu beijo, no dia de minha chegada, como deveria ter feito. Estou perdoado? Diga-me que sim. E agora, ouça, porque vou dizer-lhe uma coisa que nunca disse a nenhuma outra mulher, viva ou morta. Quer casar comigo?

— Comigo?! Eu, que, segundo me disse minha mãe, sou uma moça vulgar?

— Não, não és, querida. Tu me conheces desde menino, e as outras, não.

De uma forma ou de outra, procurava Jocelyn Pierston rebater as objeções que ela lhe apresentava, e, embora lhe não desse imediatamente o "sim", combinaram em encontrar-se à tardinha, a fim de irem juntos à ponta meridional da ilha, lugar êste que se chamava Beal, ou Bill para os forasteiros, detendo-se na traiçoeira caverna denominada **Cave Hole**, na qual o mar rugia e espumava furiosamente, da mesma forma como o fazia, quando êles dois iam ali, quando ainda eram crianças. Para que ela se equilibrasse com segurança, enquanto olhava a gruta, êle lhe ofereceu o braço, que ela segurou, pela primeira vez como mulher, depois que nêle se amparara, centenas de vêzes, como simples amiguinha de infância. Em sua caminhada chegaram até ao farol, onde permaneceram largo tempo, sem que Avícia se lembrasse que, naquela mesma tarde, teria que recitar uma poesia no palco de Street of Wells, a aldeia que dominava a entrada da ilha, e que já crescera bastante para converter-se em vila.

Sabendo do caso, Pierston pediu:

— Recite-a! Quem haveria de dizer que alguém viesse recitar aqui, a não ser o eterno declamador que escutamos, o nunca silencioso mar!

— Oh! E' que já agora nós outros somos completamente intelectuais. Especialmente no inverno. Mas, Jocelyn, você, de certo, não quer vir ao recital, não? Espero que sim, pois, se você comparecesse, eu botaria a perder minha parte. E desejo desempenhar-me tão bem como as demais.

— Se você não quer, não irei. Mas prometo esperá-la à saída para levá-la a casa.

— Sim! — Exclamou Avícia fitando-lhe o rosto.

Avícia se julgava então completamente feliz. Nunca pudera ter acreditado, naquele aflitivo dia da chegada de Jocelyn, que viesse a ser tão ditosa ao seu lado. Ao chegarem ao ponto mais oriental da ilha, começaram a marcha de regresso, a fim de que ela tivesse bastante tempo para ocupar seu lugar no palco das declamações. Pierston cumpriu a palavra e foi para sua casa. Já anoitecia, quando êle prevendo já ser hora de ir esperar Avícia, tomou o caminho de Street of Wells.

Sentia-se invadido por preocupações. Conhecia Avícia Caro desde muito pequenina, e tinha a impressão de que não sentia por ela, pròpriamente amor, e sim, apenas uma amizade de irmão. Estava assustado com as conseqüências daquela manhã, ao dizer-lhe, num impulso emocional, que desejava ser o seu espôso. Não que fôsse problema para êle, a possível interposição entre Avícia e Joce, por parte de mulheres a quem êle havia atraído, mas porque tudo o que estava a fazer não passaria, talvez, de uma fantasia de jovem imprudente, sem que o ídolo a quem festejava, constituísse parte de sua personalidade.

★

Sempre foi fiel a sua Bem Amada, tomando ela várias denominações. Cada uma, fôsse Luzia, Joana, Flora, Evangelina, ou qualquer outro nome, havia sido simplesmente uma condição transitória de Ela. Pierston não

Resumo da parte já publicada: — Jocelyn Pierston, jovem escultor, voltava à ilha em que residia seu pai, depois de alguns anos de ausência. Ao passar pela casa da família Caro, vizinhos seus, foi recebido efusivamente pela senhora Caro, e sua filha Avícia, excedendo-se, beijou o rapaz. Isso causou preocupações da genitora da jovem, que a admoestou. Avícia se mostrou muito sentida e chorou. O rapaz procurou consolá-la, mostrando que ela nada fizera de mais.

considerava isto como excusa ou defesa, senão, apenas, como um fato. Talvez, quem sabe, a sua Bem Amada não fôsse feita de matéria tangível. Seria um espírito, um ideal, um sonho, um frenesi, um conceito, um aroma, a luz de uns olhos, o abrir de uns lábios... Sòmente Deus sabia o que em verdade era. Pierston, não. Pierston a acreditava indescritível.

Pelo não considerar que sua Bem Amada fôsse um fenômeno objetivo existindo pelas fatais influências de sua linhagem e nascimento, atemorizava-se ao descobrir nela espiritualidade fantástica e independente das leis e imperfeições físicas. Nunca sabia onde ir encontrá-la na próxima vez, nem até onde o conduziria, pois tinha imediato acêsso a tôdas as categorias e classes sociais e a qualquer residência humana. Por vêzes sonhava, durante a noite, que sua Bem Amada era a "filha de Zeus" em pessoa, a tramadora de artifícios, a implacável Afrodita, resolvida a atormentá-lo pelos pecados que contra ela havia cometido em seu atelier de Arte. Compreendia que amava a misteriosa criatura onde quer que a encontrasse, tivesse olhos azuis, negros ou castanhos, compleição corpulenta, delgada, ou roliça. Nunca estava ela em dois lugares simultâneamente; porém, até então, nunca havia estado por muito tempo em um mesmo lugar.

Como já havia compreendido isto com tôda a clareza, antes de falar com Avícia, procurava evitar maiores preocupações e exasperamentos. Sabia êle que, aquela que soube seduzi-lo sempre, conduzindo-o para onde bem queria, como se o puxasse por um fio de sêda, não havia permanecido nunca muito tempo em um mesmo tabernáculo de carne. Era impossível dizer se, por fim, ficaria definitivamente em algum lugar com sua Bem Amada.

Se tivesse convencido de que ela se iria manifestar em Avício, esforçar-se-ia em crer que aquela ilha era o ponto final de suas aventuras e migrações, e, neste caso, manteria sua declaração de amor. Mas, seria que Avícia era mesmo a sua definitiva Bem Amado? Esta pergunta que fazia a si mesmo era bastante perturbadora.

Pierston chegou à borda da colina e desceu até à aldeia, em cuja larga e reta rua em estilo romano não tardou a encontrar o edifício em que Avícia deveria ter declamado, pois estava todo iluminado. O ato ainda não havia terminado, e, dando volta ao salão, pôde observar de um bom local, tudo o que se passava no tablado. Imediatamente à sua chegada, tocava a vez a Avícia. Sua encantadora perturbação diante do público, afastava as dúvidas de Pierston. Em verdade, era ela a que se poderia chamar uma "primorosa" garôta, muito simpática, mas, essencialmente primorosa, uma dessas moças com quem os riscos do matrimônio se aproximam de zero. Seu olhar inteligente, sua fronte espaçosa, seu ar pensativo davam a Pierston a certeza de que, dentre tôdas as jovens a quem havia conhecido, nenhuma encontrou com mais encantadoras e consistentes qualidades como Avícia Caro. Não era isto simples conjectura, pois a conhecia desde muito tempo,

e por completo, em tôdas as suas modalidades e temperamento.

Pela rua passou pesada carruagem, mas o ruído que produziu não pôde perturbar nos ouvidos de Pierston a suave e branda voz de Avícia. O auditório se manteve prêso aos lábios dela, e, ao terminar, enrubesceu ao ouvir os aplausos. Desde aquêle instante Pierston ficou à porta, esperando-a. Logo que se esvaziou o recinto, foi buscá-la no interior do salão.

A passos lentos subiram pelo Caminho Velho, tendo Avícia apoiado a seu braço, enquanto êle se firmava com ajuda da varanda lateral. Ao chegarem ao último degrau, deram meia volta e se detiveram. A sua esquerda os raios do farol riscavam o firmamento como um leque, e em frente a seus pés, a intervalos de quinze segundos se ouvia forte pancada, surda e vigorosa, como toques de tambor. Nos intervalos ressoava prolongado ruído como o de ossos entre enormes mandíbulas caninas. Provinha da grande concavidade da baía do Homem Morto, cujas águas revôltas investiam contra as pedras dos paredões.

Os ventos da tarde e da noite parecia virem carregados de algo que sòmente êles mesmos podiam revelar. Vinham daquela sinistra baía ocidental, cujo rumor os dois enamorados estavam a ouvir. Era como se fôssem aquêles rumores surdos, como a essência ou imaginária forma da humana multidão de gente que lá embaixo jazia, todos os náufragos de barcos de guerra, navios mercantes, falúas, bergantins e outras naus; gentes distintas umas das outras, vulgares e abjetas, cujos interêsses e esperanças haviam sido tão diversos e tão distantes entre si como os polos, mas que se haviam misturado naquele inquieto leito de mar. Quase que se podia sentir ali o roçar de suas sinistras sombras, vagando em figuras tétricas sôbre a ilha, a clamar por algum Deus compassivo que viesse socorrê-los.

Sob tais pensamentos, o par amoroso andou por aquêles sítios durante largo tempo, até chegar ao antigo cemitério da igreja da Esperança, que se estendia em um barranco formado já havia séculos pela erosão do terreno. A igreja se havia desmoronado, precipitando-se com a avalanche levada pela queda do penhasco, e estêve durante muito tempo em ruínas, como a proclamar que, neste último reduto das divindades gentílicas, onde perduravam ainda costumes pagãos, o cristianismo se havia estabelecido embora precàriamente, lá bem no alto. Neste solene recanto, Pierston deu um beijo na jovem.

De maneira alguma foi êste beijo uma iniciativa de Avícia. Aquela primitiva desenvoltura parecia haver fortalecido o seu presente recato.

★

Aquêle dia foi o primeiro de um mês encantador, passado entre os dois amantes. Pierston começou a ver que Avícia, não sòmente sabia recitar poesias em reuniões intelectuais, mas ainda, que tocava piano deliciosamente e cantava acompanhando-se a si mesma. Notou também que o propósito dos que a haviam educado, fôra o de subtraí-la, mentalmente, de tudo o que disesse respeito à sua natural vida própria, como habitante de uma ilha daquela natureza; fazer dela uma cópia exata de milhares de pessoas em cuja personalidade não há nada de especial, distinto ou pinturesco; ensiná-la a olvidar tudo o que há com os seus antepassados; sufocar as baladas locais com peças compradas em loja de música de Budmouth, e o vocabulário popular pelo idioma de uma aia, que não falava o de nenhum país. Vivia em uma casa que houvera feito a fortuna de

um artista, mas, apesar disso, aprendia a desenhar quintas suburbanas de Londres, copiadas de modelos gravados.

Avícia havia notado tudo isto antes que êle o dissesse, mas preferiu sujeitar-se com a docilidade de boa filha. Congênitamente era uma ilhense, até à medula, se bem que não pudesse fugir à tendência da época.

Aproximava-se o dia da partida de Jocelyn e ela já se entristecia, mas serenamente, pois já estavam noivos com tôdas as formalidades.

Pierston pensou no costume seguido em semelhantes ocasiões pelos filhos da terra, o qual havia prevalecido durante séculos entre as famílias locais e especialmente entre os Caros e os Pierstons, pois ambas eram da velha cepa da ilha. A influência dos kimberlines, ou estrangeiros (como chamavam aos forasteiros vindos da terra de Wessex), havia interrompido, em grande parte, dito costume; mas, sob o verniz de educação de Avícia, dormitavam muitas idéias tradicionais, e Pierston tinha a maior curiosidade de saber se com a natural tristeza da despedida, se arrependeria dos progressos atuais de seu espírito mais esclarecido, esquecendo costumes antiquados e indo ao encontro de seu noivo para despedida a que êle prestava tanta atenção e tanto desejava.

CAPÍTULO III

— E cheguei ao fim de minhas férias — disse Pierston. — Que surprêsa agradável me reservava minha velha terra! E eu que não pensava estar aqui tão cedo!

— Você parte amanhã? — Perguntou Avícia intranqüila.

— Sim.

Algo parecia contristá-los. Alguma coisa além da natural tristeza de uma ausência que não havia de ser muito longe. Resolveram então que, ao invés de se despedirem durante o dia, demoraria êle sua partida até à noite, tomando o trem do correio de Budmouth. Assim teria tempo de visitar as pedreiras de seu pai; se Avícia gostasse, poderiam passear juntos pela praia até ao castelo de Henrique VIII, sôbre areias, onde poderiam permanecer e contemplar a saída da lua por entre as ondas do mar. A moça lhe respondeu que poderia ir com êle.

Assim foi que, depois de passar Jocelyn o dia seguinte com seu pai nas pedreiras, preparou-se para a viagem, e, à hora marcada deixou a casa paterna na sua ilha de pedra, para encaminhar-se pela praia até Budmouth-Regis, pois Avicia havia descido um pouco mais cedo, para visitar algumas amigas de Street of Wells, que estavam a meio caminho do local do seu encontro com o noivo. Logo que chegou na sua descida, ao banco de pedras e deixou atrás de si as últimas casas da ilha e as ruinas da aldeia destruída pela catástrofe de novembro de 1824, se deteve ao largo daquela estreita língua de terra. Andou mais umas cem jardas e novamente parou, ladeando depois o renque de pedras que se colocava como uma muralha contra a fúria do mar. Era aquêle o local em que deveria esperar Avícia para sua despedida. Sentou-se ansioso e esperou. Entre êle e as luzes dos barcos ancorados na pequena enseada, passaram, lentamente, dois homens na mesma direção em que êle teria de seguir. Um dêles reconheceu Jocelyn e lhe deu boa noite, ajuntando:

— Minhas felicitações, cavalheiro, pela escolha que fêz, e espero que as bodas não demorem.

— Obrigado, Leaborn. Veremos se o Natal nos trará essa alegria.

— Minha mulher me deu a notícia esta manhã, e me declarou: "Deus me dê vida para vê-los casados, porque a ambos eu conheço desde que andavam de gatinhas".

(Continua no próximo número).

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



A Festa

Félix não pode sair do quarto desde ante-ontem, quando a chuva o pegou brincando no quintal e ensopou-lhe a roupa. Primeiro os espirros, depois o nariz escorrendo e aquela febrezinha que lhe amolecia o corpo como uma surra. Lucila ficou preocupada, nervosa a ponto de quase esquecer que precisava ultimar os preparativos para a festa de hoje, das suas bodas de prata; mas o médico afirmou que era uma gripe à-toa, o menino não inspirava maiores cuidados além do repouso, e ela então voltou ao seu permanente estado de alegria, recaiu naquele mundo que Félix lhe trouxe quando nasceu e outra vez só pensou na festa.

— E' homem! Saberá compreender porque suas irmãs morreram... — e chorava, com um sorriso que ia num sôpro ao rosto de Félix, embrulhado no cobertor como um bichinho friorento.

Há três anos que é assim: Lucila parece moça, uma mulher muito jovem que há pouco teve o primeiro filho; e Félix é tudo para ela, veio com os seus cabelos brancos, como que num último ímpeto de criação, dela e de Gabriel. Nêle está a única esperança de se realizarem os sonhos de Lucila, em que ela não imaginou as filhas nos bordéis, pernas cruzadas e vestido suspenso, vendendo-se a tempo de minutos ou de horas. Félix foi a compensação dêsse desgôsto, das duas mulheres que não possuem mais nome, que não têm mais segredos e se chamam simplesmente Laura e Ivete.

Por sugestão de Gabriel, a criança foi levada à casa da avó e lá ficará hoje, distante do corre-corre e da barulheira que começaram logo cedo nos cômodos. A febre cedeu, Félix tem mais apetite e ficou muito satisfeito com a botina de couro marron que ganhou, mas Lucila achou que não convém êle assistir à festa, mesmo do quarto, onde certamente chegará o vozerio dos convidados, a música do quarteto de cordas que vai acompanhá-la no seu número de canto.

Gabriel sentia com Lucila o prazer de cada instante, aquela alegria que o simples gesto da arrumação de um objeto lhes provocava: a correção do quadro torto na parede, as jarras vazias se enchendo de flores e lembrando um buquê virado repentinamente para cima, o tapête novo cobrindo a sala como manto, o bôlo crivado de velas como castiçal de promessas. Parecia a festa do casamento.

— Vinte e cinco anos!

A diferença é que êles ainda não viam, como viram no mês passado, as filhas penduradas naqueles homens que caminhavam como que num convés, mas também não tinham Félix, com três anos, que agora rebenta bolas de ar coloridas e é a razão de ser da festa de bodas de prata de Lucilia. Gabriel sabe o que a festa representa para a mulher e mesmo para êle, sabe que a festa é uma espécie de júbilo da esperança que ainda lhes resta, de Félix; por isto quis também realizá-la como se fôsse a última, quer que ela seja muito alegre e bonita, o contrário da tristeza de Lucila, quando as filhas deixaram a casa para não voltar.

★

Gabriel saiu, logo depois de ser chamado num canto, pela empregada da sogra. Foi com a recomendação de não demorar, não dizer nada à mulher. Ninguém notou sua ausência, as salas estavam repletas, muita gente dançando ou vendo, a convite de Lucila, os leques adquiridos no leilão de um antiquário.

Está chovendo; os relâmpagos enfeitam a noite como a luz alternada de uma bóia no mar, e as ruas ficaram quietas, parecem ouvir a festa. Passam pratinhos de doces e taças de vinho são esvaziadas mais de uma vez. Dizem que Gabriel é um jovem, Lucila uma criança: riem de tudo. O mau tempo não impediu que os convidados viessem comemorar o dia de hoje, e êles ali estão, divididos em grupos que conversam e de vez em quando relembram o passado, o tempo em que Lucila corava à menor referência feita ao seu namôro com Gabriel.

Félix a todo momento é mencionado, todos parecem sentir sua falta, e também há parentes no seu quarto. Ficarão guardados como vieram, até que êle chegue para abri-los.

Não é a mesma voz clara e os agudos de antigamente agora se interrompem como notas de uma flauta que já não obedece mais ao sôpro, mas a expressão do rosto é bastante alegre e as mãos não se apertam medrosas à altura do colo, sentem o nervoso da felicidade. Lucila está cantando

(Cont. na pág. 41)

Conto de SALDANHA COELHO

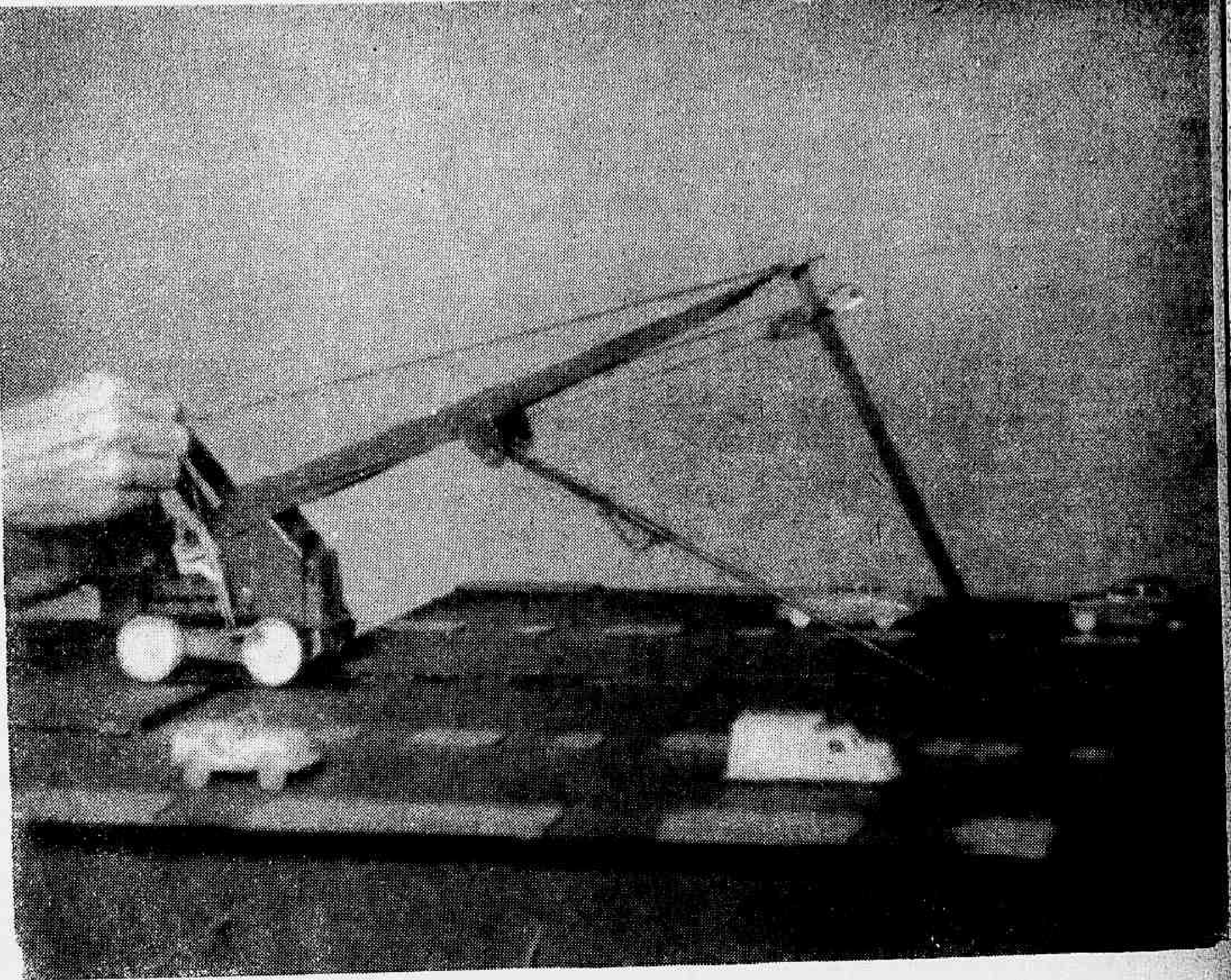
Ilustração de JERONYMO MONTEIRO



INVENTOS & INVENÇÕES

COMO REGISTRAR UMA "PATENTE" ★ O BRASIL EM SEGUNDO LUGAR, NO MUNDO, EM VOLUME DE INVENÇÕES ★ CADA INVENTOR SE CONSIDERA UM GÊNIO ★ INVENTOS APROVEITADOS NA INDÚSTRIA NACIONAL ★ SERÁ COBERTO O CANAL DO MANGUE? ★ MAIS DE DEZ MIL PEDIDOS DE REGISTRO DE PATENTES NO ANO DE 1952

Texto de LEONEL FERREIRA
Fotos de ALBERTO F. LIMA e U.C.B.



Movendo com a mão na «maquette» do que mais tarde se moverá com máquinas poderosas, o inventor mostra como se processará a limpeza do canal do Mangue no futuro...

É bem possível que você, leitor amigo, algum dia na sua vida já desejou se tornar um inventor. Por isto, quem sabe, tenha imaginado assombrar o mundo com uma invenção sua. Um novo Ícaro cruzando o espaço. Um Júlio Verne, submergindo oitocentas léguas nas profundezas do oceano. Ou mais afoito, tenha se imaginado, um ultra-moderno aviador da era dos supersônicos, procurando romper a estratosfera. Tudo é possível. Apesar de já os antigos haverem dito que não há nada de novo sob o sol, muitos andam, ainda hoje, à cata de coisas novas.



No «guichet» entram os papéis que garantem a propriedade da invenção. Prudência.

Mas convenhamos que, de fato, o amigo leitor é um inventor. Sem tantas pretensões é um inventor modesto. Quase anônimo. Porém como todo mortal, aspira à celebridade. O que deve fazer para que o seu invento se torne conhecido e mais tarde útil à coletividade? E' muito simples. Deve obter patente de sua invenção.

Vamos ver como isto acontece. No quinto andar do Ministério do Trabalho, funciona o Departamento Nacional da Propriedade Industrial. Órgão destinado a proteger a propriedade industrial, em sua função econômica e jurídica. Como tal, reconhece e garante os direitos daqueles que, de qualquer maneira, contribuem, com o produto de sua invenção, para o desenvolvimento do progresso. Mantém a lealdade da concorrência no comércio e na indústria. Estimula a iniciativa particular, o poder da criação, de organização e de invenção do indivíduo.

No guichet da Seção de Comunicações do DNPI, deposita o inventor o seu pedido de registro de patente. Em geral o faz por intermédio de um procurador. Uma pessoa que presta fiança e é designada para tal, pelo Ministro do Trabalho. A Propriedade Industrial registra as patentes de invenções, modelos e desenhos de atividades, desenhos e modelos industriais, variedades novas de plantas, marcas de indústria, nome comercial, títulos de estabelecimentos, insígnias comerciais ou profissionais, expressões ou sinais de propaganda e recompensas industriais, etc.

Uma invenção deve ter as características essenciais. Ser uma novidade. Ser de provável utilização. Para ser uma novidade é preciso que nada tenha existido de parecido, antes da entrada do processo de registro. A utilidade consiste no seu aproveitamento industrial.

OS PROCURADORES E A BUROCRACIA

Além dos funcionários do DNPI, que atendem regularmente, há os procuradores. São pessoas capacitadas por concurso que se incumbem de prestar assistência aos processos. Para isto são bem pagos pelos portadores de pedidos de patentes. Trabalham assìduamente no sentido de que seja removido algum impasse surgido durante o tempo exigido para o registro.

Dada entrada no processo vai êste às mãos dos técnicos da Propriedade Industrial. Depois de minucioso exame é dado à publicação. Quando se trata de uma invenção de caráter sigiloso, como inventos bélicos, aparelhos técnicos e máquinas especiais, tem que se ouvir a opinião dos Departamentos a que se prendem aquelas descobertas. A publicação é feita no "Diário Oficial" por espaço de trinta dias. E' o período estabelecido para oposições de terceiros. Surgindo impugnações, segue-se um prazo de 60 dias para recurso. O tempo normal para se obter uma patente é de seis a sete meses. Há casos em que vai além de doze meses.

Cabe ao Conselho deliberar sôbre os motivos que determinaram o recurso. E' órgão importantís-

(Cont. na pág. 39)

Eis aí — mais ou menos — o que será o Canal do Mangue, uma vez coberto totalmente.





LIDO... VISTO...

QUE RECORDA ESTA GRAVURA?



Um patrício nosso, passando os olhos às páginas de um dicionário enciclopédico francês, descobriu isto: — «Brésilien, enne. — O que é do Brasil, que pertence a êste país ou a seus habitantes. Lingua falada das populações americanas do Brasil. Na gíria de certos parisienses — homem muito rico. Exemplo: Madame passeia dando o braço a seu Brasileiro. Mademoiselle está bem: encontrou um Brasileiro».

E dizem por aí que, em Paris, «brasileiro» é sinônimo de «coronel». Paul Morand, em um de seus livros diz: «Il est riche comme le brésilien dont parle Darius Milhaud, que metia suas jóias num vagão de bagagens».

Bem, isso era há cinqüenta anos passados. Como será hoje?

MELHORE SEU PORTUGUÊS

(Consultório de Gramática)

C.B. (Rio) — A crase nada mais é do que a fusão da preposição **a** com o artigo feminino singular **a**. Para saber-se quando devemos crasear o **a**, isto é, usar o acento grave indicativo da fusão (à), basta que observemos o seguinte: 1) — Se, substituindo por um nome masculino, couber **ao**, também no feminino caberá **à** (a craseado). Veja: Falar **ao** professor; falar **à** professôra; vender **ao** freguês; vender **à** freguesa; comprar **ao** negociante; comprar **à** negociante. Outra regra: sempre que pudermos substituir a preposição **a** por uma combinação de **para a**, **até a**, **em a**, devemos usar crase. Compare isto: Foi **à** Paraíba (**para** a Paraíba); saiu **à** rua (**para a** rua); está **à** janela (**em a** janela, o que, aliás, só se deve dizer quando se está montado **na** janela); foi **à** farmácia (**até à** farmácia), etc. Repare a consulente, no seguinte mecanismo da crase: **à** é o mesmo que **a a**, como se escrevia antigamente. Fui **a a** rua, vamos **a a** Bahia, falou **a a** dona da casa, etc. Escrevia-se tudo junto, **aa**. O sinal de crase (́) veio evitar a duplicidade do **a**.

O popular cabaré de Paris, intitulado «Cabaret de l'Enfer» (Cabaré do Inferno) era um dos pontos da boêmia brasileira quando chegava à capital da França. Fazia parte do programa insultar os clientes à entrada. Os filhos de Rodrigues Alves disseram ao velho que nada mais divertido do que ir àquele estabelecimento de diversões noturnas. Rodrigues Alves, com a curiosidade natural dos turistas, resolveu ir até lá para ver se havia razão na insistência dos filhos. Mas voltou da porta, sem ter coragem de entrar. Quando lhe perguntaram o motivo dessa desistência, o grande brasileiro esclareceu de bom-humor: — «Ler desaforos é coisa a que já estou muito habituado; mas suportá-los na cara, isso nunca.»

QUEM DISSE ISTO:

1 Assino a carta de alforria do último escravo do Brasil.

2 Já faço parte, contra meu gôsto, de uma aborrecida sociedade, a academia do gênero humano.

3 Eis aí o único herege entre meus amigos.

4 Qual! Êstes homens o que querem é chocolate!

5 Tremei, pais de família! Don Juan vai sair à rua!

(Respostas na pág. 41)

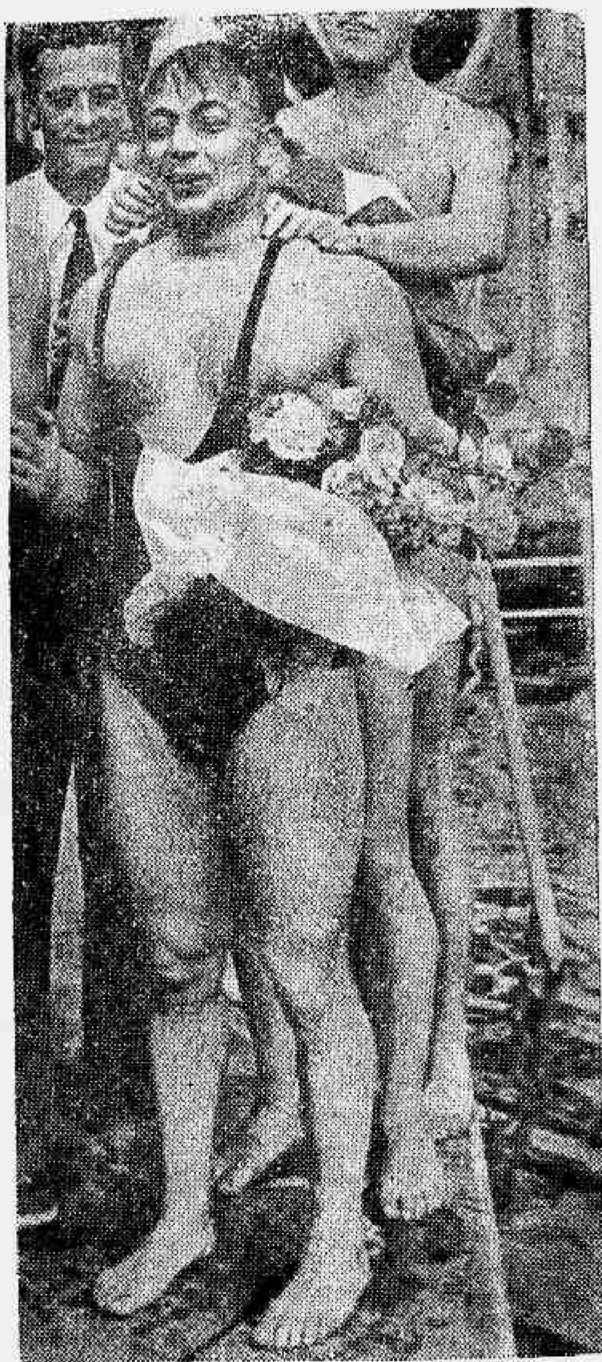
PERFUMES — DADOS



Tudo para nutrir a deliciosa vaidade da mulher moderna. Um fabricante de perfumes finíssimos e, naturalmente, muito caros, lá da França, lançou esta novidade elegante: dados com perfume dentro. Os dados são feitos engenhosamente, contendo pequenino depósito interior disfarçado com a tampa superior do dado. A coleção pode servir para jogos com tais objetos, compondo um baralho completo. Depois de usar o perfume, cada um pode movimentar os dados e ganhar mais perfumes, ou ficar apenas cheirando a sorte, de longe

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

ÊSTE SIMPÁTICO...



Êste simpático nadador é o abade Simão, pároco de Saône, em Doubs. Ei-lo aqui sobraçando uma coroa de flores que recebeu como prêmio de sua perícia. O abade Simão tomou parte numa renhida competição de mergulho, a fim de angariar dinheiro necessário para a reconstrução de duas igrejas de sua paróquia. Graças às suas exibições, já conseguiu reparar uma das igrejas, estando agora empenhado na reconstrução da segunda.

Bendita Ignorância...

Por mais estranho que pareça, a ignorância também possui benemerências. Um dos casos mais interessantes já registrados pela História é o daquele capitão francês destacado em Madagascar, sob as ordens do general Galieni. Várias tribos indígenas se recusavam a obedecer aos ocupantes estrangeiros e promoviam escaramuças perigosas com as tropas francesas. Um capitão teve então uma lembrança genial. Ao invés de meter bala naquela pobre gente, mandou convidar os maiores das tribos rebeladas e lhes falou com a maior serenidade:

— O Vahaza-Bê (que quer dizer Grande Chefe, e que era, naquele momento o general Galieni) manda dizer-lhes que, se não se submeterem no décimo segundo dia, a partir de hoje, êle fará desaparecer o sol.

Os chefes indígenas caíram na gargalhada, pois acharam risível uma coisa destas. Mas, exatamente no décimo segundo dia da advertência, os indígenas de Madagascar corriam para o comando de Galieni e, cheios de terror e arrependimento, entregavam suas armas e se submetiam pacìficamente ao estrangeiro. O ardil do capitão dera resultado. Tratava-se de um eclipse total do sol visível naquela ilha...

A COBRA É VERDADEIRA



No Zoológico de Bristol, na Inglaterra, o sr. Vic Johns, zelador do parque das serpentes daquele estabelecimento, mostra a espectadores que esta cobra de oito pés de comprimento e bastante volumosa, não faz mal a ninguém, mansinha como qualquer gato angorá de orfanato. Para provar, pediu à sua filha Valerie, de dois anos e meio, para auxiliá-lo na medida da cobra. A inimiga de Eva se chama Percy, e gosta de brincar com as crianças sôbre a grama. Mensalmente é medida para que se possa verificar o seu crescimento.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 QUAL O PÁSSARO CUJOS OLHOS TÊM A MESMA POSIÇÃO DA DOS SÊRES HUMANOS:
— A coruja?
— A gaivota?
— O gavião?

2 QUAL A AVE QUE VOA COM MAIS VELOCIDADE:
— A águia?
— O pombo-correio?
— O pardal?

3 QUANTOS METROS MEDE UMA GIRAFA ADULTA, DA CABEÇA AO SOLO:
— Dez?
— Oito?
— Seis?

4 EM QUAL GUERRA FOI USADO O SUBMARINO, PELA PRIMEIRA VEZ:
— Na russo-japonêsa, de 1905?
— Na da independência americana, em 1776?
— Na do Paraguai, com o Brasil?

5 QUEM TERIA INVENTADO O JÔGO DO XADREZ, SEGUNDO AS MAIS RECENTES PESQUISAS:
— Palamedes?
— Ptolomeu?
— Ramses II?

6 EM QUE PARTE DA AMÉRICA DO SUL E' ENCONTRADO O MAIOR CACTO DÊSTE CONTINENTE:
— Em Patos, na Paraíba?
— Em Tremembé, S. Paulo?
— Em Sobra, Ceará?

7 A QUEM SE DEVE A TENTATIVA DE PRODUZIR ALGODÃO NEGRO:
— A Edison?
— A Galileu?
— A Luther Burbank?

8 EM QUE GOVÊRNO, PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS, A ADMINISTRAÇÃO FEDERAL NÃO ACUSOU «DEFICIT»:
— No do presidente Jackson?
— No de Roosevelt?
— No de Hoover?

9 QUAL A IDADE MÉDIA DE UMA PALMEIRA REAL:
— Cem anos?
— Duzentos e cinqüenta?
— Quatrocentos e vinte?

10 QUAL A MÉDIA DAS PESSOAS NÃO SUSCETÍVEIS DE HIPNOTISMO:
— 22%?
— 18%?
— 10%?

11 EM QUE ANO APARECEU O VIOLINO:
— 1200?
— 1540?
— 1380?

12 QUAL DÊSTES ASTRÔNOMOS DESCOBRIU URANO:
— Herschel?
— Flammarion?
— Kepler?

13 QUAL DÊSTES ALIMENTOS E' MAIS FORTE EM CALORIAS:
— Castanha do Pará?
— Nozes?
— Banana?

14 QUANTOS QUILÔMETROS DE COMPRIMENTO TEM A LAGOA DE ARARUAMA:
— 80?
— 30?
— 42?

15 QUE QUER DIZER «CAPIXABA»:
— Terra lavrada?
— Cabeças compridas?
— Índios indomáveis?

(Respostas na pág. 41)

A REVISTA há 50 anos

(1 de fevereiro de 1903)

CHRONICA — O thema obrigado de todas as conversações é o Acre. Não se falla em outra cousa e toda a gente tem opiniões certas, definidas e dogmaticas sobre a questão. Muitos que ainda não há muito tempo estendiam desdenhosamente o labio inferior asseverando não valer a pena arriscar uma gotta de sangue por essa migalha de terra, são hoje dos mais ferrenhos apologistas da pancadaria internacional. E' a cohorte numerosa dos que procuram fazer-se perdoar, á força de clamorosos protestos de arrependimento, a sua incondicional adhesão aos actos ineptos, impensados ou desditosos dos que preparam esta deploravel emergência.

No entanto, um homem existe nos conselhos do governo a quem as circunstancias impõem a dolorosa tarefa de, custe o que custar, manter bem alto o prestigio do Brasil, e que tudo daria para achar-se bem longe daqui, no remanso do seu gabinete de trabalho, entregue aos seus dilectos estudos ao encanto mental de toda a sua vida. Esse, o Barão do Rio Branco, encara com magoada tristeza a tremenda possibilidade de uma guerra. Tudo prevê, tudo prepara para um **casus belli**, esgotados os recursos diplomaticos e ainda os do seu vasto saber e inteligencia. E' o seu dever; cumpril-o-ha; sempre o tem cumprido; mas cuidaes que lhe é grata a perspectiva de centenares de vida ceifadas pela morte ou pelo clima; de sangue americano tingindo de vermelho as aguas do rio mais fecundo e magestoso de todo o continente; da grande arteria da fertilidade e da riqueza? Quanto se enganam os que assim pensam e quanto erradamente avaliam da integração dessa alta mentalidade na civilização universal e solidaria!



Esse estadista que vae talvez fazer a guerra porque a isso é coagido pelos erros dos seus antecessores e porque a todas as considerações de ordem sentimental prima a dignidade da sua terra, é um apostolo da paz e da arbitragem, um servidor fiel dos immortaes principios proclamados no Congresso da Haya. Graças á penetração constante das idéas pacificas nos povos e nas chancelarias, duas questões seculares, das que outr'ora bastariam para pôr um continente a ferro e a fogo, foram resolvidos favoravelmente para o Brasil e a parte que nellas tomou o nosso representante é tão vasta e luminosa que de vez o cathegorisam entre os levitas do novo evangelho internacional. Dahi a dôr immensa, a dôr infinita que elle deve sentir ao vêr-se obrigado a recorrer a processos que tanto contribuiu para desmoralisar.

Desgraçadamente, a guerra é a **Ultima ratio** nos conflictos internacionaes que a arbitragem não poude resolver, e sel-o-ha ainda por muito tempo. A nossa chancellaria só podia adoptar o caminho que adoptou e, agora, resta-nos fazer sinceros votos para que, uma vez declarada a guerra, as nossas armas triumphem sem perdas graves, sem larga contribuição à orphandade e viuvez.

CINCO GERAÇÕES

No dia 10 de dezembro ultimo completou 85 annos de edade o sr. Barão de Vasconcellos, cuja descendencia é uma das maiores que se podem contar.

Compõe-se ella actualmente de 13 filhos, 73 netos, 37 bisnetos e 4 tataranetos.

No presente numero publicamos uma gravura na qual são representadas essas cinco gerações pelo sr. Barão de Vasconcellos; por seu filho, o Barão de Vasconcellos Rodolpho; pelo sr. José Ridgwan, neto do venerando Barão; pelo menino Rodolpho Basto Cordeiro, bisneto pelo lado materno e pelo menino Antonio Pojucan, tataraneto, pelo lado de sua bisavó, do Barão de Vasconcellos.

Esse grupo foi tirado no dia do anniversario natalicio do venerando titular, com a descendencia que então se achava nesta capital, notando-se que tem um bisneto, que reside em Liverpool, de maior edade.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

BEDUÍNA — (S. Paulo)

SONHO: — Achava-me numa cidade estranha, completamente árida; nem um jardim, nem uma árvore, nenhum fio de relva entre as pedras. Perguntava-me de que poderiam viver os habitantes daquela terra estéril que, aliás me parecia deserta, pois tôdas as casas estavam fechadas. Depois, descobri que os moradores da cidade estavam todos dormindo na rua, dentro dos seus automóveis; num dêles, um carro vermelho, minúsculo como um brinquedo, vi uma jovem loura, de longos cabelos; notei que ela dirigia o veículo para um abismo e chamei-a do alto da sacada em que, então, me encontrava. Ela me olhou e reconheci uma de minhas amigas, que me olhou sem a menor emoção e respondeu em idioma desconhecido, continuando o seu destino.

INTERPRETAÇÃO: — Vou interpretar o seu sonho literalmente, Beduína. Essa cidade estranha, árida, representa o vácuo que deve existir em seu íntimo; você julga que se alimenta das sobras da felicidade dos outros, os que têm uma vida plena: amor, riquezas, filhos, lares... Não obstante êsse seu modo de pensar, algumas vêzes se sente capaz de ser útil e procura consolar os estranhos, talvez por não se sentir compreendida pelos seus (habitantes que dormiam nos automóveis); seus sonhos de moça devem ter-se desvanecido como a nuvem que se esgarça no firmamento e desaparece (carro minúsculo); sente-se desambientada e acredita que alguma mulher haja dirigido seu destino para um abismo (mulher que guiava o auto para um precipício). Tentou sacudir o desencanto que a invadia (grito) e reconheceu que ainda poderia ser feliz (mulher que a encarou), mas apesar disso, ainda não pôde encontrar o caminho que a conduzirá ao reino encantado da paz (resposta em linguagem desconhecida); e, sem rumo certo, segue seu caminho, banalizando-se nas mil futilidades da vida social.

Pelo talho de sua letra, vejo que possui caráter elevado e uma dose bem regular de bondade, achando-se entretanto, abatida e tristonha.

ERIMMYS — (Rio)

SONHO: — Via-me dentro de uma opulenta residência, em companhia de várias pessoas desconhecidas, quando, de súbito, o teto começou a ruir sôbre nossas cabeças. Havia um homem em perigo, mas conseguiu sair ileso. Dirigi-me, incontinenti, para a parte da frente, no intuito de escapar ao perigo de desabamento; mantinha-me calma e com a íntima certeza de que nada de mal me aconteceria, observando o ambiente. Os salões eram côr de pérola, as paredes eram artisticamente trabalhadas e ostentavam ricos espelhos. Eu assistia, penalizada, à destruição daquelas obras de arte e, à medida que as paredes se contorciam e os espelhos se quebravam, eu dizia: — Isto é maldição de Deus.

INTERPRETAÇÃO: — Diz Virgílio: "Abraça a terra com asas sombrias". E é isso que tem acontecido com seus desejos de posse: ambições, amôres, estado social, sonhos que acalentou e que se foram transformando (desabamento) em modestas situações acomodatícias (homem que sai ileso do perigo). Isso não o satisfaz, entretanto, e você procura compensar êsses fracassos, estudando ou praticando algo que a seu ver, trará a elevação de sua personalidade (salões ricamente adornados). Às vêzes, você se culpa de não haver ainda conseguido galgar o ápice dos seus anelos; outras vêzes, acredita ser o desmoronamento dos seus sonhos obra do destino (maldição de Deus). Pelos esforços que fizer, Erimmys, livrar-se-á das algemas de suas limitações, seu Eu se expandirá e, quem sabe? — conquistará seu ideal, num futuro não muito remoto.

AGUARDEM

A EDIÇÃO ESPECIAL DO

ESPORTE Ilustrado

em homenagem ao

VASCO DA GAMA

CAMPEÃO CARIOCA de 1952



DIA 5 DE FEVEREIRO EM TODAS AS BANCAS

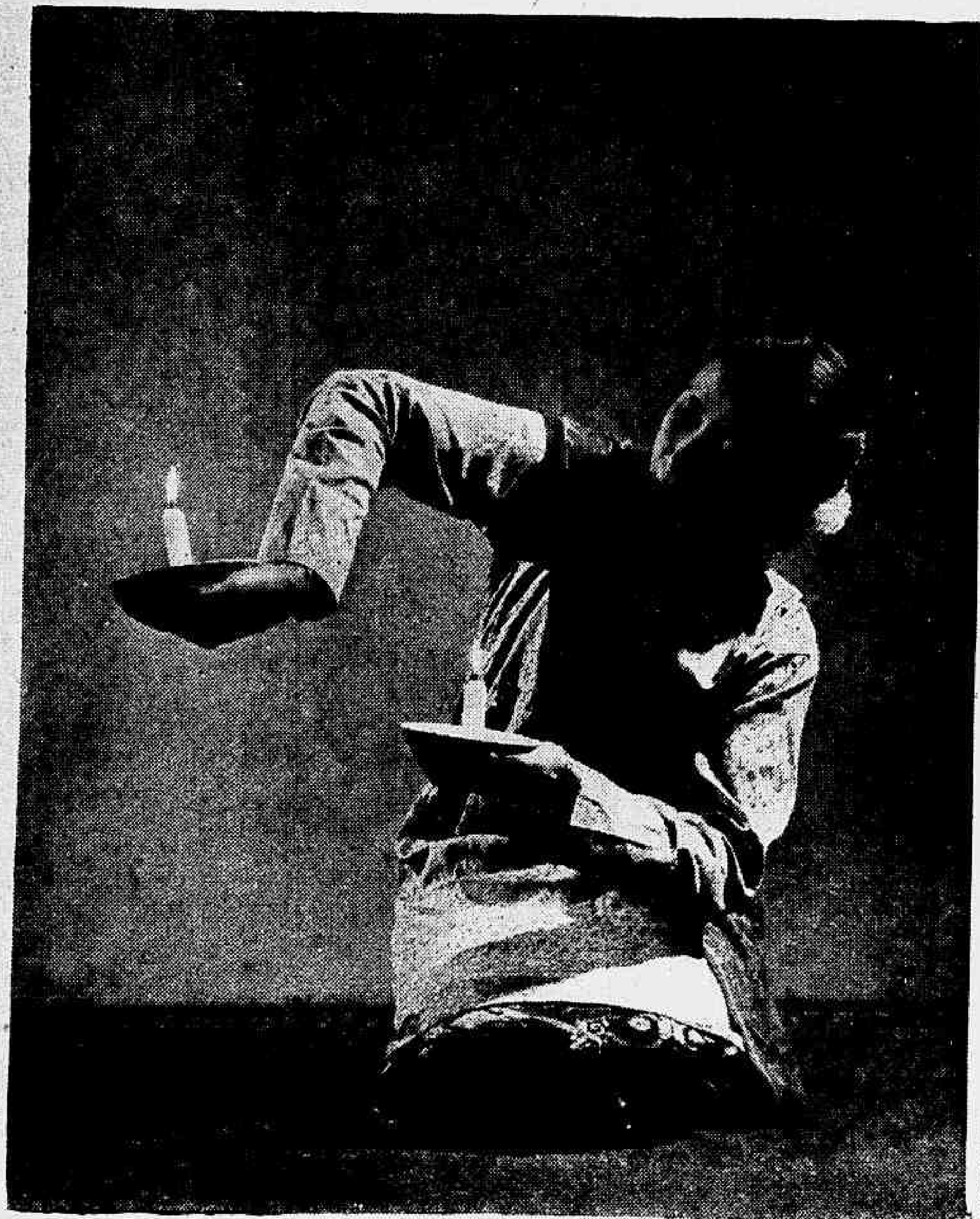


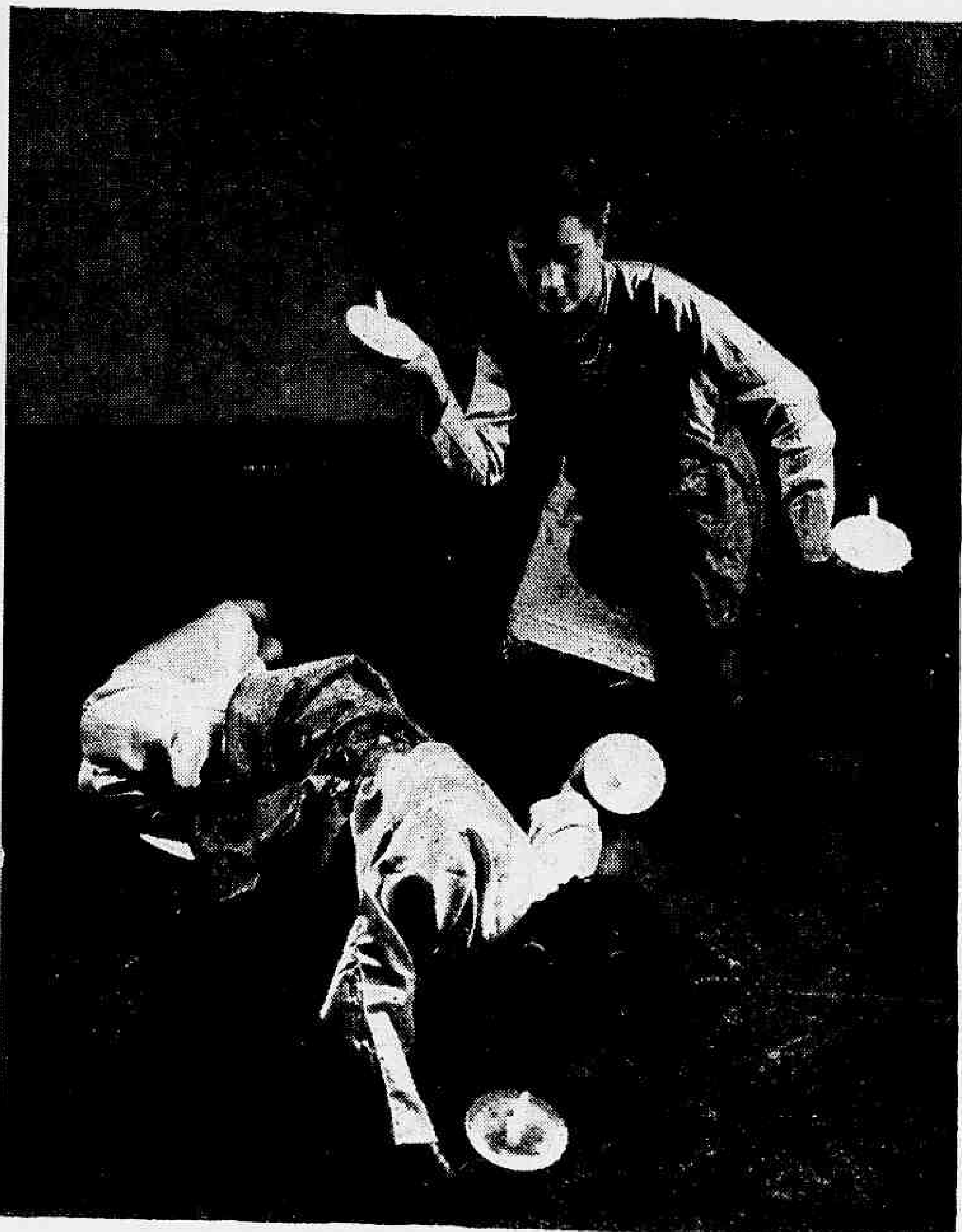


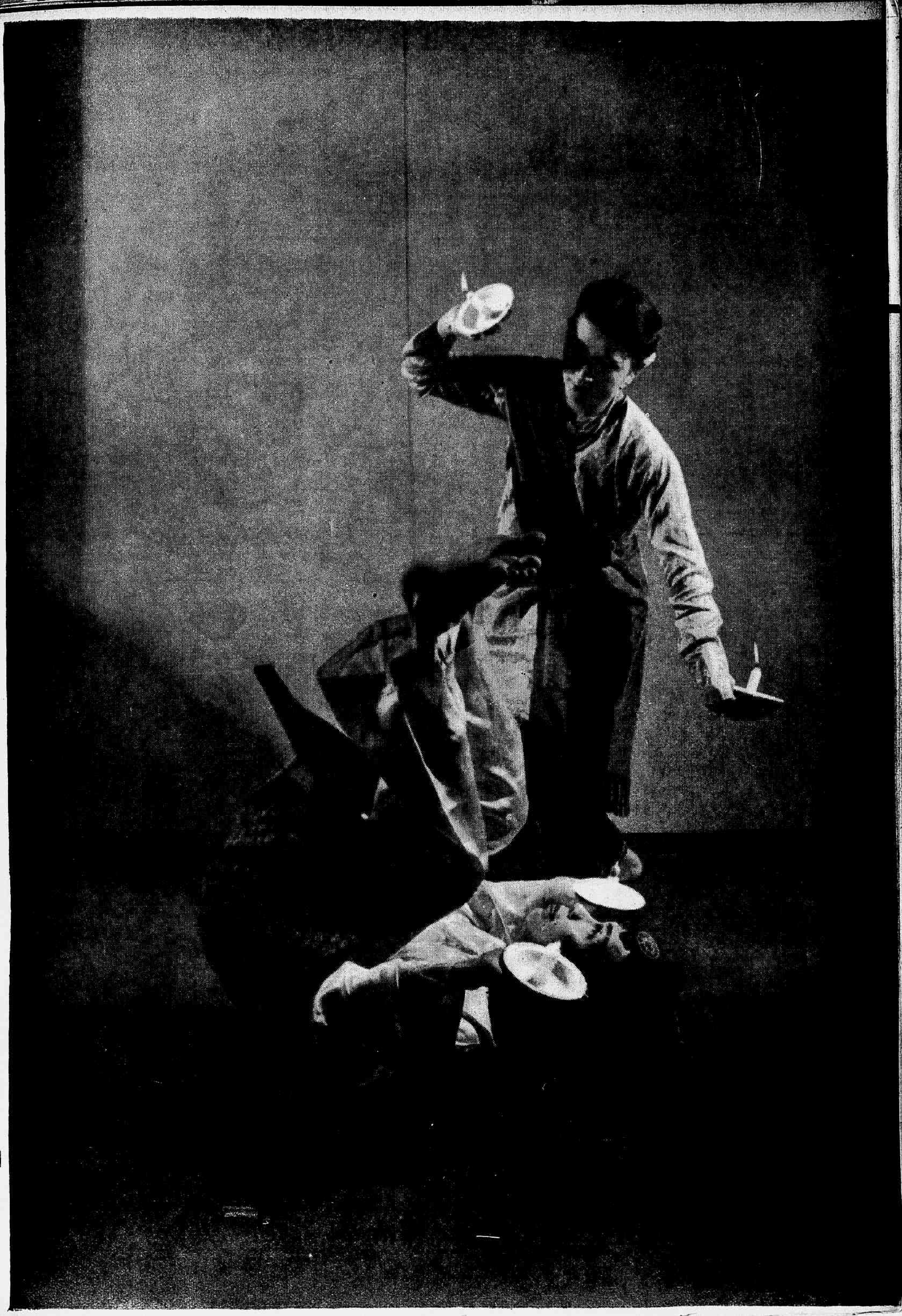
A DANÇA DO ANEL PERDIDO

A dança no oriente tem a característica principal de ser eminentemente decorativa sem deixar de descrever com gestos, ritmos, mímica um poema, um acontecimento legendário. Enquanto no ocidente estamos acostumados a ver danças populares, folclóricas ou eruditas encenadas com grande côro, as danças orientais têm mais profundidade subjetiva e com um personagem ou no máximo dois conseguem expressão estética personalíssima.

As fotos ilustram motivo indonésio: a procura do anel perdido. O par leva sôbre as palmas das mãos dois finíssimos pires de porcelana sôbre os quais duas velas acesas ajudam a hipotética procura do anel. Em todos os gestos coleantes há perfeita subordinação à música plangente tocada por uma espécie de alaúde. Os gestos são simbólicos. A busca implica no princípio ou no fim de um drama, daí as atitudes patéticas dos dançarinos.





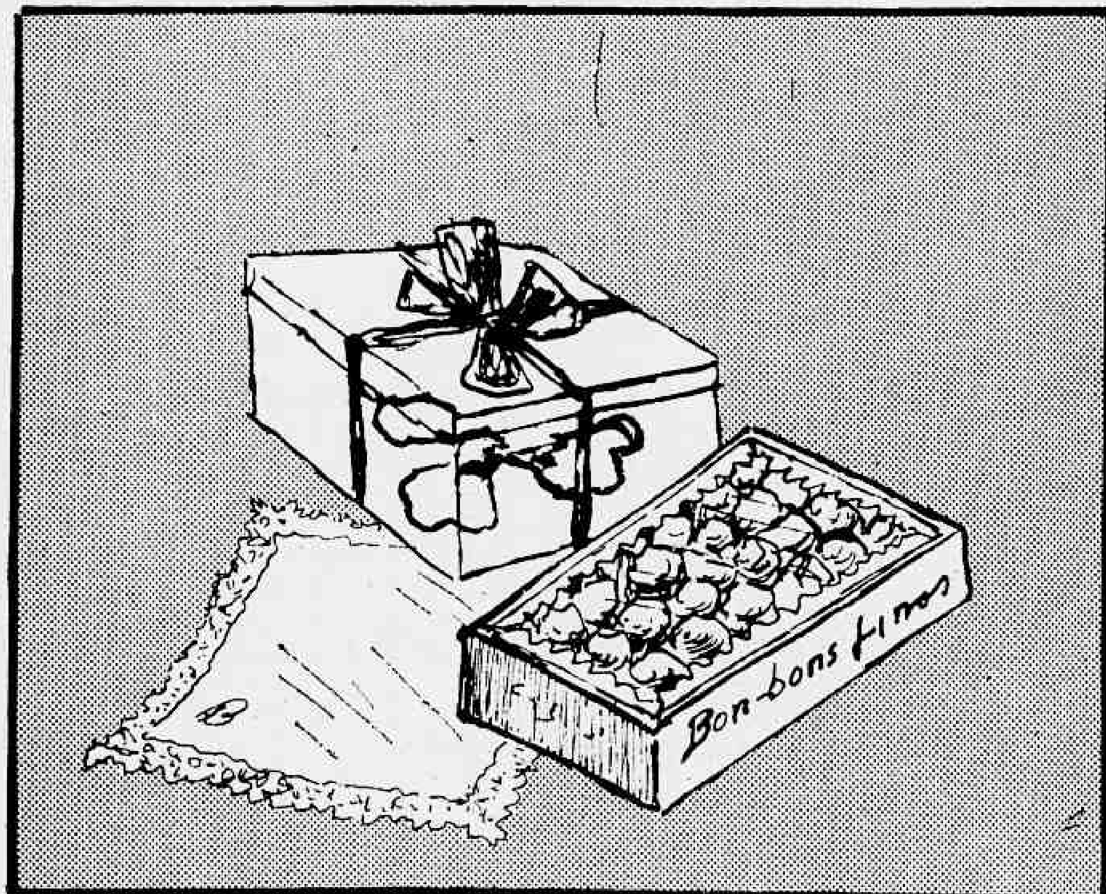


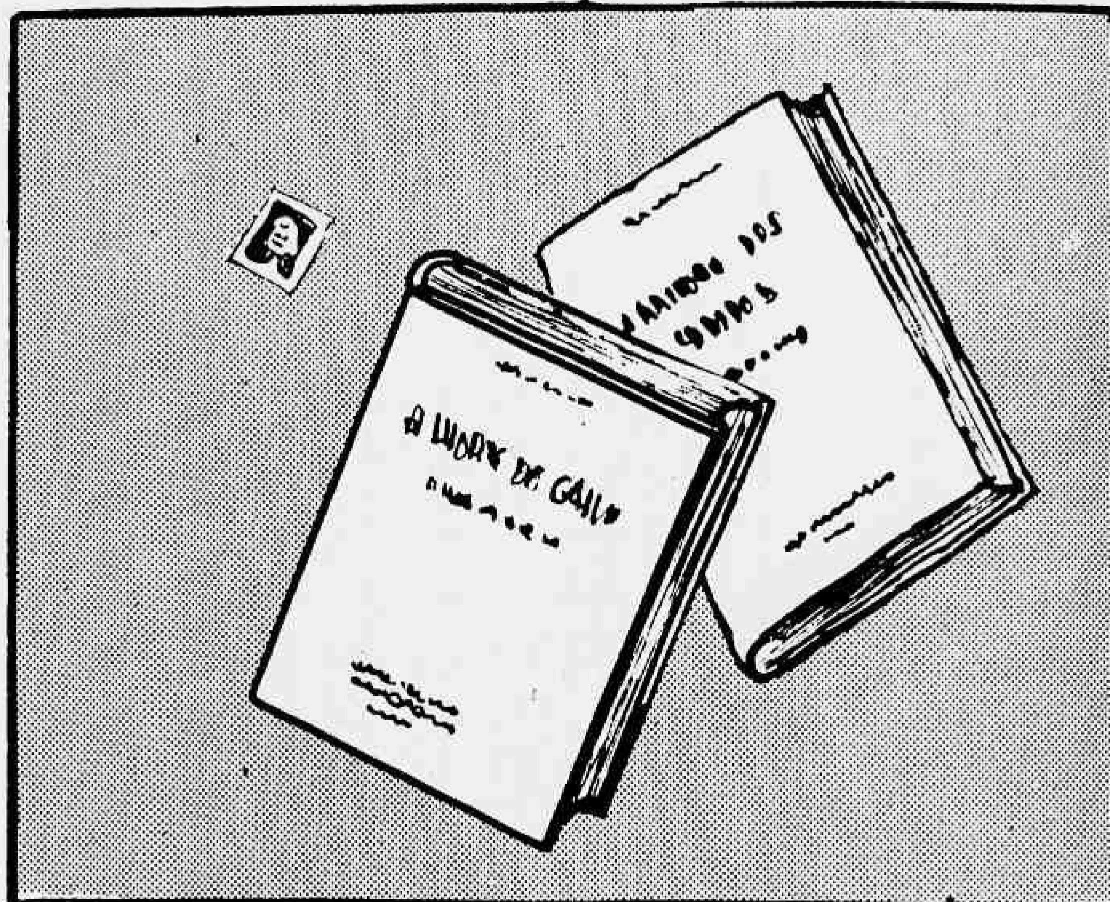
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

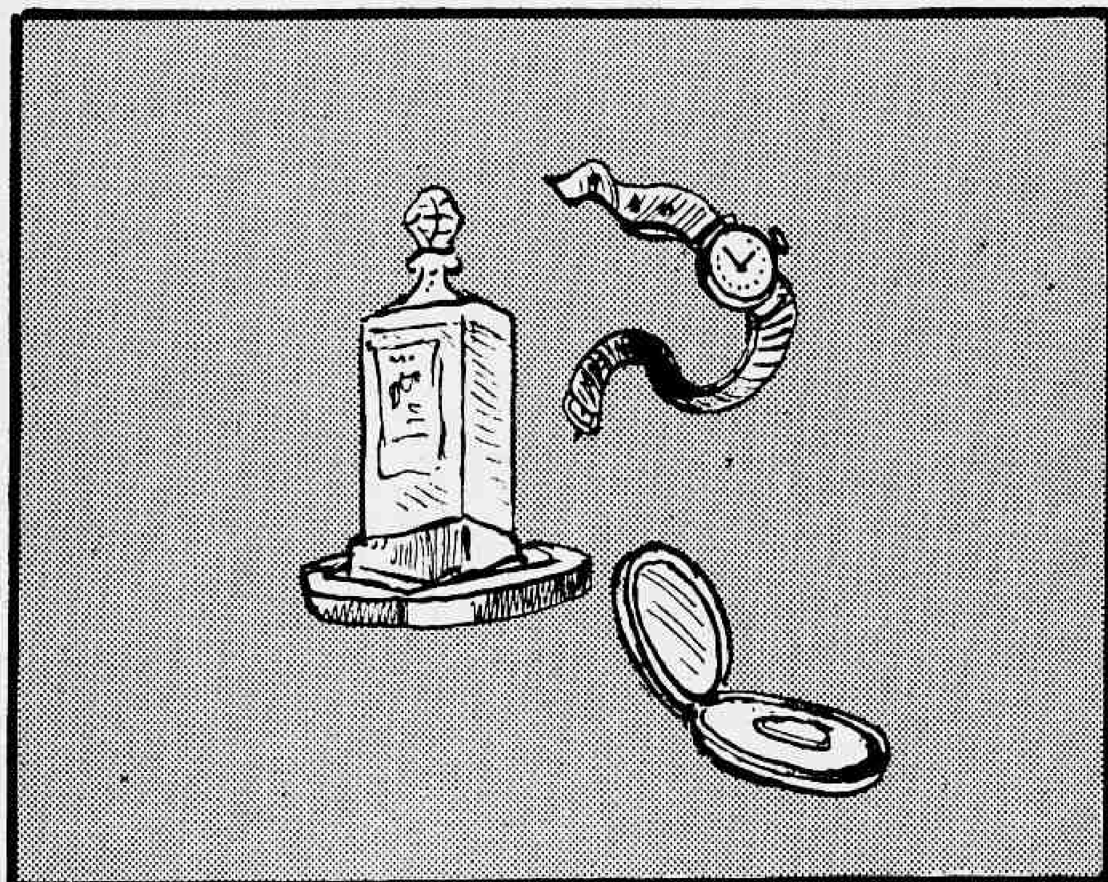
Presentes...

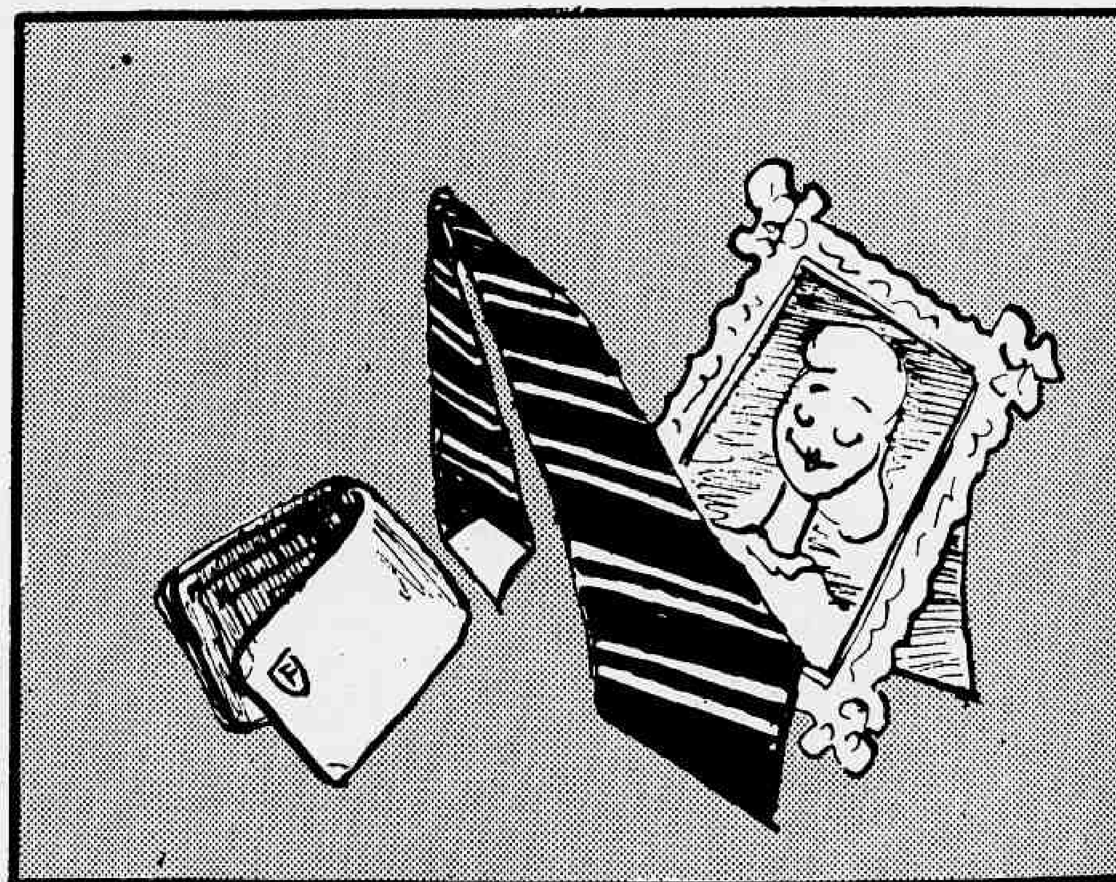
PARA ELA ⟷ **PARA ELE**



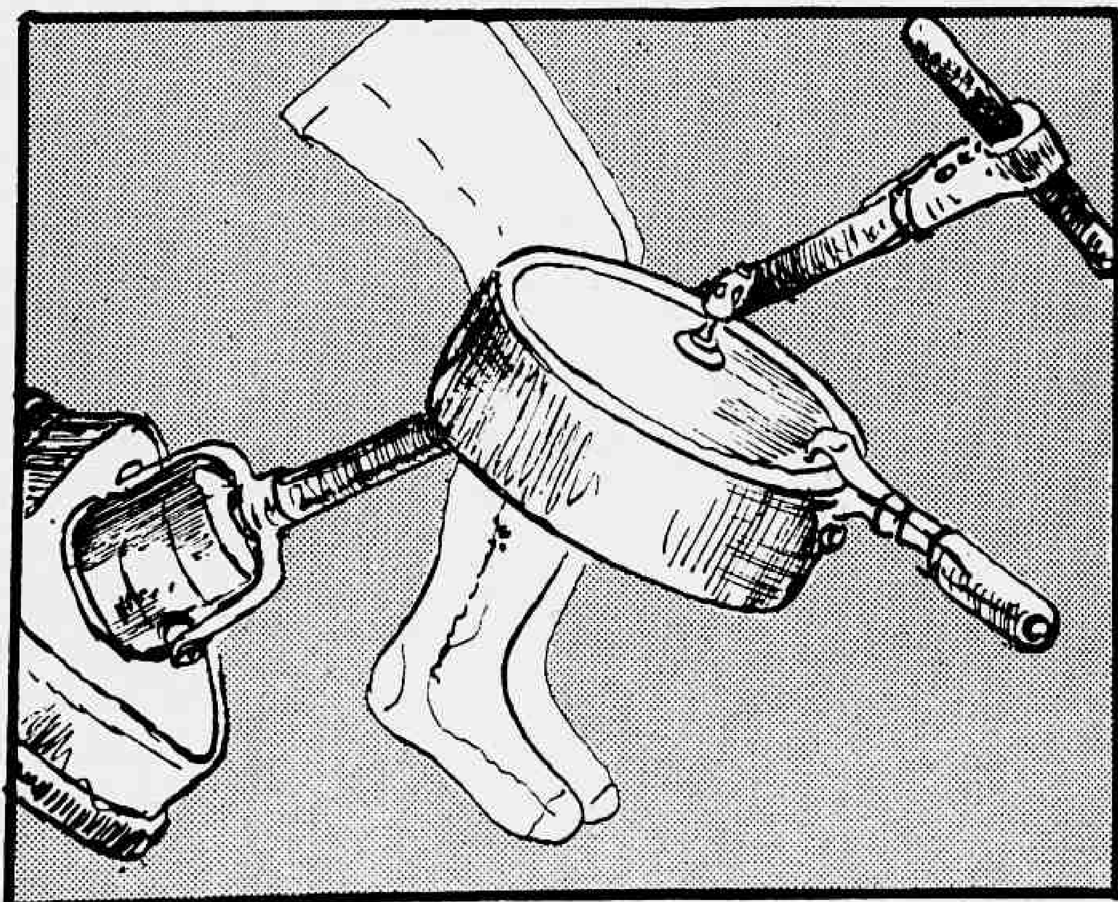


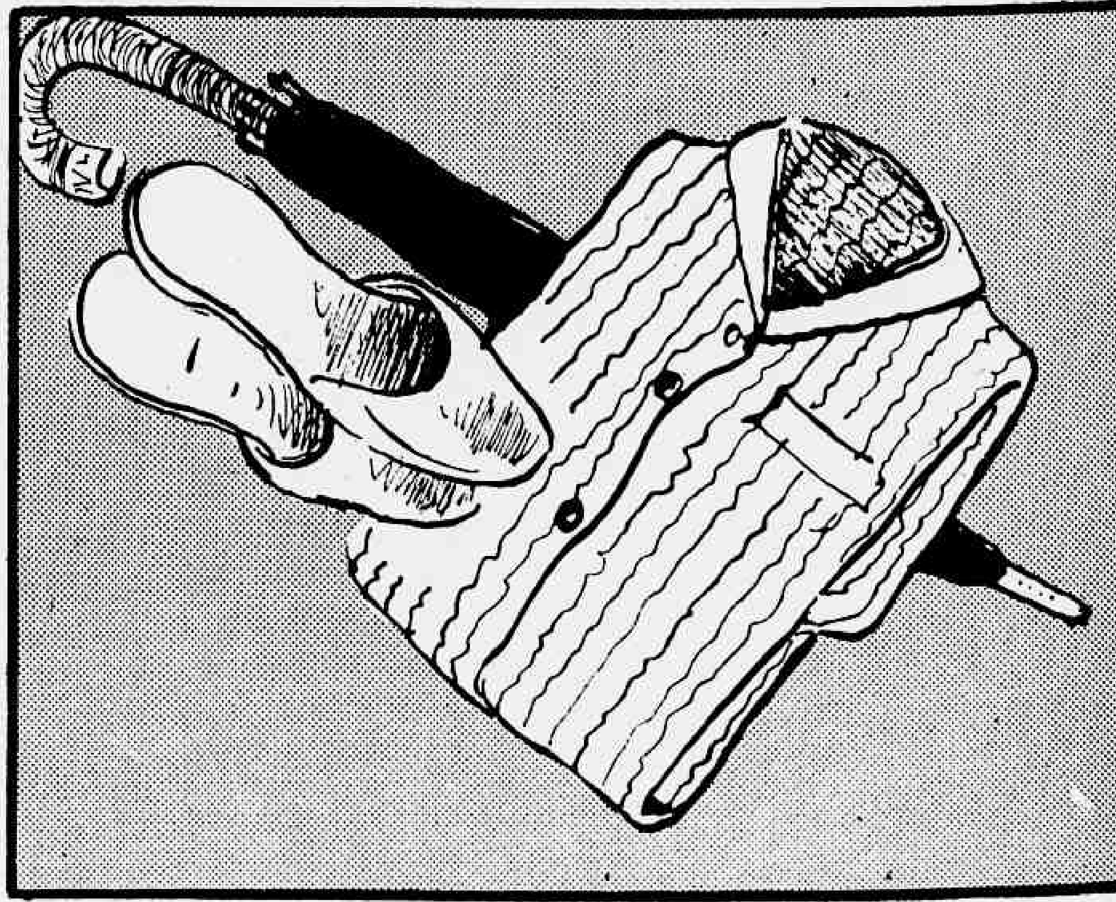
← NAMORADOS →





← NOIVOS →





← CASADOS →



— «Não sou louco nem tarado. Apenas repudio a civilização atual. Nunca amei» — declarou à nossa reportagem Olívio Rodrigues da Silva.

O ERMITÃO FOI DESPEJADO

OLÍVIO RODRIGUES SILVA: 47 ANOS, 24 DE SOLIDÃO ★ "NUNCA AMEI NEM FUI AMADO" ★ "O CAPITALISMO E O COMUNISMO SUCUMBIRÃO, NUMA PRÓXIMA GUERRA" ★ USA ATIRADEIRAS E ARPÃO ★ FILOSOFIA SIMPLES DO ERMITÃO PAULISTA ★ DESPEJADO DE UM PEDAÇO DE MATA CULTIVADO

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de GIL PASSARELLI

Marília, Estado de São Paulo, janeiro.

NUMA furna primitiva, a pouca distância da progressista cidade de Marília, que desponta para um futuro promissor, vive um anacoreta, que rompeu relações com os homens e com as mulheres.

Chama-se Olívio Rodrigues Silva êsse estranho personagem de contos de fada e dos 47 anos de idade que tem, passou 24 na solidão reconfortante da mata, buscando a solução dos problemas filosóficos que o afligem, aperfeiçoando seu latim, fazendo previsões da situação internacional, como os personagens bíblicos.

Olívio, ao contrário do que nos haviam dito na cidade, não é nenhum animal selvagem. Assemelha-se, talvez, pela fala mansa, pelo olhar quase meigo e perigoso, pelo caminhar macio de gato do mato, a uma pantera.

Como roupagem, usa a pele que Deus lhe deu, exceto uma cinta forte de couro à qual pendura os pertences que utiliza, para a caça ou para a pesca.

E Olívio simples e calmo, oferecendo frutas do seu pomar silvestre aos repórteres, desfia sua história. Nunca amou. As mulheres, a seu ver, são tentações malignds, que só servem para arrastar os homens para o mau caminho e, por êsse motivo, êle as detesta. Contudo, julga que o casamento indissolúvel é uma necessidade, para a manutenção da moral na sociedade de hoje.

Filósofo cem por cento, amante do latim, decifrador de enigmas, vivo e inteligente, Olívio conta que as histórias sôbre sua pessoa não são verídicas. «Não sou um homem mau. Vivo assim porque quero. Jamais tive uma desilusão em minha vida, quer amorosa, quer em outro campo afetivo. A vida de privações a que me submeto, se bem que muita gente não compreenda, me é ditada por uma ordem superior — seus olhos amendoados buscam o céu azul, êle sorri brandamente, como padre dando lição de moral, e prossegue — Vivo



Madeira bruta, telhas de zinco, velhas correntes, formam a furna do anacoreta de Marília — que acaba de receber ordem de despejo.

nu, como o senhor bem vê. Homens há que me julgam imoral, por isso. De minha parte acho que a nudez é pura, decente, higiênica, para os que têm os pensamentos mais altos do que a simples tentação da carne. Êsses homens que andam por aí, sim, são, em sua maioria, verdadeiros dementes.»

Olívio é curioso. Sem razão a não ser a ordem superior que não se cansa de citar, abandonou todo o confôrto da civilização, para se dedicar ao estudo do latim, à filosofia pura. Confecciona alguns objetos de arte, esculpidos em madeira ou trabalhados em barro que, de quando em vez, vai vender em Marília. Muita gente compra de mêdo, outras porque gostam da sua arte. O dinheiro apurado é, imediatamente, invertido na compra de livros, que êle devora, analisa, critica, corrige e guarda para si mesmo. Isso se dá de 5 em 5 anos, mais ou menos.

A FUGA DO MAL

Quando fugiu da civilização, buscou o contato com a natureza, procurando, destarte, ficar mais perto de Deus, conforme ensina a própria filosofia cristã. Construiu sua furna, renegou os homens, as mulheres, as armas de fogo, as roupas. Fêz uma atiradeira e um arpão, com os quais procura caça e pesca. Alimenta-se de tubérculos e de frutas, que



«Não gosto das mulheres. Não tenho casos sentimentais. Escolhi esta vida, porque uma «coisa» superior me ordenou.» — disse êle.

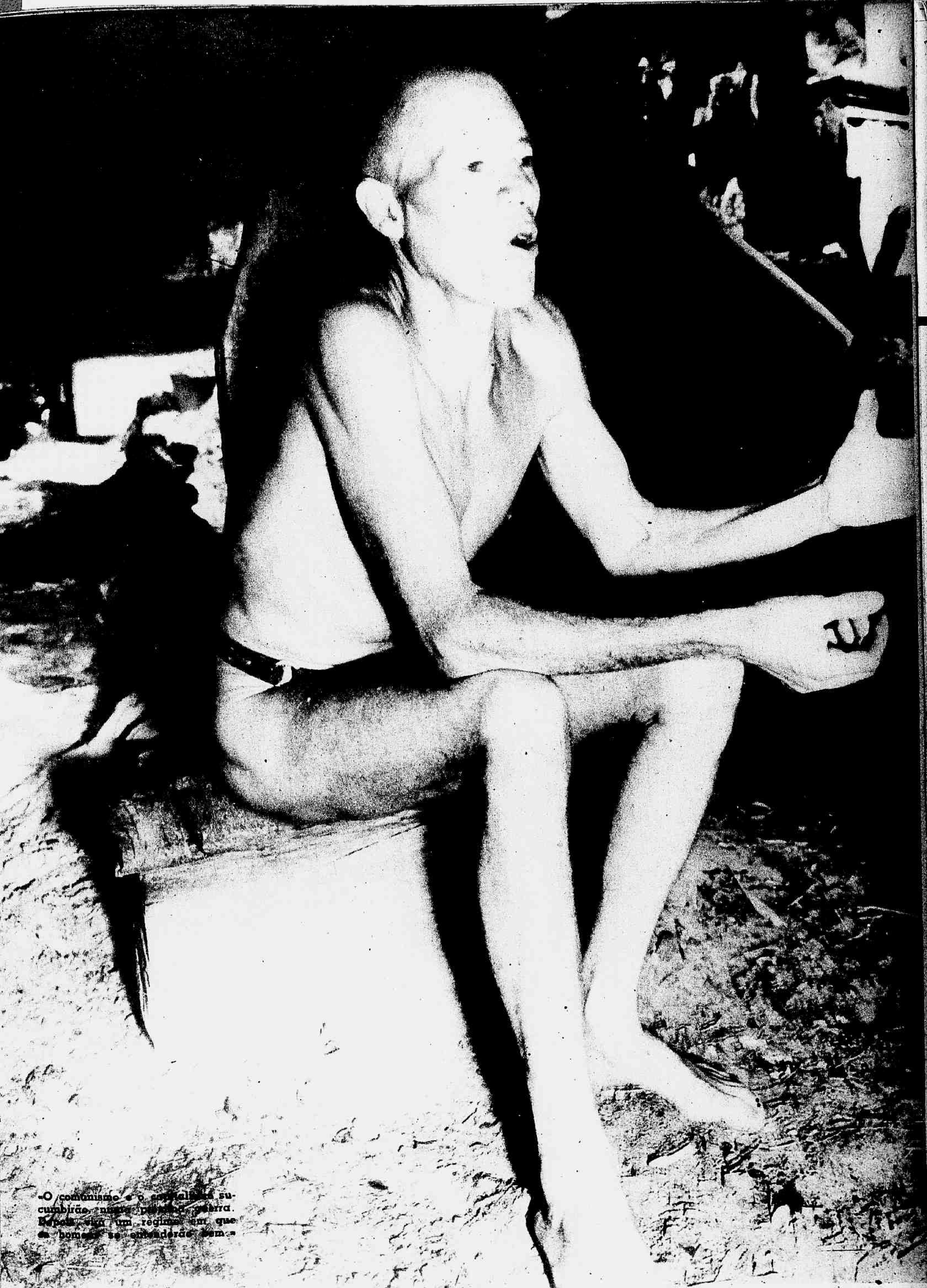
são abundantes na região e que êle mesmo planta.

De madrugada, quando lhe dá vontade de sair um pouco do regime estritamente naturista que leva, fica de atalaia, à beira do riacho que margeia sua choça, à espera de caça. Solta o estranho arpão, construído com madeira, ferro e uma mola de automóvel, e fisga o alimento. Tanto pode ser um peixe ou uma caça de pêlo de pequeno porte. Outras vêzes, usa do bodoque, para caçar aves.

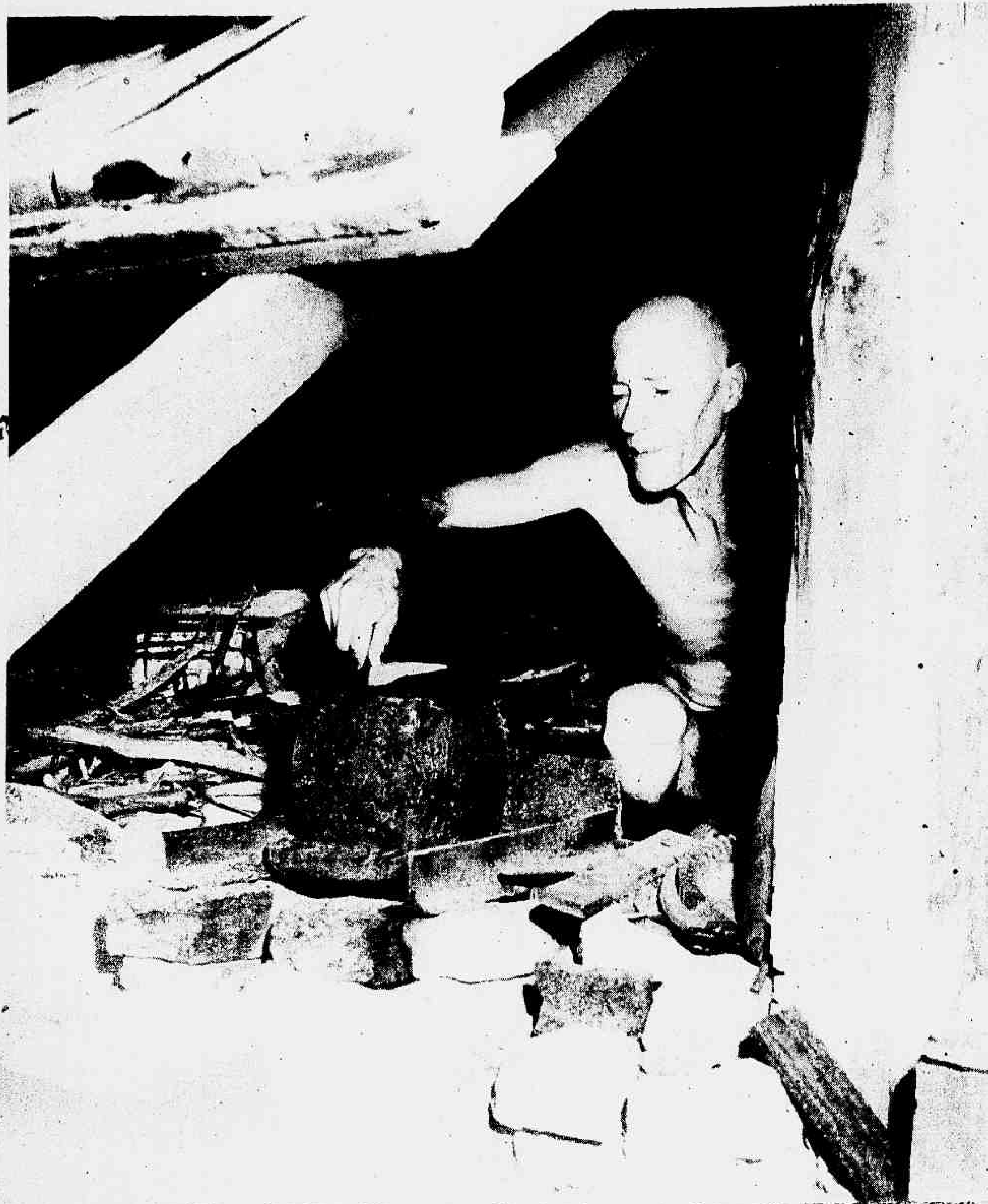
Com essas armas mata, em parte, sua fome. Interpelado sôbre por que não se utilizava de armas de fogo, que eram mais práticas e seguras, êle adiantou: «Se já falam miséria de mim, o que não seria se eu me pusesse a dar tiros. Certamente, diriam que eu estava pronto para matar quem invadisse meus domínios, e, então, eu teria de acertar contas com a justiça, com os soldados, sem razão alguma para isso.»

O SEGRÊDO DE OLIVIO

Na cidade é voz corrente de que Olívio tem um segrêdo. Ninguém, no mundo, iria abandonar o confôrto proporcionado pela atual civilização, para se internar no mato. Só mesmo um louco. Êle toma conhecimento do fato, sorri, mostra os dentes amarelos e diz: «Qual



«O comunismo e o capitalismo sucumbirão numa próxima guerra. Depois virá um regime em que os homens se entenderão bem.»



Panela de ferro, fogão feito com dois pedaços de trilho. Olívio faz sua refeição de raízes.

nada. Eu procuro um fim. Sòmente a solidão nos faz compreender os mistérios da natureza e a meditação completa isso, fazendo com que enxerguemos os desígnios ditados pelo Criador. Sou feliz. Muito mais feliz do que os homens de indústria, de comércio, de govêrno. Tenho parentes em cargos de importância do govêrno paulista. Pensa que os invejo? Não. A vida é isto. Uma fôrça superior manda que vivamos o mais perto possível da natureza. Isso eu faço e sou feliz.

Segrêdo êle diz que não tem. Sua mente, seu raciocínio, sua conversação, tudo, demonstra que Olívio não é demente.»

SILÊNCIO NA TARDE DE MARILIA

E Olívio continua sua vida. Nu, de corpo e alma, estudioso como frade de convento, filósofo moderno, interpretando o mundo como um turbilhão movido por loucos, vai vivendo no silêncio da tarde de Marília uma aventura inédita, sem, no entanto, demonstrar qualquer emoção. Calmo de mais, simples, bom conversador, cabeça e barba raspadas, vagueia conosco, mostrando sua roça, seu pomar, seu riacho, de onde tira o imprescindível para a vida.

O que êle tem ali, daria até para vender. Mamoeiros, pés de abacaxi, canteiros de batata doce e mandioca, cobrem vasta extensão de terra. Mas êle não vende porque formaram um verdadeiro tabu, em tôrno de sua personalidade. Êle é o louco da furna, o tarado da «Sempre Verde», o degolador e outras coisas mais que ouve falar e não guarda.

«O que vale é minha consciência. Nunca amei porque não tive necessidade de amar. Acho que os homens andam mal. Erram muito, acertam pouco. A febre de progresso estraga tudo, meu mano. A moral, a fé, a filosofia, o direito, tudo mesmo...»

Essa, talvez a razão do isolacionismo incompreensível de Olívio. Nem monstro nem lunático. Apenas um homem que vê o mundo pelo lado certo. «Está tudo desregrado. Tudo indo por água abaixo. Só guerras, futricas internacionais». Disso êle tem conhecimento de quando em vez. Todavia, conhece a doutrina de Marx, conhece o Capitalismo a fundo e, sorrindo, qual profeta, preconiza: «O comunismo e o capitalismo sucumbirão, numa próxima guerra. Sinto isso no ar. Depois disso virá outro regime, onde os homens não sejam nem patrões nem escravos. Isso, porém, — Olívio sorri enigmàticamente, concluindo — são considerações para o futuro muito remoto. Mas posso garantir que os homens ainda hão de se entender na face da terra e se arrepender dos erros cometidos hoje. Nem tudo é dinheiro, seu moço, nem tudo é matéria...»

O oficial de justiça lê a ordem de despejo. Olívio escuta, sentado: não se ergueu perante a Lei.

O sol debandava brandamente, tingindo de sangue os domínios proibidos de Olívio. Descemos o atalho que nos levaria à estrada, pensando se valeria a pena deixar o corre-corre da vida de hoje, as confusões, a falta de água, de energia elétrica, de condução, a corrupção aterrorizante e tudo de ruim que a mecanização nos trouxe, pela vida na mata. Mas meu companheiro, com um sorriso largo, mirando a choça à distância, sorri, dizendo: «Sim, velho, tudo é bom na mata. A calma, o chilreio dos pássaros, as frutas frescas, a caça abundante, porém... sòzinho não!»

Na curva da estrada, perdida de vista, a cabana do anacoreta, para maior surprêsa nossa, topamos com outro homem. Dizemos homem porque o ermitão, na nossa história, é um personagem diferente, quase uma personagem de criação romanesca. E êle nos pergunta: «E' por aí o caminho da furna?» — Acenamos com as cabeças pingando de suor e o homem, não menos suado, explica: «Pois vou lá, para despejá-lo.»

— Quem é o senhor?

— Oficial de justiça — respondeu displicentemente.

— E vai despejá-lo?

— Cá está a ordem!

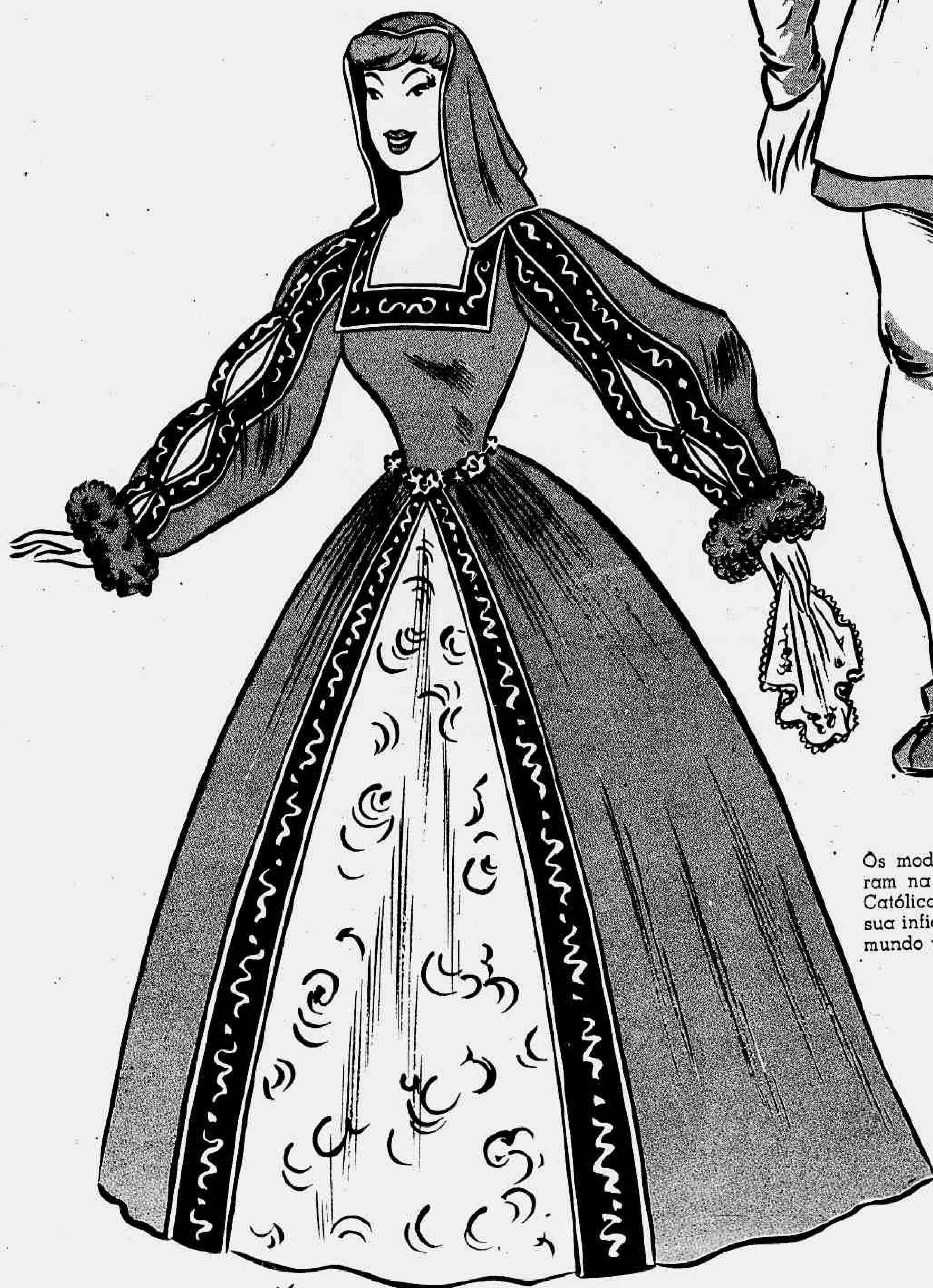
Voltamos. Ouvimos, com o anacoreta Olívio, a leitura do têrmo e regressamos, achando engraçado que alguém se incomode com um pedaço de terra, não cultivado, onde um homem que, certamente, deve ter mais juízo do que tôda a humanidade busca paz de espírito. Agora, Olívio está em maus lençóis. Fugiu de tudo, de todos os problemas. Pensou em tudo, menos que poderia ser despejado de um pedaço de selva. Quem sabe se êle pagar umas «luvas» não conseguirá prorrogar seu «contrato»?...



Carnaval

As composições que apresentamos são baseadas em desenhos do dr. Manoel Comba, mestre espanhol. O traje masculino ficará bem executado em branco, azul e vermelho. Cinto, sapatos e chapéu em camurça castanha. Pena vermelha no chapéu. A dama tem um vestido castanho com aplicações negras bordadas a azul, que se abre sôbre uma saia de cetim branco bordado a ouro e negro.





Os modelos desta página são de personagens que viveram na Espanha quando findava o reinado de Isabel, a Católica, e se iniciava o de Felipe, o Formoso, que com sua infidelidade provocou a loucura de D. Joana, dando ao mundo um amor que ainda inspira poetas e dramaturgos.

O CONGELAMENTO DO JAPÃO

WLADIVOSTOCK LIBERTADA DO GÊLO? ★ TRANSFERÊNCIA DE CORRENTES MARÍTIMAS ★ SONHO OU REALIDADE? ★ REVOLUÇÃO NO OCEANO PACÍFICO

Texto de RICARDO FREI

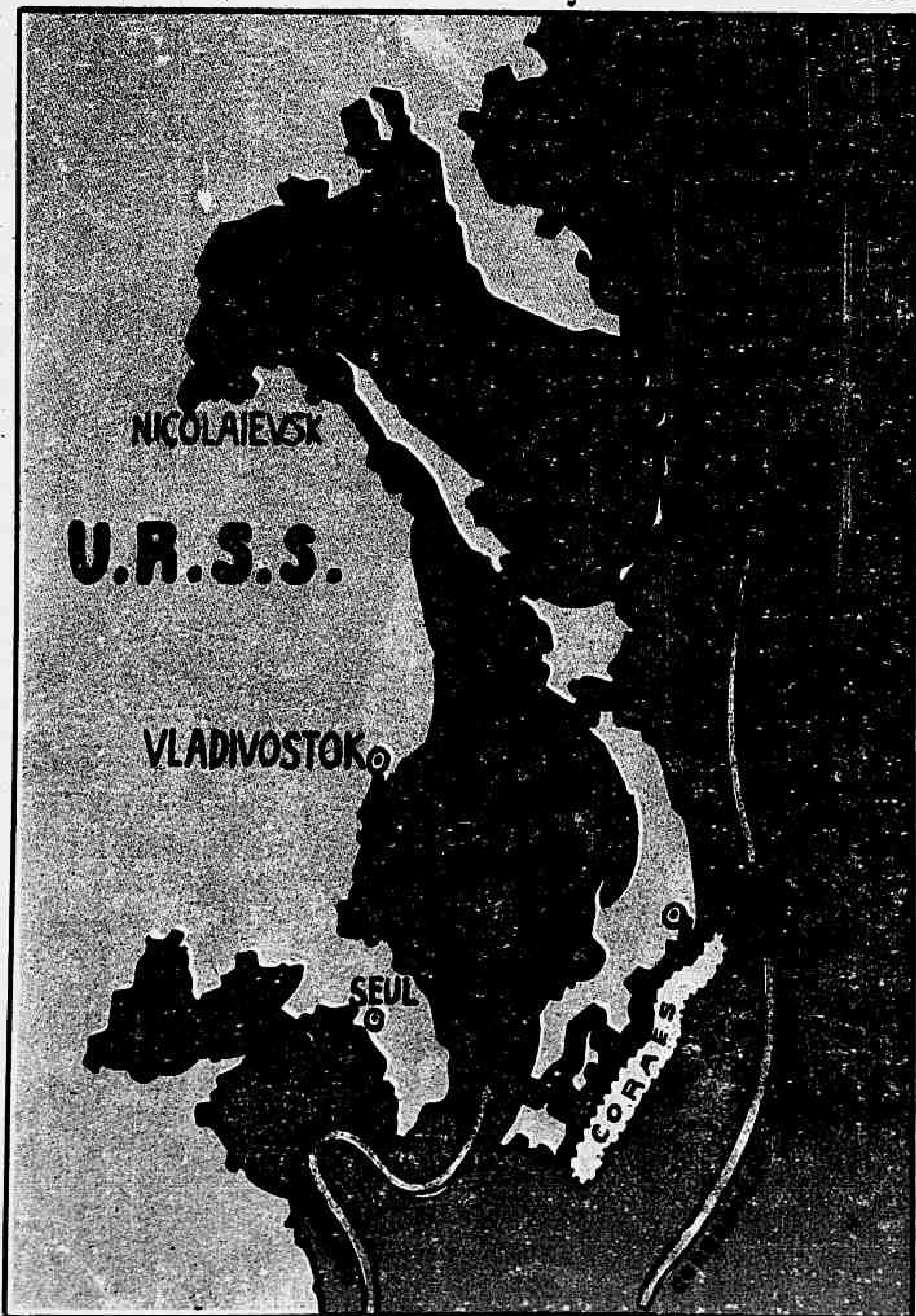
CRESCE em proporção geométrica a fúria armamentista e tôdas as invenções e armas secretas que as nações anunciam vão se tornando cada vez mais violentas e alcançando raio de ação que começa a ameaçar países inteiros.

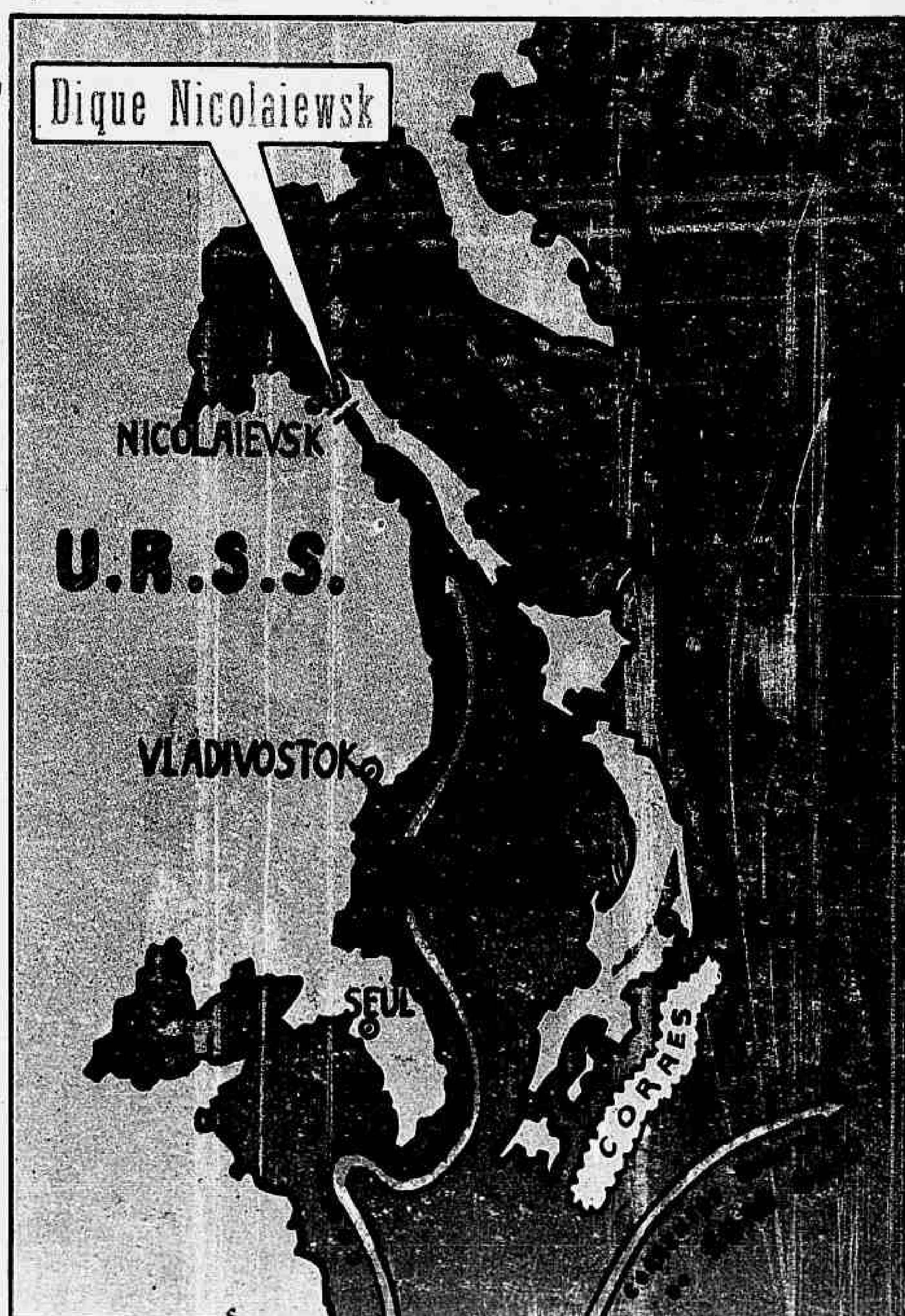
Os soviéticos estudaram os fenômenos naturais para aproveitá-los em detrimento de nações vizinhas e no aumento do seu próprio poderio bélico. Durante a guerra com a Alemanha nazista falou-se em General Inverno e de fato o frio russo foi uma de suas armas mais poderosas, quiçá o fato tenha inspirado o uso do frio, agora já «dirigido».

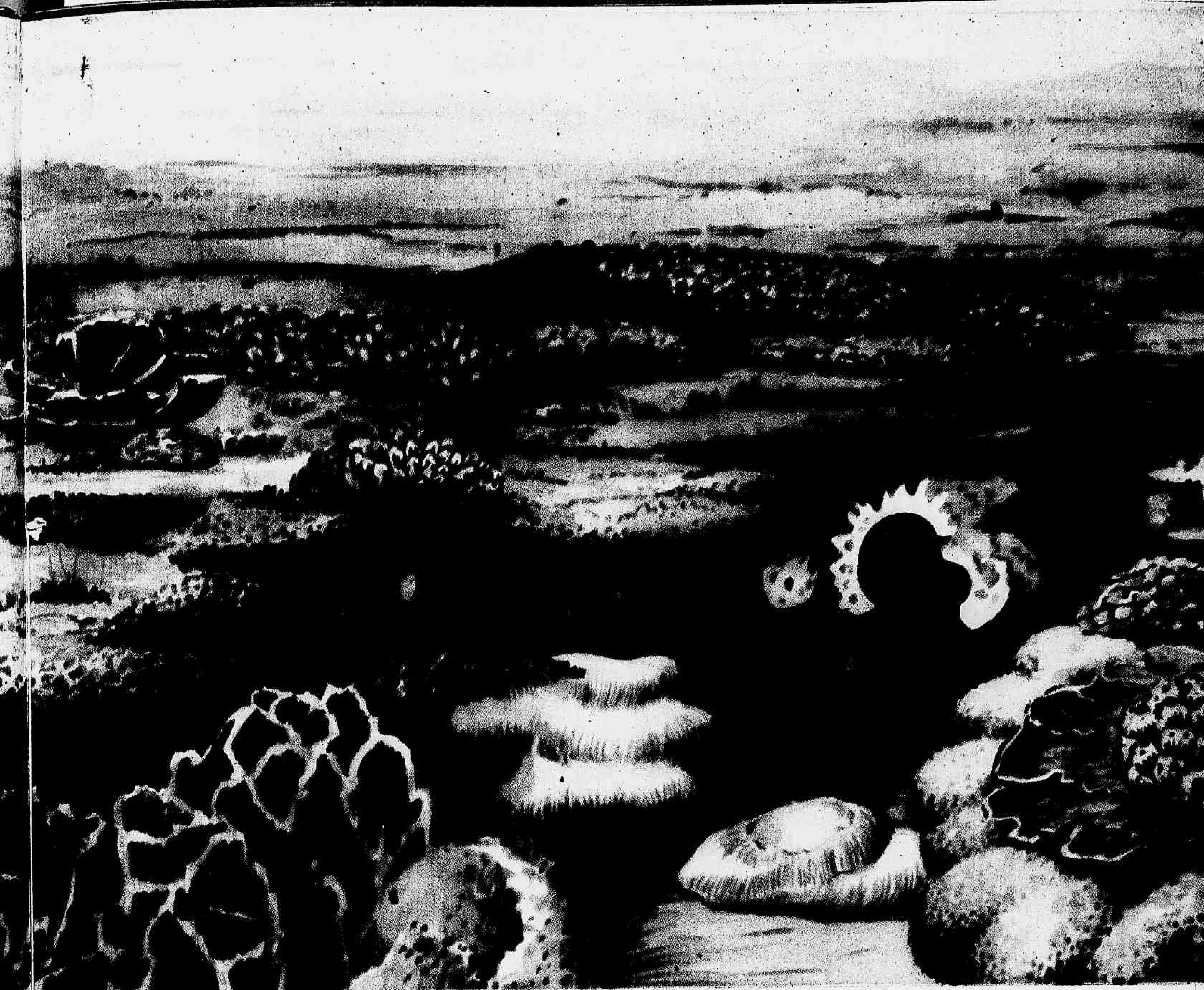
As correntes marítimas que descem do Mar de Bhering contornam a Kamchatka em ambas as costas e descem entre a Ilha Sakalina e o continente onde, ao norte da Coréia, fica o famoso pôrto russo de Wladivostock. Êsse pôrto siberiano da URSS, que hoje é importante centro industrial com cêrca de 200 mil habitantes, tornou-se famoso pelo cêrco que lhe impuseram os japonêses na guerra de 1906, cêrco que terminou num morticínio de quase todos os prisioneiros russos em mãos dos japonêses. Ao fundo da baía de Wladivostock, de onde parte a estrada de ferro que a liga ao grande caminho transiberiano, fica o Corno de Ouro, que gela durante grande parte do ano e inutiliza as instalações portuárias, com uma quebra de ritmo nos trabalhos industriais ali desenvolvidos.

Sob o pretexto de descongelar

Os mapas abaixo indicam o caminho que percorrem as correntes frias que anualmente descem do Polo Norte através do estreito de Bhering e cortornando a Coréia chegam ao Japão onde misturadas as águas com a corrente Kuro Shio (equatorial) equilibram a temperatura e o clima. Nas proximidades de Tóquio o vulcão Fiji é coberto de neves eternas. Com a construção do dique russo, o gêlo desceria às planícies.







Na foto acima vemos um banco de corais já desenvolvidos. Sua base é calcárea e os arrecifes que formam alteram as marés, protegem as costas, e influem decisivamente no clima. A temperatura mínima para a sua sobrevivência é de 18 graus centígrados. Os antigos atribuíam aos corais várias virtudes, e, segundo contam as lendas, nasceram da Cabeça de Medusa. No Japão, dois terços da costa ocidental é protegida por bancos de coral.

Wladivostock para tornar o pôrto apto durante o ano inteiro, os russos tomaram duas medidas. A primeira fazendo explodir uma bomba atômica na península da Kamtchaka que ocasionou o levantamento de enormes vagas que percorreram no fim do ano passado todo o oceano Pacífico, indo até mesmo às costas do Chile. Outra, fazendo construir um dique de dez quilômetros de extensão que liga a ilha Sakalina ao continente e obriga conseqüentemente às correntes geladas do norte a mudarem seu rumo para as ilhas Kurilas e descerem de encontro às correntes quentes que sobem pela costa ocidental do Japão, chamadas **Kuro Shio**.

RADICAL MUDANÇA DE CLIMA NO JAPÃO

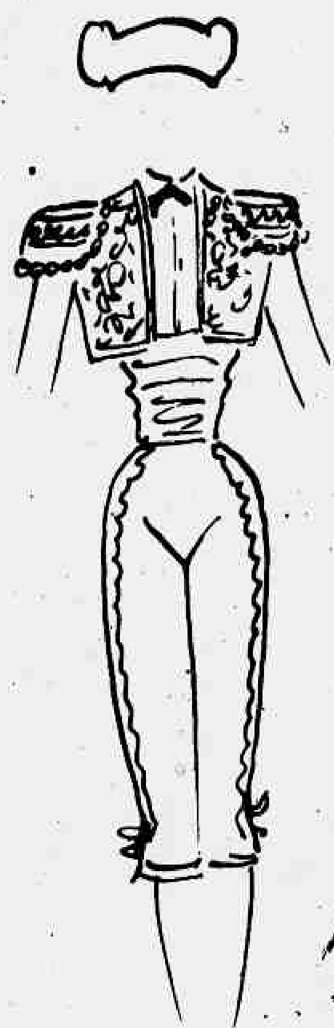
O Japão não assinou a paz com a URSS. A paz foi assinada em separado com os Estados Unidos, daí que os russos se sentem com as mãos desatadas em relação ao Japão. E, tal como os mapas anexos esclarecem, tomaram a atitude de uma guerra geológica usando as correntes frias que vão atingir em cheio o povo japonês, principiando pela morte dos seus corais, situados ao sul da ilha principal do arquipélago nipônico. As correntes quentes (Kuro Shio) ficariam desviadas para o alto-mar e os corais, que necessitam, segundo acurado estudo dos geólogos (Darwin, Dana e outros), de uma temperatura mínima de 18 graus centígrados para sobreviver, iriam desaparecer totalmente, deixando as costas desabrigadas e a indústria coralina completamente paralisada.

A segunda conseqüência, além dessa da indústria do coral, seria da indústria da pesca que sentiria por seu turno uma radical modificação do regime vigente. E, como se êsses dois golpes mortíferos contra o Japão não fôsse suficiente, teríamos também o espetáculo formidável da mudança de clima da ilha que teria suas estações mudadas e uma onda de frio polar a ainvadiria anualmente, contra todos os hábitos, afetando, como é óbvio, o regime dos ventos, das chuvas, da agricultura e da própria vida no Japão.

Os recifes de coral, ora em jôgo, exercem na atmosfera uma inegável influência meteorológica. Êles mantêm regularidade na conservação da temperatura convertendo-se em outros tantos focos de calor, cada um dos quais é o ponto-de-partida para uma coluna vertical de ar quente que se eleva a considerável altura. Êsse fenômeno atmosférico é sempre observado pelos navegantes quando a chuva é separada em duas seções ao passar por essa coluna vertical procedente das ilhas de coral.

Eis, pois, uma arma que, sem ser preciso intervenção permanente do homem, bastando apenas controlar a direção das correntes marítimas é possível levar a morte lenta ou o enfraquecimento de uma nação inteira.

Carnaval



TORERO



ARLEQUIM



DAMA ANTIGA

TORERO — Maravilhosa fantasia com calções e bolero negros com bordados dourados e multicores, blusa branca, faixa vermelha. Chapéu, sapatos e gravata pretos. **DAMA ANTIGA** — Aliviada da saia, em cetim rosa com franzidos de fita azul, corpete prêto com renda branca, meias e ligas pretas com flor rosa. **ARLEQUIM** — Fundo de cetim branco, losangos de côres, chapéu de veludo prêto com aplicação de fita prateada.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM LIVRO:

CONTOS MENORES

Estréia-se Nelson Ernesto Coelho com êste livro de contos a que êle denomina "Contos Menores". Sem ser um rótulo berrante, atrai à leitura, revela um certo sentimento da matéria. Além disso, a edição é interessante, com ilustrações bastante boas de Italo Cencini, sendo de lamentar que a revisão tenha sido tão descuidada. A obra é simpática, assim de aspecto, como de conteúdo. Livro de estréia, aprasenta falhas comuns aos estreantes, entre as quais cumpre destacar a falta de mais severa auto-crítica: aqui se reunem, ao lado de páginas reveladoras de um ficionista que promete, outras que são absolutamente inferiores e que quebram a unidade do volume despretensioso que nos oferece Nelson Ernesto Coelho.

Além disso, cumpre-nos observar que o autor precisa reagir contra elementos que marcam nêle o calouro. Primeiro, despreocupar da técnica do conto, dessa ortodoxia que o conduz a páginas sem interêsse, como "Boitatá", por exemplo. Depois, terá também que situar-se dentro da literatura, que é isso que êle faz — literatura. Em vez de afetar continuamente indiferença pela literatura, intercalando seu texto de à-partes que visam corrigir e que êle supõe que é ênfase, sentimentalismo, emoção, em uma palavra "literatura". Tomando uma falsa atitude de superioridade aos seus assuntos e aos seus personagens, diminui o interêsse e a vida necessária a êsses ingredientes da ficção. Não censuramos o fato de caritarurar, de ironizar seus heróis, de criticar fatos, de ridicularizar pessoas e acontecimentos. Protestamos contra o cacoete de diminui-los, deformando-os até a anedota. Êsse artifício está prejudicando sua fantasia, sua capacidade criadora de contista. Como todo criador, êle terá que ser o primeiro a acreditar nos seus personagens, nos dramas ou nas comédias que êles representam. Do contrário lhes tira tôda a fôrça de convicção, transforma-os em fantoches. Por exemplo, o seu conto "Maria José" começa muito bem, continua bem: no fim, entretanto, se transforma em anedota. E' pena. Pena como também o caso de não saber o autor evitar a citação, a referência, o eruditismo, completamente "deplacés" em uma obra de ficionista que deseje valer por si mesma. Essas reminiscências literárias muito frescas para que êle as possa evitar, estão tirando do seu conto aquilo que êle mesmo, em nota liminar, exige do conto: "Engenharia. Sem decoração".

"Contos Menores", como dissemos de início, é um livro de estréia e uma obra simpática. Nelson Ernesto Carneiro, quando se libertar dêsses tiques de estreante, firmará seu nome entre os nossos bons escritores de contos, para o que não lhe faltam nem personalidade, nem originalidade, nem fantasia, ao par de um estilo pessoal e brilhante.

NOTÍCIAS DE S. PAULO

O grande acontecimento lítero-teatral do mês, na capital bandeirante, foi, sem dúvida alguma, o aparecimento do Teatro Lotte Sievers, um excelente grupo de artistas amadores que está disposto a divulgar peças ainda desconhecidas no Brasil, principalmente do repertório alemão. Êsse grupo, encabeçado pela sra. Lotte Sievers, artista de grandes dotes e de extrema sensibilidade, montou no Teatro Cultura Artística e num auditório particular no alto da Cantareira a peça de Carl Sternheim, «A Calça», comédia em quatro atos, que demonstra perfeitamente o «espírito» dêsse chamado Molière do teatro alemão. O elenco ficou assim constituído: Córdula Reis, Eloy Artigas Sievers, Lotte Sievers, Paulo Bueno Wolf, Eudinir Fraga e Duílio de Fabricius. A tradução estêve a cargo de Lotte Sievers e Paulo Bueno Wolf. A direção coube a Evaristo Ribeiro. O cenário foi criado por Darcy Penteado. Os figurinos por Eloy Artigas Sievers.

★

Os poetas de São Paulo estão verdadeiramente em efervescência. Nos últimos meses de 52 apareceram os seguintes livros de versos: «Passo da Memória», de José Tavares de Miranda; «Girassol de Outono», de Domingos Carvalho da Silva; «Senhora do Mar», de Paulo César da Silva; «Noigandres», de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos; «Cidade», de Geraldo Vidigal (com ilustrações de Darcy Penteado e Myriam Gamba); «Elegia do Exílio», de José Escobar Faria; «Espelho de Cinzas», de Cyro Pimentel; «Eulália Neutra», de Arnaldo Magalhães e Antônio Vilela (com a capa e ilustrações de Darcy Penteado); «Caminho de Homem», de Domingos Paolielo; «Albergue do Vento», de Edgard Braga; «Biografia», de Mário da Silva Brito; etc., etc., etc.

★

Pola Rezende, a conhecida escultora e pintora, acaba de fazer a sua estréia como teatrólogo, no teatrinho do Clube dos Artistas, com a peça: «Espenho», em três atos e quatro quadros. A direção coube a Ruggero Jacobbi. E, no elenco, destacaram-se os artistas: Léo Vilar, Vera Nunes, Salma Yanni e Eleonor Bruno.

FORA DO PRELO

CANTO DA SOLIDÃO — Uma estréia poética que se envolve de promessas e afirmações, esta, de Yara Villani que nos dá as primícias de sua vocação em «Canto da Solidão». De um lirismo doce e bem feminino que, aqui e ali, se veste de roupagens elegíacas, Yara Villani demonstra possuir, além da frescura de inspiração, segura arte do verso, fazendo sonetos e redondilhas trabalhadas com desembaraço e correção. Pena que a jovem poetisa, tão sensível e expontânea, não queira se emancipar do tradicionalismo, pois quando se dá ao verso livre, dispensando a música das rimas e a eloqüência fácil, se torna mais comunicativa e mais próxima, falando mais sinceramente a linguaguem de sua ternura: «Não sinto a chuva» é, por isso mesmo, o melhor poema do pequeno e encantador volume das Edições Mantiqueira, com ilustrações de Washington Júnior, que nos chega de Belo Horizonte, trazendo uma voz nova e harmoniosa.

O FAUNO DE VIDRO — Fernando Whitaker Tavares da Cunha apresenta em «Fauno de Vidro», seu segundo livro de poemas. Confirma as qualidades que nêle assinalaram os críticos, quando de sua estréia com «Cinzas da Vida». Antes, apura, sua técnica, por uma preocupação vocabular, por uma forma rebuscada, entretanto original e cativante. Conforme de seu objetivo, exposto em pequeno prefácio, neste volume, procurou libertar-se de influência. Terá conseguido em parte êsse objetivo, sentindo-se tanto no conteúdo, como na estruturação de seus poemas, maior domínio, maior independência.

MINIATURA — Clóvis Ernesto Corrêa é um troveiro. Dizer troveiro é dizer tudo desta musa que se retém na quadra para melhor exprimir o que tem de lírica e de irônica, ao mesmo tempo. Editando em definitivo as suas «Miniaturas», o poeta enriquece o volume com juízos críticos dos mais abonadores. Na redondilha que tão bem expressa a malícia, o sentimentalismo e a ironia, o poeta recortou miniaturas que encantam.

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS...

(FRADIQUES)

Oswaldo de Andrade deu um grande baile, chamou muitas coisas a muita gente. Continua impossível. E disse também que quem manda ainda é a geração de 22... Vai haver barulho...

★ Maria Antônia está fazendo na «A Gazeta», de São Paulo, uma bonita e bem informada «Página Literária». Agora, Maria Antônia abriu ali um concurso de poesia exclusivamente destinada às poetisas. O livro premiado será editado por conta do prêmio, o que é de suma importância, porque, como se sabe, poesia não tem editor.

★ Charles Morgan continua a fazer teatro. Um dos grandes sucessos do teatro inglês, atualmente, é sua peça «The River Line».

★ Jean Louis Barrault criará êste ano uma peça inédita de Jean Giraudoux, «Pour Lucrèce».

UM AUTOR:

BEATRIZ BECK



Muito curiosa a história de Beatriz Beck, prêmio "Goncourt", a segunda mulher a receber a cobiçada láurea literária. E' que ela representa não apenas um exemplo do gênio feminino atual, mas principalmente, a vitória de uma vontade firme e incansável, no sentido do seu ideal.

Filha de um escritor que permaneceu no anonimato, coube-lhe redimir o fracasso paterno nas letras, vencendo como escritora e laureando o seu apelido com a mais honrosa das premiações literárias do mundo, o "Goncourt" que tem conservado através do tempo uma tradição de justiça nunca desmentida.

Beatriz Beck que escreveu três romances e todos autobiográficos — como ela mesma confessa — antes de ser a romancista consagrada que hoje conhecemos, foi operária, criada de servir, camareira, viúva pobre, passando frio e fome com sua filhinha, num quarto de provincia. Só depois dos muitos sofrimentos e misérias que não a abateram, conquistou o pôsto de secretária de André Gide, escritor admirado e amigo de seu pai. Entretanto, continuava a escrever. Ao morrer o grande escritor, Beatriz, em face do retôrno à miséria, resolvéu tirar o prêmio Goncourt: escreveu febrilmente a história de "Léon Morin". Precisava inscrever o livro para aquela premiação e foi em casa de uma amiga, nas proximidades de Paris, que bateu infatigàvelmente à máquina sua obra vitoriosa. Queria tirar o prêmio, para ter uma casa em Paris.

Assim fêz, assim aconteceu. O que contou nesse romance, como outros dois, viveu com seu corpo e sua alma. Êsse drama de amor que tanto tem dado que falar, também ela o tirou de sua vida, romanesca, movimentada, cheia de sofrimentos e incertezas. Entretanto, como acreditou em si mesmo — venceu.

A CASA DO CONDE DOS ARCOS

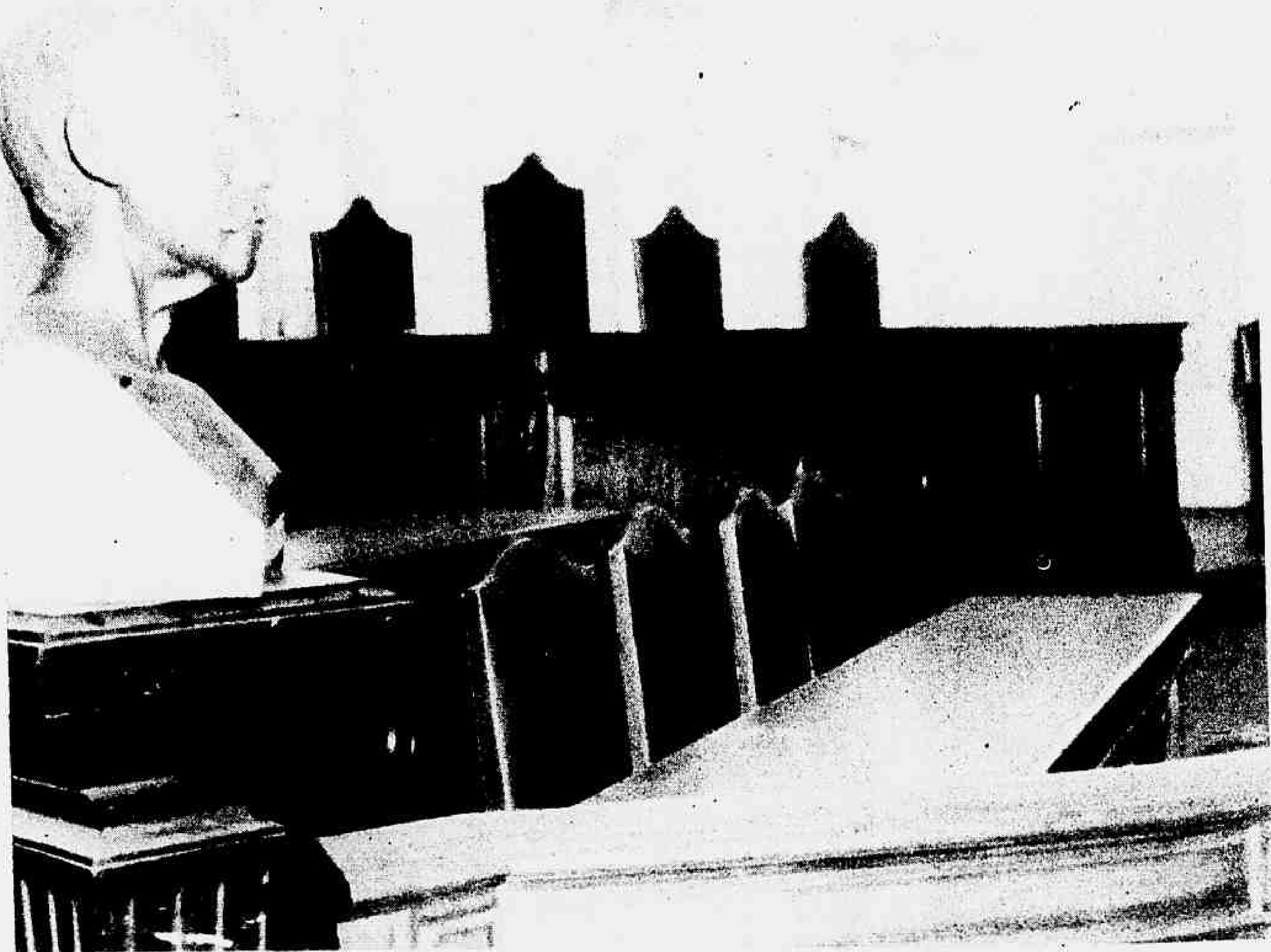
PEDRO CALMON



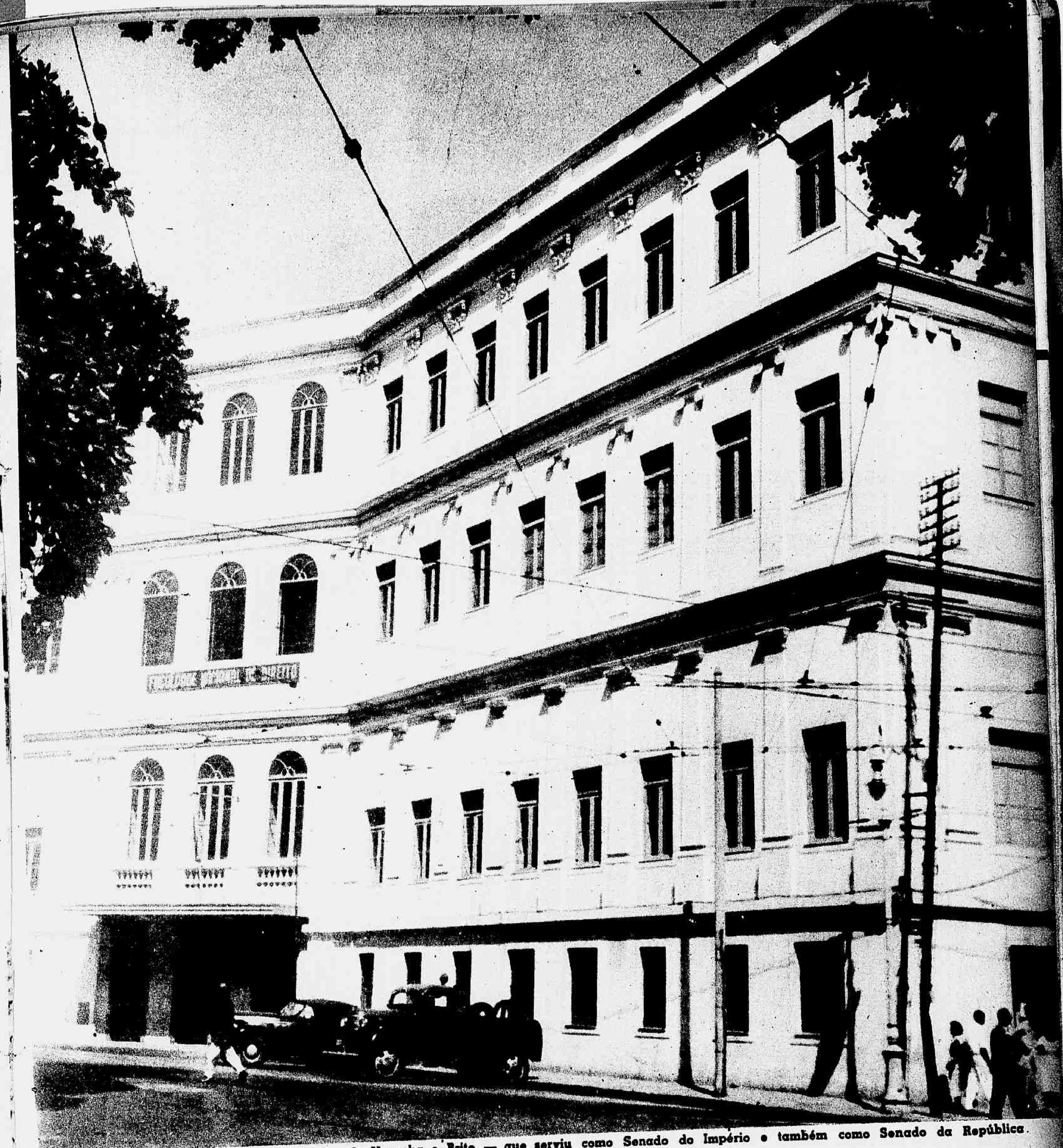
D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos.

HÁ casas predestinadas. Começam famosas e são célebres pelo tempo adiante. Ao contrário de outras, que depois de ilustres se aviltam em lastimável vulgaridade e acabam ignoradas e ignóbeis, na sua ruína sem glória... Assim os destinos humanos; e assim as cousas dêste mundo. A «cabeça de porco», imunda e enorme, já foi mansão nobre. Há bairros cheios de solares que se degradaram até à hospedaria promíscua e à «favela» miserável. Ninguém, passando-lhes pela porta onde ainda resta um traço artístico de imemorial fidalguia, dirá que atrás daqueles muros escalavrados pompeou a fortuna: parecem os palácios da indigência erguidos nos quarteirões sujos pelo contraste das épocas... Quem as fêz, qual a sua história, quanto durou o esplendor da riqueza ou o prestígio da boa gente que ali viveu outrora? O abandono espoliou-as de tradição, dignidade, nome, data: são monturos cuja forma arquitetônica se vai desmanchando em escombros e frangalhos, na gradual decomposição das relíquias... Algumas, porém, além de subsistirem valentemente na sua antiga beleza, permanecem incorruptíveis na sua serventia: são abençoadas pela sorte. Uma delas, desenganadamente, é a do conde dos Arcos na esquina do Areal com o campo de Sant'Ana.

O preconsul — estadista colonial de vistas largas e coração rijo — governara inteligentemente a Bahia. Em recompensa pelos seis anos de administração próspera o corpo do comércio lhe levou numa bandeja o gordo presente de cem contos de réis em papéis do novo Banco. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, D. Marcos de Noronha — no fausto e na galhardia um Marialva — empregou o dinheiro na compra do terreno e na construção do sobrado do campo de Sant'Ana, esquina do Areal, que era, ao raiar a Independência, uma das melhores residências da cidade. Esta lhe foi hostil. Ministro do príncipe D. Pedro, tornou-se suspeito de ser o condestável da reação, o homem forte do absolutismo: irritou-se o povo, o regente achou preferível sacrificá-lo, e numa satisfação veemente à opinião fluminense, que lho exigia, o condenou ao desterro na própria pátria. Reembarcou-o para Lisboa. De lá não voltaria mais. O jeito foi vender a sua esplêndida habitação do Campo a quem lha pagasse, embora abaixo do custo: comprou-a o Estado. Precisava-se de sede para o Senado vitalício criado pela Carta de 1824. Não cabia na casa da Câmara, velha Cadeia, onde ficaria, desacomodado, o outro ramo do Legislativo. Requeria-se não apenas sítio confortável para os senadores, como um recinto adequado à cerimônia periódica da abertura e do encerramento da Assembléia Geral com a presença do monarca em «grande gala». A do conde dos Arcos satisfazia a ambas as condições, contanto que lhe retocassem a fachada — para ter aparência — e a dotassem de um salão de sessões — com o respectivo anfiteatro. Fechado o negócio, realizadas as obras, entregues aos donos definitivos, foi ali que os pares do Império se reuniram em 3 de maio de 1826. E ali funcionaram até um século depois. Resplandeceram na sua tribuna as eloqüências mais aplaudidas do país. Sentaram-se nas suas curuis os mais respeitáveis cidadãos de ambos os regimes. Os chefes de partido na monarquia e na república, os condutores da nacionalidade, os seus oráculos, govêrno e oposição, revezaram-se naquelas bancadas em cem anos de política, de retórica, de debate, de combate, de altas vozes ou de silêncios ainda mais expressivos. Trovejaram sob aquêles tetos os oradores excelsos. As cenas oficiais



Salão Nobre da Fac. de Direito, ex-Senado do Império e da República. Rui preside simbòlicamente.



Casa do conde dos Arcos — D. Marcos de Noronha e Brito — que serviu como Senado do Império e também como Senado da República.

em que as instituições representativas culminavam a sua perfeição parlamentar tiveram por moldura aquêle salão de proporções acanhadas, tão lisonjeiramente imortalizado na tela de Vítor Meireles (o juramento da princesa Isabel), tão minuciosamente descrito pelo pincel de Tirone. Os itinerários do Brasil atravessaram aquêles assoalhos em cujos tapêtes fofos se iam sucedendo as pegadas dos patriarcas... Foi o Senado do primeiro reinado, da regência, do pacífico segundo reinado, das agitações republicanas, da tempestade e do marasmo, das apoteoses do verbo e das apostasias democráticas, dos grandes e dos miúdos senadores, dos belos e dos maus dias...

Transportado afinal para melhor lugar — o palácio Monroe, sem êsses antecedentes, porém de mais vistoso prospecto — o velho prédio foi cedido para os serviços da Educação. Ainda lhe vimos o salão das sessões com as colunas negras de capitéis doirados, estreito, anacrônico, venerável, espécie de mausoléu do parlamentarismo romântico... Não sabemos por que, no vendaval de uma reforma tonta, o demoliram. O edifício foi entregue à Faculdade de Direito desnudo, sem vestígios interiores da primitiva ocupação, mal remendado na pobreza de suas paredes brancas. Com dois andares acima de sua estrutura histórica, hospeda hoje com relativa majestade o ensino jurídico: e pelos ambientes eletrizados antigamente pelas discussões cívicas, rolam sentenças latinas. E os ecos reproduzem insistentemente a palavra que nunca deixou de retumbar por essas galerias: Liberdade!

Num de seus artigos do Jornal do Brasil de 1893, Rui Barbosa se referiu irônicamente ao título despótico do palácio, que nunca deixara de ser a casa do conde dos Arcos. Circunstância notável! Enquanto tantas outras por aí se deluem e destroçam, reduzidas ao fantasma da própria importância, esta continuou a ser uma tôrre de Cultura, um baluarte do Espírito, sôbre a paisagem dos tempos!



— «Autógrafos, por favor!» — As inúmeras «fans» trazem discos para receber a assinatura do «Príncipe da Voz». — João Dias — o maior cartaz do rádio paulista, artista exclusivo da RÁDIO BANDEIRANTES, a emissora que transmite em oitocentos e quarenta quilociclos.

MILHARES DE "FANS" ACLAMAM O PRÍNCIPE DA VOZ!!!

(Continuação da pág. 10)

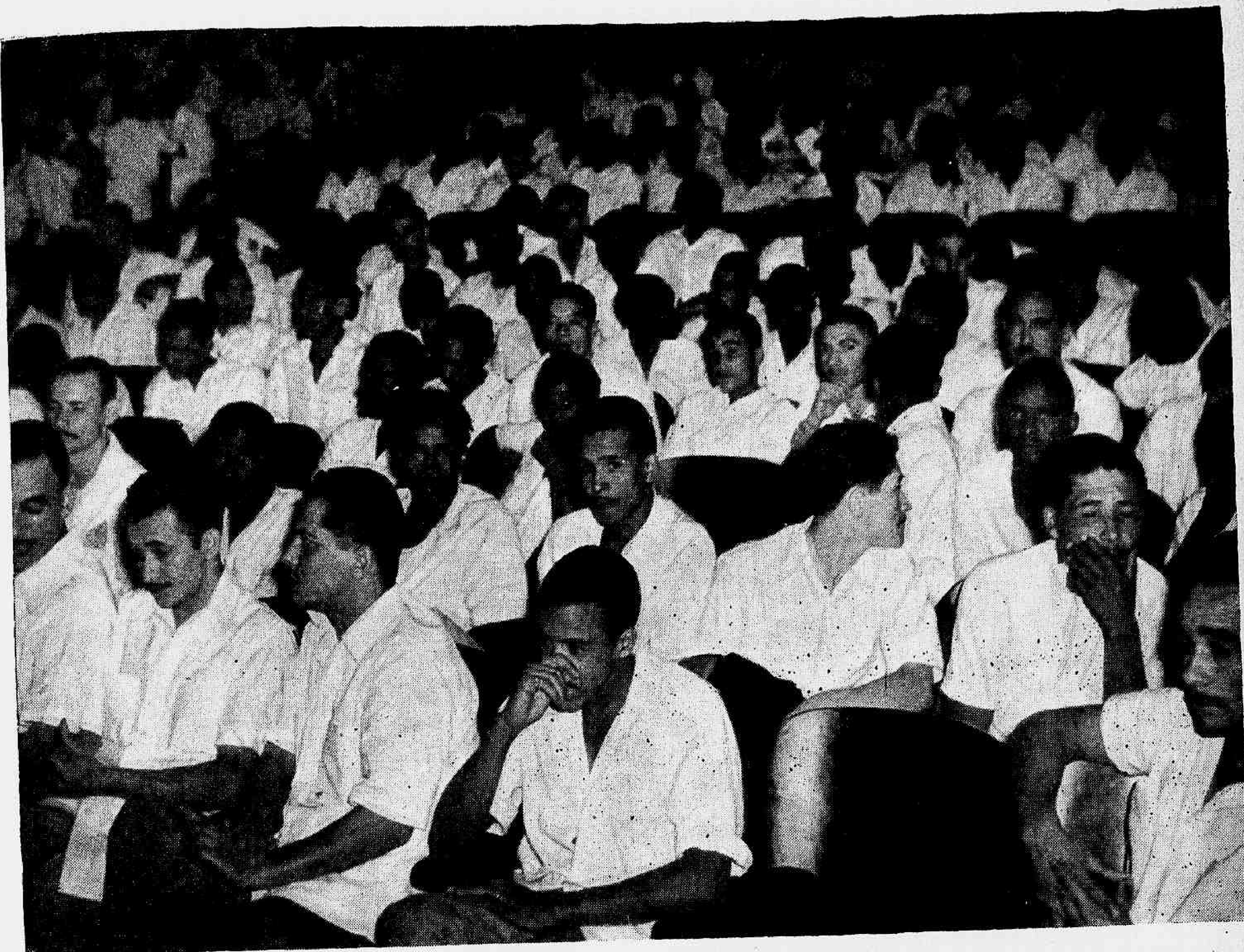
Príncipe da Voz, artista exclusivo da Rádio Bandeirantes e contratado com exclusividade pela firma RÁDIOS ASSUMPÇÃO S. A.

«O BON-ECO CONVIDA A SONHAR» é êsse o título do programa de João Dias, que Oswaldo Moles monta caprichosamente, transformando em espetáculos inesquecíveis as audições de João Dias, na RÁDIO BANDEIRANTES, campeã absoluta de sucessos!





O programa já terminou. Grande parte da multidão deixa a Rádio Bandeirantes. Mas, apesar da chuva que cai sôbre a cidade, centenas e centenas de admiradoras de João Dias não arredam dos seus postos. Tôdas querem aplaudir o «Príncipe da Voz», no momento em que êste sair à rua! Um espetáculo sensacional diante do prédio onde está instalada a RÁDIO BANDEIRANTES, a mais popular emissora paulista!



Muitos dêstes condenados recuperarão, em breve, a liberdade. Outros, em número de 35, morrerão na cadeia. Irmanados na desgraça, ouvem sermão.

CONDENADOS À MORTE NO BRASIL

HISTÓRIA DE DELINQÜENTES FAMOSOS ★ LIBERDADE, SÓ NO ANO DE 2018 ★ DESFILE DE AMARGURAS ★ BENEVOLÊNCIA DO CONSELHO PENITENCIÁRIO

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA

TRINTA e cinco condenados aguardam a morte, pacientemente, nos cubículos da Penitenciária Central do Distrito Federal. E' desnecessário relembrar os seus delitos, quando são figuras sinistras do crime. Seus nomes viveram trepados nas «manchettes» dos jornais e alguns, pelos requintes de perversidade com que abateram as suas vítimas indefesas, são legendas de pavor.

— Por que, então, uma faixa negra sôbre os olhos e, apenas, as iniciais dos seus nomes?

Ao prêso, dentro do moderno sistema penitenciário brasileiro, isto é, nas prisões da Capital Federal, São Paulo e Minas Gerais, foi dado o direito de posar ou não para os fotógrafos da imprensa. Esta reivindicação, aliás, a única, foi imposta ao jornalista. Para o repórter, na verdade, não interessa estigmatizar ainda mais um condenado. O que importa é o fato. E assim começa a história dos trinta e cinco condenados à morte, num país onde não existe a pena capital.

O primeiro é M. S., com 32 anos de idade, físico de criança, com bigodinho a Adolfo Menjou. Trata-se de perigoso ladrão, com penas no total de 42 anos, muito embora ainda tenha a responder a 24 processos. O sentenciado faz blague:

— Tudo correndo bem, se Deus quiser, espero mais vinte anos de cadeia nas costas. Sairei com 94 anos de idade, no ano de 2018.

M. S. faz uma revelação:

— Ainda tenho que pagar Cr$ 60.000,00 de multa ou mais um dia de cela por cada 10 cruzeiros. Faça a conta! São 6.000 dias ou sejam, aproximadamente, 20 anos. Você acha que viverei 110 anos?

Eis o primeiro condenado à morte. O seu comportamento é bom, gosta de ler e o seu livro predileto é a Bíblia.

80 ANOS DE PRISÃO

Estamos frente a L. G. S., natural de Minas Gerais, onde cometeu o seu primeiro grande crime. Idade: 48 anos. Penas num total de 80 anos, das quais já cumpriu 12. Deixará o presídio no ano de 2021. Tem a «Estrêla Verde», sinal de ótimo comportamento e faz parte da Comissão de Administração. Suas únicas palavras ao repórter:

— Só um milagre de Deus. Só tenho dó dos meus dois filhos e da pobre espôsa. Êles não mereciam isto.

73 ANOS DE CARCERE

Alto e magro, fazendo um rigoroso regime alimentar à base de manteiga e «filet-mignon»,



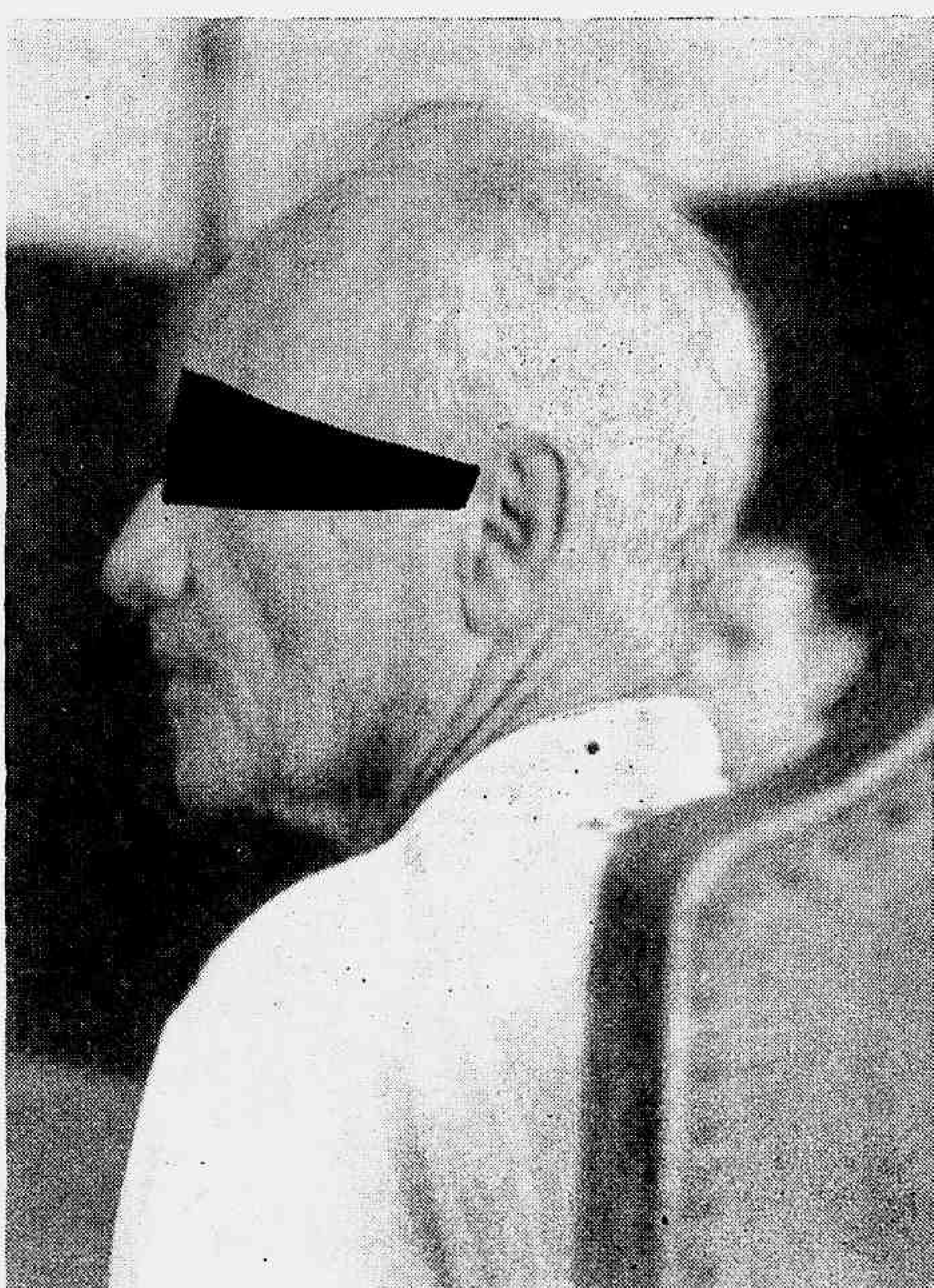
A.D.J., campeão de fugas no passado. idade: 66 anos. Penas num total de 40 anos e meses. Comportamento: ótimo. Agora pensa em plantar batatas.



W. M. S. jovem advogado que matou um indefeso pagador para roubar. Idade: 37 anos; pena 25 anos. Comportamento ótimo. O crime foi em 1949.



M. S., ladrão, com 32 anos e campeão de cadeia. Foi condenado a 42 anos e ainda falta responder a 24 processos. Multa: Cr$ 60.000,00.



Êste setuagenário matou um homem e cometeu outros crimes, sendo condenado a 53 anos e dois meses. A pena caiu para 25. Suas iniciais: J.C.B.



O ladrão C. S., com 73 anos de prisão, recuperou a liberdade por alguns instantes e, de volta ao cubículo, disse: «Daqui só sairei no ano de 2017.»

o arrombador e ladrão C. S., com 30 anos incompletos, foi condenado a 73 anos de prisão, dos quais já cumpriu 9. Seu alvará de liberdade será concedido no ano de 2015. Nos anais do crime foi uma figura tão perigosa quanto «Carne Sêca», «Sete Dedos», «Meia-Noite», «Coqueiro», «Zé da Ilha». Hoje, na Penitenciária, é um dos presos de melhor comportamento e faz parte da Comissão de Administração. E' espírita.

O DRAMA DO SETUAGENÁRIO

Trazendo no blusão o emblema de ótimo comportamento, J. C. B., com 76 janeiros, disse melancòlicamente:

— Peguei 53 anos, porém, a pena caiu para vinte e cinco. Não espero viver 90 anos. Muita idade para um homem, mesmo sadio, em qualquer penitenciária do mundo.

Seu crime: homicídio.

225 ANOS DE CADEIA

Grande chantagista, o maior de todos, sobretudo pelo seu cinismo, P.F.A.J., com 61 anos de idade, já respondeu a mais de 40 processos, num total de 225 anos de prisão. Acontece que as penas caem na revisão e tudo está reduzido, agora, a 11 anos. Comportamento: zero. Começou a freqüentar o presídio a partir de 1930. Uma facêta do scroc: há meses publicou êste anúncio numa revista:



Trinta e cinco condenados só recuperarão a liberdade, passando por êste complicadíssimo contrôle de grades, a partir do ano de dois mil! — Viverão até lá? Quem poderá dizê-lo?



O velho chantagista A. P. S., sexagenário e que foi condenado a vinte anos de reclusão. Tem espôsa e sete filhos e um dêles foi arrastado pelo próprio pai à vida do crime.

«Jovem fazendeiro, rico e solteiro, precisa contrair matrimônio com uma moça de fina educação e com traços de beleza. Cartas e fotografias para a rua Frei Caneca, 463.»

As moças ingênuas, algumas a caminho dos quarenta, já sem esperanças em Santo Antônio, ignoravam que o prédio indicado era o da Penitenciária. O chantagista recebeu mais de 1.000 cartas. Uma das pretendentes resolveu conhecer o «jovem e rico fazendeiro». Desmaiou quando ficou frente a frente com o espertalhão, alquebrado pelo pêso da idade, mulato e barrigudo.

«Carne Sêca», por exemplo, de boa família e filho de uma velha professôra de piano, a despeito de ser, também, um condenado à morte, pois tem mais de 65 anos de prisão a cumprir, não aparece nesta reportagem, ùnicamente, pelo fato de estar na Colônia Correcional da Ilha Grande.

Outro é A. D. J., cuja fuga rocambolesca, dentro de um caminhão de óleo, é apontada como a maior proeza no gênero. Os dois são campeões de fuga e representam duas épocas: a fuga pelo artifício e a fuga pela audácia, através dos canos de esgôto.

A. D. J. está com 66 anos e tem bom comportamento e é detentor da ambicionada «Estrêla Verde». Ainda ostenta o seu bigode tão focalizado pelos caricaturistas do passado e faz blague com o repórter:

— Não quero saber mais de embrulhada. Chega de cadeia! Ainda tenho 7 anos dos 31. Ganhei nove na revisão. A pena era de 40.

Qual o velho repórter que não conhece sua história dramática? Rápido como um felino, romântico como um beija-flor e impulsivo como um tigre. Em 25 anos de cadeia não perdeu aquêle sorriso largo e franco. O vasto bigode e a cabeleira partida ao meio continuam os mesmos.

(Cont. na pág. 41)



— «A nossa fotografia só será batida de costas» Quatro dos trinta e cinco presidiários condenados à morte — sob as vistas do Major Vitório Canepa — conversam com o jornalista.



L. G. S. com 80 anos de prisão, dos quais já cumpriu doze anos e 3 meses. Sairá com vida no ano de 2021? O seu primeiro crime foi perpetrado no interior do Estado de Minas.

INVENTOS & INVENÇÕES

(Cont. da pág. 15)

simo. Compõe-se de pessoas capazes e adrede escolhidas, com a presença do Ministro do Trabalho. Uma patente tem assegurada a sua validez por um período de 15 anos. Findo êsse prazo a invenção começa a fazer parte do domínio público.

A lei não permite que o inventor detenha por tempo indeterminado o seu invento, sem aproveitá-lo na prática. Êle dispõe de um prazo de dois anos, a partir da concessão da patente, para estudar os meios de utilização.

São suscetíveis de registro as marcas de indústria e comércio. Os nomes, palavras, denominações, conjunto de letras, algarismos, monogramas, emblemas, figuras, vinhetas, ornatos, desenhos, ilustrações, relevos, perfurações, transferências, estampas, recortes, rendilhados, impressões, gravuras, fotografias, sinetes, cunhos, selos, rótulos e qualquer outro sinal que distinga a atividade industrial, comercial, agrícola ou civil.

REALIDADE E FANTASIA

O poder da invenção tem sido a alavanca poderosa que ergueu o colosso de nossa estupenda civilização. A industrialização é o caminho por onde os povos de elite seguem em busca de um porvir mais grandioso. Figura o Brasil entre os povos de



Mas até que a realidade venha a se tornar em verdade tem-se que enfrentar a burocracia . .

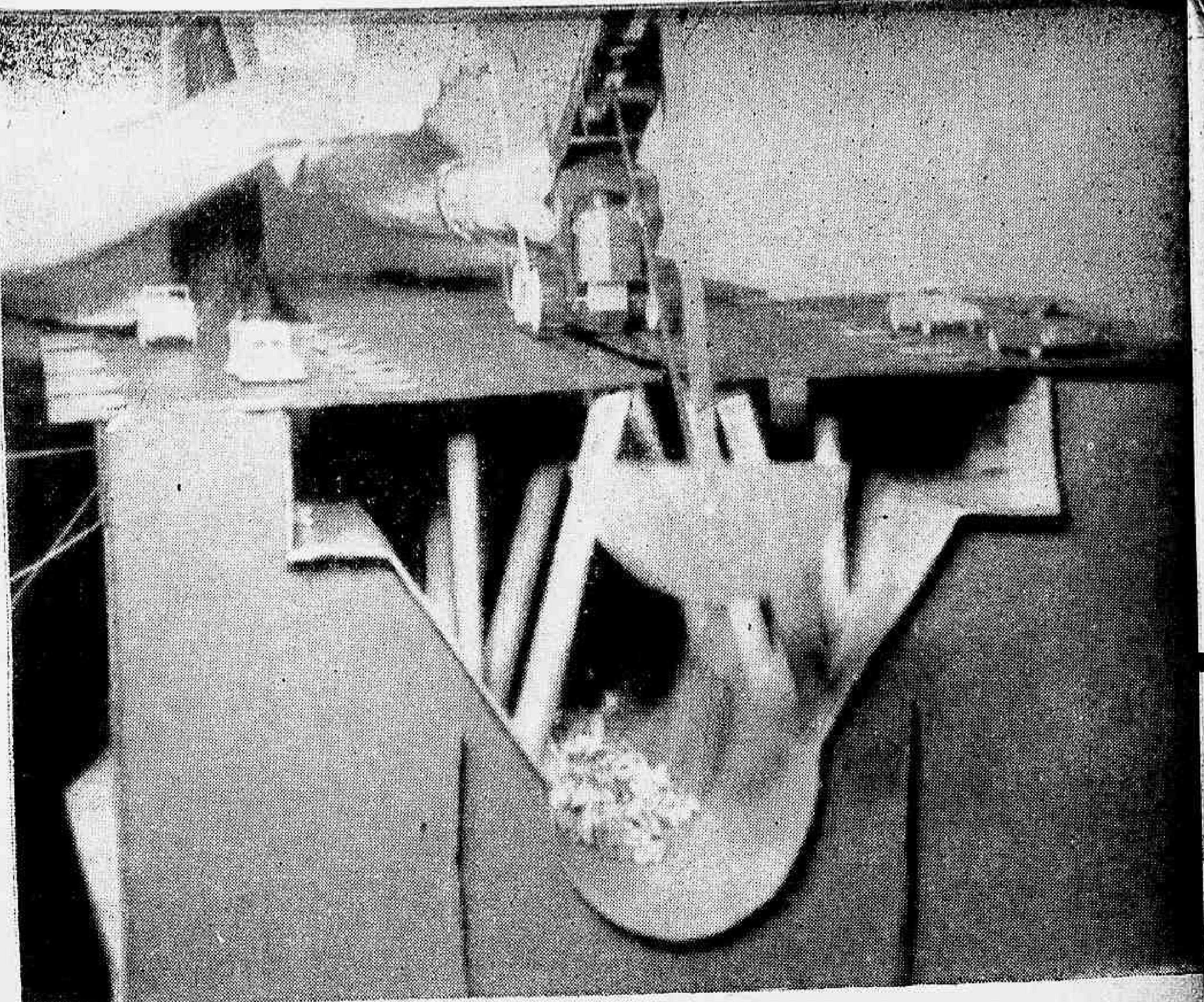
maior capacidade industrial. O rápido desenvolvimento de nossa moderna industrialização deu-nos o segundo lugar, logo após os Estados Unidos, em volume de invenções. E' com justa satisfação que podemos observar os milhares de registros de patentes. A média diária nunca é inferior a cem pedidos. Há uma excelente porfia de novas invenções buscando melhorar o nível comum de nossa indústria.

Cada inventor se julga, na sua intimidade, um gênio. A mais pequena descoberta passa a ser um prodígio. Se fôssemos aqui mencionar os desenhos e maquetas existentes no DNPI, não sobraria espaço para tanto. As invenções mais esdrúxulas podem ser vistas ali. Há de tudo. Fórmulas de novos medicamentos. Processos químicos para diversas utilidades. Desenhos de objetos novos de uso doméstico. Desde os mais sérios, capazes de utilidade industrial, até aos mais absurdos.

O espaço vital, as necessidades da vida agitada, ou a serenidade construtiva das complicadas engrenagens ali se completam nessa extraordinária demonstração de que é fértil a gente latina.

SERÁ COBERTO O CANAL DO MANGUE?

Há invenções que merecem a atenção pela sua originalidade e pelo seu caráter de imediata utilização. Vamos citar aqui a título de ilustração a seguinte e curiosa invenção. A solução apresentada para o canal do Mangue. Assunto que vem sendo há muito tratado pelos engenheiros da Prefeitura. Depois de haver estudado "in loco" o problema, idealizou o mecânico Lourenço Rosa, a sua



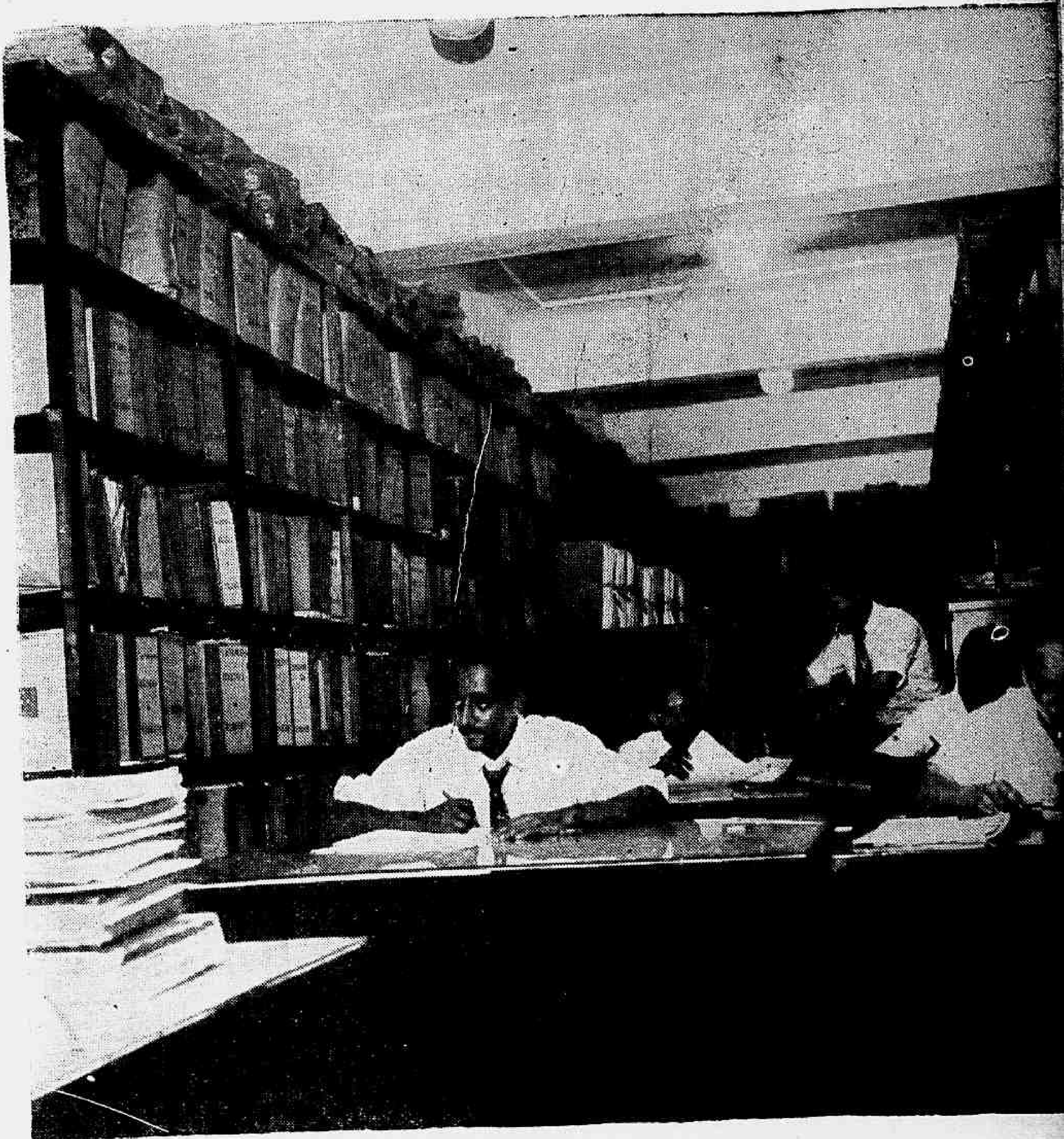
A grande pá mecânica funcionará para fins de limpeza sem que haja necessidade de abertura.

solução. Demonstra êle como funciona o seu engenho, com relação à limpeza do canal depois de coberto. E' uma gigantesca pá em forma de meia-lua que, adaptando-o à forma do leito que o canal deverá ter depois de revestido, vai removendo todos os detritos até às caixas coletoras que deverão situar-se junto à ponte dos Marinheiros, pois dali em diante o canal continuará descoberto, facilitando a retirada dos detritos.

Outras invenções já se incorporaram ao patrimônio de nossa indústria. Basta lembrar aqui as duas de maior sucesso. O "Tear Mascarenhas" e o "processo para reduzir o consumo da soda cáustica no tratamento dos tecidos".

Como vê, leitor amigo, não desanime. E' fácil se tornar um inventor. Antes de ser um Edson ou Santos Dumont, é preferível doar à humanidade coisas simples e úteis. Ao lado da lâmpada e do avião pode muito bem, figurar a sua pequenina invenção.

. . . que amontoa nestas prateleiras centenas de milhares de processos de inventos.





POUCOS MINUTOS DE VIAGEM...

E MUITAS HORAS PARA O SEU DIVERTIMENTO!

A bórdo de um dos aviões da NACIONAL, a sua viagem de negócios lhe dará horas extraordinárias para o seu divertimento.

Após servir-se do "confôrto aéreo" da NACIONAL, o senhor desembarcará a tempo e com magnífica disposição para realizar seus negócios, empreender passeios ou assistir a jogos esportivos.

E mais: o homem de negócio viaja economicamente pela NACIONAL.

Ao projetar sua viagem, consulte o nosso agente local; fornecer-lhe-á todas as informações desejadas:



SERVIMOS AS SEGUINTES LOCALIDADES:

MINAS GERAIS: Aimorés - Alfenas - Almenara - Araçuaí - Araguarí - Araxá - Belo Horizonte - Bocaiuva - Cambuquira - Campanha Caratinga - Caxambú - Coromandel - Curvelo Governador Valadares - Guaxupé - Ituiutaba Januaria - Jequitinhonha - Lavras - Machado Monte Carmelo - Montes Claros - Passos Patos - Patrocinio - Pedra Azul - Pirapora Piumhi - São Lourenço - Teófilo Otoni - Tupaciguara - Uberaba - Uberlândia - Varginha.

MATO GROSSO: Bela Vista - Cáceres Campo Grande - Corumbá - Cuiabá - Dourados Guiratinga - Poconé - Ponta Porã Poxoréu - Três Lagôas.

GOIÁS: Anápolis - Aragarças - Baliza Buriti - Alegre - Caiapônia - Goiânia - Ipamerí Iporà - Jataí - Morrinhos - Pires do Rio Rio Verde.

BAHIA: Barra - Barreiras - Carinhanha Conquista - Ilhéus - Itabuna - Lapa Remanso - Salvador - Xique-Xique.

SÃO PAULO: Barretos Campinas - São Paulo

PERNAMBUCO: Petrolina - Recife

ALAGÔAS: Maceió

SERGIPE: Aracajú

ESPIRITO SANTO: Vitória

PARAGUAI: Assunção.

VIAJANDO, PREFIRA O AVIÃO... VOANDO, PREFIRA A



RIO DE JANEIRO - Rua Santa Luzia, 685-B - Tel. 32-7399
SÃO PAULO - Rua Cons. Crispiniano, 28 - Tel. 36-4603
BELO HORIZONTE - Av. Amazonas, 511 - Tel. 2-0818
SALVADOR - Rua Santos Dumont, 21 - Tel. 239
RECIFE - Rua das Flores, 47

RECEBEMOS, AGRADECEMOS E RETRIBUIMOS

(Continuação)

Retribuímos nossos votos de feliz Ano Novo às seguintes pessoas e firmas:

Medical & Pharmaceutical Information Bureau; Eugênio Gomes, Diretor da Biblioteca Nacional; Família Castro Araújo e Editors Press Service, Inc.

A FESTA

(Cont. da pág. 14)

acompanhada pelo quarteto de cordas e Gabriel acabou de voltar. Veio diferente, como se não fôsse o aniversariante que festeja suas bodas de prata, e ficou num lugar onde pudesse ser visto pela mulher, bem defronte ao piano que toca a segunda parte da introdução da valsa. Sabe que Félix morreu, não resistiu à peneumonia que em algumas horas o agasalhou muito com aquela febre alta que ainda foi uma esperança, antes de ser um pormenor para o diagnóstico escrito no atestado de óbito, por isto seus olhos estão apavorados com um fantasma que êle sabe passado mas sente presente. Chegou a vê-lo em vida, alheio à botinha de couro marron, trêmulo como se violentamente lhe sacudissem o corpo.

Ainda não houve uma vez que êle não retribuísse com um sorriso o olhar de Lucila, cantando. Continuará assim, sem dizer nada, fazendo todo o possível para continuar a ser, como Lucila, uma criança: rindo de tudo. A festa chegará ao fim e Gabriel só anunciará o luto quando as luzes se apagarem, quando os restos do bôlo de aniversário estiverem esfarelados no prato como o sinal de que uma festa e uma vida morreram juntas.

Seu número está terminando e o quarteto de cordas virou a última página da música. Os convidados se preparam para aplaudir, e Lucila está pensando em ir à casa da avó de Félix para buscá-lo; nesta noite ela não quer que êle durma longe, para hoje mesmo desembrulhar os brinquedos que lhe trouxeram. Gabriel desculpa os olhos vermelhos dizendo que bebeu muito.

ISAURA

(Cont. da pág. 11)

após, sentiu as melhoras prometidas. E daí por diante a cura se processaria normalmente, sem outros obstáculos, se ela não se mostrasse tão caprichosa. Revoltava-se contra as prescrições médicas. Não se submetia com agrado ao repouso recomendado. Achava que êste era um pretexto para, de combinação com o doutor, Everaldo aprisioná-la em casa. E se indignava aos impropérios se dona Emerenciana ou Everaldo queriam impedi-la de seus saudosos regabofes de azeite de dendê. Sofria do fígado. Sua digestão era difícil. E insistia como uma criança irritante, em ser servida de caruru, vatapá, moquecas. Não considerava que o médico proibira-lhe tais excessos. E num dia que Everaldo jantava fora, ela gritou para dona Emerenciana, porque esta não lhe preparava a moqueca de peixe:

— Já sei o que vocês querem. Já sei! Everaldo tem raiva de mim porque não gosto dêle. Por isso me trouxe para aqui. Vocês querem me matar de fome. Mas não pensem que sou só no mundo!

E trocou de roupa, saiu, voltou tarde da noite, empriagada, molhada de chuva, contando entre gargalhadas a aventura formidável que tivera com um moreno da "ponta".

Sobreveio um derrame e as dores conseguiram prendê-la novamente ao leito. Sossegou por algum tempo. Passou um mês suportável. Para Everaldo foi a recompensa. Pareceu-lhe sua. Como que estava arrependida de tanta ingratidão. Sorria, pilheriava. Logo quando viera morar com Everaldo ela o apertava nos braços — mas não era movida pelo amor ou pela gratidão. Aterrorizava-se com a própria doença e pensava que todos os que a sabiam tuberculosa tinham-lhe nojo. Seu olhar carregado de desconfiança pesquisava os mínimos gestos de Everaldo. E mesmo sem lhe notar a menor repulsa, provocava-o:

— Você tem mêdo de mim.

E com o peito efervecendo de bacilos ela o beijava frenèticamente na bôca, não dormia sem Everaldo, pois as noites lhe eram penosas, dormia pouco, acordava em suores ou sonhava tragédias.

Com dois anos e pouco de tratamento o médico deu-lhe alta. Mas teria de ficar sob observação. Maravilhada, Isaura convencera-se já de que "aquilo" era curável. Nunca se sentira tão bem. Estava gorda, jamais pesara tanto. O que diriam as ex-companheiras que a tinham visto sair morrendo?

Constantemente ia para a rua, ainda com algum cuidado. Mas quando o médico lhe afirmou que estava radicalmente curada, tornou-se ousada. Desleixou o regime. A vida desregrada de antes da doença, tanto tempo controlada, tomou-a de novo.

Embora enciumado, Everaldo não protestava. Apenas pedia-lhe, com seu ar de torturado sem revolta, que era bom repousar ainda por certo tempo, pois do contrário a doença poderia voltar. Ela não acreditava. Suas maneiras grosseiras faiscavam de novo. E num dia em que êle insistiu de mais em sua permanência em casa, ela retrucou alto:

— Se você continuar nessa lenga-lenga, vou mas é de vez.

E se foi mesmo, depois de uma discussão acesa com dona Emerenciana, em que a mãe de Everaldo, numa explosão, chamara-a de ingrata e de nomes baixos, acusando-a de sujar a vida do filho com procedimentos tão imorais.

Ao chegar, Everaldo se achou grandemente desgraçado. Embora desse razão à mãe, considerava que não podia viver sem Isaura. Saiu à sua procura. Achou-a numa pensão de mulheres livres. Pediu-lhe, rogou-lhe que voltasse. Ela recusou:

— Não posso ficar junto daquela macaca!

— Alugo um quarto só para você — tornou êle, súplice.

— Deixe de enjôo, sua bêsta! Não vê que não posso viver com um homem só? Não vê que não lhe suporto? — gritou ela, escarrando desprêzo.

Êle não insistiu, abateu-se, saiu, nunca mais procurou-a. Tempos depois Isaura soube a causa. Ela lhe transmitira a tuberculose.

— Ora, êle que se arume! disse, num muxôxo de indiferença, abraçando-se ao mulato frajola que na véspera rasgara-lhe a coxa com uma navalhada.

CONDENADOS À MORTE NO BRASIL

(Cont. da pág. 38)

A. P. S., com sete filhos, velho chantagista e escroc». Idade, 58 anos. Pena, 18 anos. Comportamento bom.

— O pior é a multa de 12 mil cruzeiros ou mais 1 200 dias de cadeia — disse ao repórter.

Na última aventura, arquitetada, no próprio presípio, arrastou à cadeia o seu próprio filho.

M. E., com 40 anos e uma pena de 22. Este, possivelmente, sairá com vida, o que não acontece com W. M. S., desventurado advogado, com 47 anos e com 25 de prisão, por crime de latrocínio. Está alquebrado e doente. Na cadeia tem tido ótimo comportamento.

N. V., com 72 anos. Pena: 11 anos. Delito: homicídio.

O. M. G., com 60 anos e pena de 13 anos. Crime: homicídio. Tem a «Estrêla Verde».

U. P. S., embora com 30 anos de idade, dificilmente cumprirá os 22 anos. E' muito doente. Como os demais grandes criminosos, o seu comportamento é bom.

São 35 presos em idênticas condições. Nem todos, porém, participam da mesa-redonda promovida pela REVISTA DA SEMANA, inclusive o comerciante Antônio Soares Bento que, com a ajuda da amante, esquartejou a própria espôsa, enterrando-a num terreno baldio de Niterói.

O prêso nunca diz o móvel do crime. Cita artigos e parágrafos do Código Penal e tem uma linguagem especial para contornar a sua posição. Dos 3 000 presos existentes na Capital Federal, 35, pela idade e o montante das penas impostas pela Justiça, não sairão com vida da cadeia. Quase todos recuperarão a liberdade a partir do ano de 2 000. A possibilidade de fuga é remota. O indulto, a despeito da benevolência do Conselho Penitenciário, o qual nega a comutação de pena a um lavrador do interior de Pernambuco que assassinou um desafeto que tentara seduzir a sua espôsa e opina, favoràvelmente, em favor do autor de um latrocínio, não é coisa fácil. Resta, então, esperar a morte, pacientemente, no fundo do cubículo. Serão libertados pela morte!

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas ao teste

1 — A coruja.
2 — O pardal (317 quilômetros por hora).
3 — Seis.
4 — Na da independência americana.
5 — Palamedes.
6 — Em Tremembé.
7 — A Luther Burbank.
8 — No de Jackson.
9 — 250.
10 — Dez por cento.
11 — No de 1200.
12 — Herschell (1781).
13 — Castanha do Pará (14 gramas para cem calorias).
14 — Quarenta e dois.
15 — Terra lavrada (roçado de milho).

RESPOSTAS DA PÁGINA 16

1 — Deodoro da Fonseca ao assinar o ato de renúncia à presidência da República a 23 de novembro de 1893.
2 — Capistrano de Abreu, quando convidado para fazer parte da Academia de Letras.
3 — O arcebispo de Olinda, Raimundo de Brito, referindo-se a Medeiros de Albuquerque.
4 — José de Alencar, quando menino, diante de reuniões de políticos em casa de seu pai, e que comiam bolinhos com chocolate.
5 — Castro Alves, quando se vestia com apuro e saía a flanar.

Clinica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

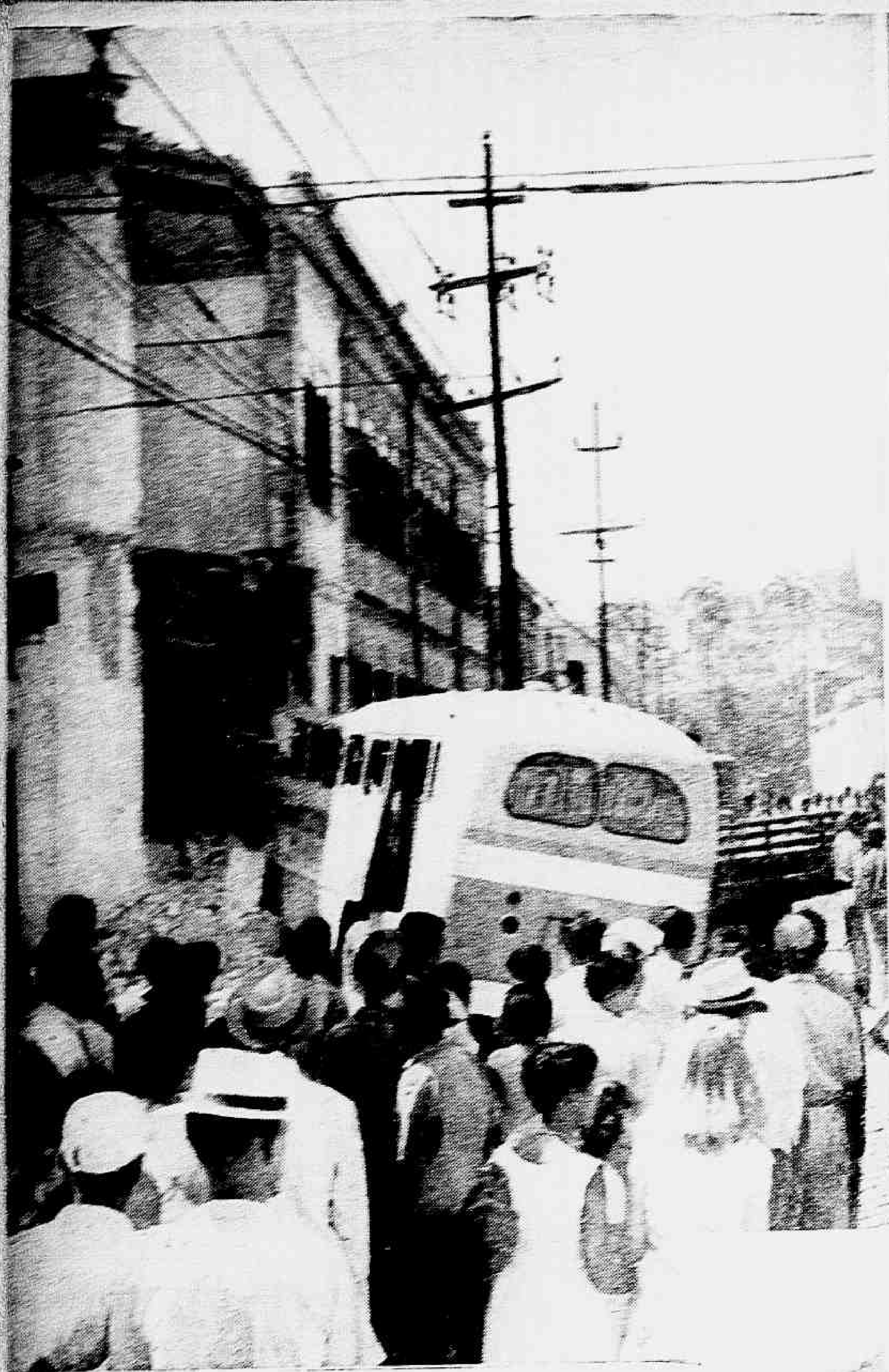
Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas



ÔNIBUS TEIMOSO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

NO dia 22 de janeiro dêste Ano-Novo, tão cheio de boas surprêsas, mais um desastre sensacional foi registrado nos anais da [illegible]. Passando ônibus da linha «Cascadura-Leblon», ao passar pela Cidade Nova perdeu o domínio de seu itinerário, colidindo com um caminhão que vinha em sentido contrário. Com a violência do choque, que se verificou entre as ruas [illegible] do Carmo e Néri Pinheiro, o ônibus investiu como um torpedo contra uma residência particular de um edifício de dois andares, derrubando-lhe a parede de frente, de cima a baixo. O veículo ficou com tôda a frente despedaçada, resultando disso quatro mortos e vinte feridos. Com o estrondo causado pelo choque e o desmoronamento da parede do edifício, houve pânico nas vizinhanças, parecendo que o mundo vinha abaixo no canal do Mangue. Gritos e gemidos ecoaram por todos os lados. Os bombeiros foram chamados para retirar vítimas dos escombros, enquanto as autoridades policiais providenciavam sôbre a assistência aos feridos, tomando-se as medidas que se faziam indispensáveis no momento. É mais um exemplo macabro da batalha do Rio de Janeiro, como já se convencionou chamar aos acidentes do nosso tráfego. Na verdade, quando se toma um veículo coletivo para qualquer zona da Capital Federal, tem-se a impressão de que os carros não vão conduzir a destinos pacíficos os seus passageiros, e sim levando-os para a morte, tal a velocidade que desenvolvem, mesmo entre outros veículos, ao dobrar as esquinas e em ruas estreitas. Não há, no Rio, nenhuma obra de [illegible] e sim a falta de compreensão dos que pegam nos volantes de carros cheios de passageiros, com a mesma imprudência com que agem [illegible] veis cidadãos. A população do Rio continua à mercê de [illegible] de conduzir sôbre o asfalto de ruas e avenidas, mesmo que [illegible] lorosos como êstes se registrem quase que diàriamente, subindo as estatísticas de mortes e ferimentos de passageiros [illegible] em nenhuma cidade do mundo.



Carnaval

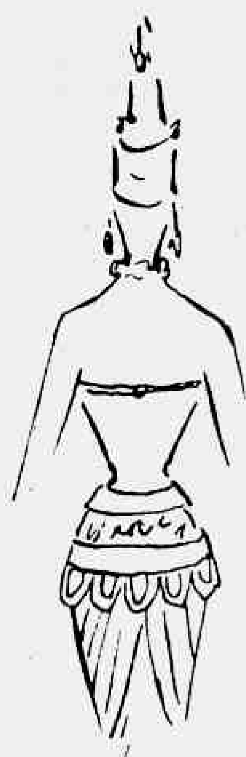
PIERRETTE — Em cetim branco e pompons negros, colerete branca debruada de negro. Em baixo, uma variação modernizada, também em prêto e branco. MEXICANA — Sensacional, em cetim branco com aplicações de côres. Estola com borlas, chapéu de palha.

DEUSA INDU — Rica fantasia para grande baile, tôda em material dourado: lamé, metais e bordados. Apresentamos uma variante, apenas com um saiote de pregas recolhidas por uma tira lisa.
FIORINETTA — Esta figura da comédia italiana, a cortesã capaz de amor puro, aqui aparece numa modalidade própria para o nosso verão, sem a fofa saia. Côres: mangas e calção brancos, corpete e saiote em rosa e lilás.

DEUSA INDU

(Variação)

FIORINETTA



DEUSA INDU





PIRATA — Bela estilização em branco, vermelho e prêto. BAIANA — Em dois tons, branco e verde, com balangandans de ouro e prata e frutas variadas. PALHAÇO — Fantasia para quem a saiba usar com espírito. Colorido estapafúrdio


IVANHOE
AVENTUREIRO ROMANTICO

CONVERSA DE MULHER

TESTE AMOROSO

O Dr. William Kaufman, de Bridgeport, Estados Unidos, apresentou recentemente, em um congresso de psiquiatria, uma tese que fornece os meios para que sejam conhecidos os sentimentos das pessoas, inclusive das espôsas em relação aos maridos e vice-versa.

Declara o cientista que, se uma pessoa está com fome, come qualquer coisa que possa ser considerada alimento, mas que nos tempos de fartura a escolha dos quitutes pode servir de base para um estudo das emoções de cada um.

Vejamos algumas das classificações do Dr. Kaufman:

— Em estado de perturbação nervosa, os pacientes recorrem a alimentos «garantidos», como leite e derivados.

— Chocolate, doces, cachorros quentes, nozes, «alimentos de recompensa», são escolhidos por aquêles que se lastimam.

— «Alimentos fetichistas» são os anunciados de maneira convincente para crianças, beberagens para adultos insones; carne fresca e batatas para os trabalhadores.

— Os indivíduos que duvidam da própria maturidade procuram tomar café, chá ou cerveja, que lhes foram negados na infância e lhes parecem aptos a reintegrá-los na idade própria.

— Caviar, trufas, queijos caros e de cheiro forte, vinhos finos são «alimentos que prestigiam», muitas vêzes procurados por sedução de snobismo.

«Freqüentemente», declara o Dr. Kaufman, «a espôsa que está com mágoa do marido não lhe serve nenhuma das comidas que êle prefere. Se chegar a odiá-lo, a carne é sempre dura e sêca, o pão velho, os legumes intragáveis. O marido inicia as represálias por críticas acerbas e a coisa termina em separação.

«As mulheres que sentem inveja do que imaginam que seja o tempo interessante que os homens passam trabalhando, exageram o sacrifício que sofrem na cozinha... para obter concessões e recompensas. Conheço uma que, por êsse processo, conseguiu um aparelho de televisão, um casaco de peles, um pequeno automóvel e um quarto separado — há maridos capazes de tudo para continuarem sendo bem alimentados em ambiente de confôrto doméstico.»

Os alimentos podem servir para exprimir emoções do mesmo modo que para satisfazê-las, insiste o Dr. Kaufman. Se um convidado para jantar declara: «Não posso aceitar mais», pode ser que seja apenas isso mesmo, mas também êle poderá estar significando: «Sua companhia não me agrada, chego a perder o apetite.»

O Dr. William Kaufman acredita que chegará o dia em que os psiquiatras farão refeições em companhia de seus doentes, para descobrir qual o mal que os rói. — **ISOLETTE**

CORREIO DA REVISTA

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1953.

Ao Sr. Diretor da "Revista da Semana".

Prezado Senhor,

Vimos, com surprêsa, no número de 10 do corrente, da REVISTA DA SEMANA, na penúltima página, uma crítica intitulada "ÚLTIMO FLASH", encabeçada por fotografa tirada, com rara felicidade, na qual, depois de considerar o fato exatamente como aconteceu, é feito um reparo bastante desabonador para nossa Emprêsa. Diz textualmente a crítica: "... os sinistros têm sido sempre de uma única emprêsa: a Pássaro Marron".

Queremos fazer ver a V. S. o injusto desta crítica, visto não havermos tido acidentes com conseqüências fatais, há muito tempo, apesar de ser realmente grande o número de veículos de nossa Emprêsa, que transitam nas estradas de São Paulo, do Distrito Federal, dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e podemos garantir-lhe, mesmo, que nosso coeficiente de segurança tem sido sempre muito alto.

Não compreendemos com que intuito foi feita esta afirmativa, porém, estamos certos de que não teve a intenção de depreciar o serviço desta Emprêsa, que muito tem contribuído para o progresso do transporte rodoviário de passageiros no País.

Atenciosamente,
EMPRÊSA DE ÔNIBUS PÁSSARO MARRON

PAULO COSTA — Enc. Sec. Comercial

À LUZ DA PSICANÁLISE

A ESPERANÇA

DR. LUIZ FRAGA

MARCO Aurélio dizia que os fatos conseqüentes e os antecedentes têm sempre uma certa afinidade. Êles não são como uma série de algarismos isolados que só contém a quantidade que os constitui. São um encadeamento lógico, e do mesmo modo porque se harmonizam os sêres, os acontecimentos em coordenação perfeita, manifestam uma afinidade admirável.

O infinitivo é o tempo, o princípio gerador que encerra tudo, mas sem absorver a sua obra.

— E a relação entre a vida e o infinito?

— A vida compõe-se de dias que se foram. O presente é o futuro que voa. Caminhamos sôbre ruínas... Aos transportes de alegria e à angústia da dor, sucedem-se a indiferença e o esquecimento.

O passado... o passado morre. O presente desvanece-se e o futuro é uma esperança.

No meio de tudo que morre, neste mundo de destruição, em presença do esquecimento, quando tudo se acaba em tôrno de nós, pensamos numa vida que não deve acabar. A palavra eternidade não assombra a nossa alma; ela nos responde pelo infinito, sentimento sublime, que nos separa do espaço e do tempo e nos eleva a Deus. O sentimento do infinito existe em nós. Nada do que é finito pode encher e satisfazer a nossa alma.

A esperança é uma espécie de renovação dos sentimentos. Quando o homem desespera e se revolta contra as leis humanas e divinas, a mulher chora, e, as suas lágrimas, benéfica secreção, acalmam-na e retemperam o seu ânimo. Poucos são os homens que aceitam um fracasso e se dispõem a recomeçar; daí o vício da embriaguês, em busca de esquecimento, ser mais comum no «sexo forte».

— A mulher esquece...

E' engano pensar que a mulher esquece as angústias e sofrimentos. Esquece, por vêzes, isto sim, os seus causadores, ou melhor, perdoa-os. Quando a mulher parece perder a esperança, tem a alma voltada para o Criador..

Todos aspiram organizar capacidades para conduta. Êste é, aliás, o fim que norteia aos educadores do mundo inteiro. O desígnio explìcitamente confessado da educação elevada é converter o educando num instrumento de avanço das descobertas científicas.





A qualidade é essencial na alimentação.

EXIJA

AYMORÉ

Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Album-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!



Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO

REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

ARABELLE, a ultima sereia



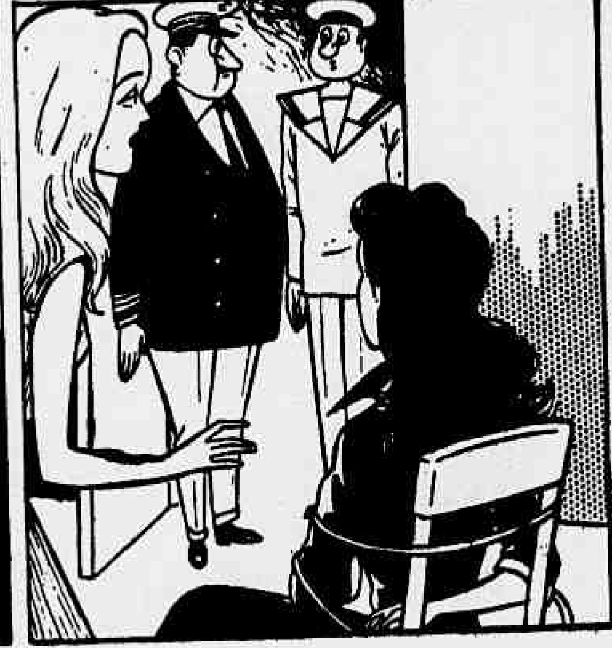
— Mas, pergunta a Sereia, por que vai «passear» a esta hora, «Flor-Azul»? — Não se meta com êle, responde Branca de Neve, do contrário...



Arabelle percebeu que seu fim estava próximo também. Levaram o pobre poeta e os dois bandidos que o escoltavam tinham ordens secretas.



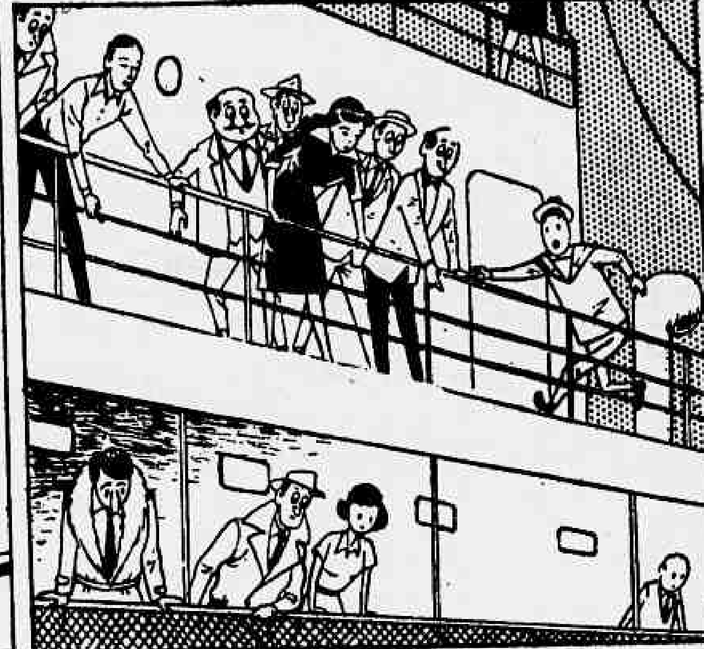
O comandante tem a idéia de fazer uma visita ao camarote de «Branca de Neve», e, ao entrar, se lhe depara uma cena bem surpreendente.



Ia o comandante começando a conversar sôbre aquela esquisitice, quando um marujo avisa que um homem caiu ao mar no deque superior.



Arabelle, aproveitando-se da presença do comandante, desembaraça-se e corre a salvar o náufrago, que só podia ser Flor Azul, lançado ao mar.



Branca de Neve não pode detê-la. Arabelle procura descobrir onde estaria êle, antes de lançar-se ao mar, porém não se via senão espuma.



Param as máquinas imediatamente. Vários salva-vidas são lançados, mas não se vê sinal do acidentado. Aflita, Arabelle se lança n'água ajudada pelo reflexo de um projetor manobrado de bordo. Descem os botes e os marinheiros rondam o mar. Ninguém espera que Arabelle salve o homem.



Arabelle não demora a encontrar o acidentado e, puxando «Flor Azul» para a tona, leva-o até um dos botes, entregando-o aos marinheiros.



Os marujos se mostram perplexos com a atuação daquela mocinha franzina e que tanto heroísmo demonstrara nesse dificílimo salvamento.



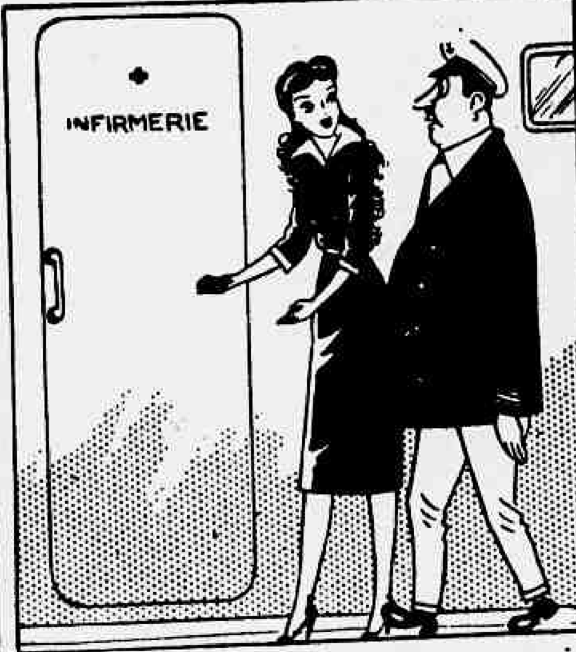
O escaler é içado para bordo e «Flor Azul» colocado numa padiola e levado para a enfermaria. Todo mundo se admira do feito de Arabelle.



O comandante felicita Arabelle e manda oferecer bebidas quentes aos marujos e a ela. Arabelle tem uma idéia, e vai falar ao comandante.



— Permita-me, comandante, cuidar de Flor Azul. Êle precisa de uma enfermeira. Não pode ficar só um instante, pois sua vida está em perigo.



O comandante nada tem a opor, e, como vira nisso um motivo de poder vê-la mais assìduamente, achou excelente a idéia, e levou-a até lá.



O rapaz delira, quando o comandante e Arabelle chegam ali. Pede que não o matem, êle dirá tudo. — Que é isso?, indaga o comandente.



— Aqui há coisa — diz êle. — Como é que um acidente dêsses dá motivo a delírios assim? Vou examinar o que se passa a bordo, Arabelle.

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 41

A	Relativo a dote →	1	28	88	108	159	■	■	■
B	Usurários; interesseiros →	162	31	109	67	3	71	49	■
C	Vivacidade →	14	113	128	74	53	6	■	■
D	Que tem intensidade (pl.) →	35	84	125	2	110	98	147	76
E	Felizes, venturosas →	155	116	66	97	7	33	58	■
F	Mudara a direção; subtraíra →	149	22	40	51	105	156	32	154
G	Que têm ou produzem sombra →	21	64	103	115	158	131	44	70
H	Avezinhas contidas em um ninho →	38	13	55	121	100	151	144	■
I	A neve caída de uma vez →	87	26	153	8	68	166	■	■
J	Louvores, elogios →	50	96	17	39	123	165	137	79
K	Hindu que vive em rigoroso ascetismo →	101	11	20	81	52	161	■	■
L	Reúne em mocambos →	15	27	63	85	134	95	59	78
M	Adquirida por dinheiro; subornada →	164	18	45	73	138	30	112	150
N	Embaraças; não permites →	46	19	23	60	5	102	93	■
O	Lôdo que fica a descoberto ao vazar a maré →	106	36	61	90	140	136	86	■
P	Enxuguemos; esgotemos →	9	82	142	122	160	91	77	41
Q	Sentiras enjôo →	83	118	133	92	69	104	111	99
R	Fileiras, alas →	37	94	120	80	143	132	72	■
S	Sensação de calor que vem à face por emoção →	107	4	47	114	34	56	65	■
T	Caminhos públicos →	129	16	146	89	117	10	141	43
U	Dividida em lotes →	127	24	157	119	148	12	139	■
V	Não tosquiadas; hirsutas →	54	145	135	42	163	29	124	75
W	Zonas da esfera terrestre, dividida em 12 signos →	130	57	25	152	126	62	48	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa; depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o nome de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	A 1	D 2	■	B 3	S 4	N 5	C 6	E 7	■	I 8	P 9
■	T 10	K 11	U 12	H 13	C 14	L 15	T 16	■	J 17	M 18	N 19	■	K 20
G 21	F 22	■	N 23	U 24	W 25	I 26	L 27	A 28	V 29	■	M 30	B 31	F 32
E 33	S 34	D 35	O 36	R 37	■	H 38	J 39	F 40	P 41	V 42	T 43	■	G 44
M 45	N 46	S 47	W 48	B 49	■	J 50	■	F 51	K 52	C 53	V 54	H 55	S 56
W 57	E 58	■	L 59	N 60	O 61	■	W 62	L 63	G 64	S 65	■	E 66	B 67
I 68	Q 69	G 70	■	B 71	R 72	■	M 73	C 74	V 75	D 76	P 77	L 78	J 79
■	R 80	K 81	P 82	■	Q 83	D 84	L 85	O 86	I 87	A 88	T 89	O 90	P 91
Q 92	N 93	■	R 94	L 95	■	J 96	E 97	D 98	Q 99	H 100	■	K 101	N 102
G 103	Q 104	F 105	O 106	■	S 107	A 108	B 109	D 110	Q 111	■	M 112	C 113	S 114
G 115	E 116	T 117	■	Q 118	U 119	R 120	H 121	P 122	J 123	V 124	■	D 125	W 126
U 127	C 128	T 129	130	■	G 131	R 132	Q 133	L 134	■	V 135	O 136	J 137	■
M 138	U 139	O 140	T 141	■	P 142	R 143	H 144	V 145	T 146	D 147	■	U 148	■
F 149	M 150	H 151	W 152	I 153	F 154	■	E 155	F 156	■	U 157	G 158	A 159	P 160
K 161	B 162	V 163	M 164	J 165	I 166	■	■	■	■	■	Otaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 40 — A. COUTINHO. ENSAIO ECONÓMICO. — "Aquêle que tiver a vista aguda e penetrante, um trato fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, poderá conduzi-los sem dúvida por cima das maiores dificuldades."

A SAÚDE DO BEBÊ

OS TRÊS COMPLEMENTOS DO LEITE

DR. SABOIA RIBEIRO

UMA corrente hoje forte em Pediatria já não se preocupa tanto no arranjo de fórmulas no preparo do leite, preocupando-se mais em que certas deficiências naturais dêste, e as condições de imunidade da criança, sejam sempre vigiadas e providas, mediante algumas medidas que, conjuntamente com as mamadeiras, deverão ser fielmente observadas.

Certamente sem um bom leite não há como livrar a criança da doença, pôsto que nem sempre evidenciada aos olhos dos leigos, para os quais tudo que traduz a boa saúde da criança se resume exclusivamente no pêso mais ou menos normal, e a função intestinal mais ou menos correta. No entanto, a saúde da criança, os primeiros meses, envolve a apreciação de outros requisitos, como a evolução normal das funções estáticas e motoras, tonus e turgor, o desenvolvimento ósseo, e o estado satisfatório da imunidade.

Com a sua cota de protídios e taxa de gordura satisfatórias, asseguradas pela sua boa origem e conveniente diluição, o leite, assim, está em condições de corresponder a um bom padrão qualitativo para a alimentação do bebê.

Só que o leite, ainda assim, precisa ser complementado, a fim de corrigir a escassez de alguns elementos úteis, tais como o ferro, as farinhas, as vitaminas.

E' bem verdade que o papel das farinhas é indiscutível para o melhor desenvolvimento da criança e conservação de um bom estado de higidez, vez que, associado ao leite, parece concorrer para sua melhor digestibilidade e evitando as conhecidas perturbações diarreicas que o leite puro não raro provoca.

São, pois, condições do bom regime alimentar do lactente:

a — O acréscimo de ferro (juntando-se às mamadeiras algumas doses dêsse elemento).

b — A ministração de vitaminas (no intervalo das mamadeiras, a princípio, e mais tarde por meio das sopinhas e outros pratos).

c — O acréscimo de farinhas ao leite, no preparo das mamadeiras.

Pode-se dizer que, assim norteada a amamentação do bebê, êste se desenvolve nas melhores condições de saúde, atestada no pêso normal, boas funções estáticas e motoras, alto poder de imunidade.

Vejamos os efeitos da carência do ferro na amamentação da criança.

Quando se descura de propiciar ferro à criança, mantendo-a exclusivamente alimentada pelo leite, a anemia instala-se de maneira visível. Ainda nos primeiros meses ela tolera a ausência de ferro porque, em geral, a criança nasce com algum depósito dêsse mineral, no fígado; mas não tardará que se apresenta pálida, anêmica.

O ferro à criança poderá ser dado em substância ou, o que é preferível, em misturas alimentares e certos pratos já permitidos pela sua idade. Certas frutas, pelo seu elevado teor em ferro, são também outra fonte dêsse elemento.

Outra fonte alimentar do ferro são as farinhas, como a aveia, cevada, trigo.

As farinhas, em grande parte, suprem, nos primeiros meses, as necessidades em ferro da criança, porque o encerram na sua composição.

O papel delas, no regime do lactente, é indiscutível, influindo poderosamente na retenção dos materiais que entram na composição das células e sôbre o estado de embebição dos colóides dos tecidos. Em contraste, as crianças a que falta êsse alimento, no seu regime, tem o seu desenvolvimento retardado, ocorrendo, com freqüência, os distúrbios digestivos. Sem dúvida, as farinhas não substituem por si sós o leite, mas também sem elas o leite não cobre as necessidades da criança. Sem elas instala-se quase sempre a prisão de ventre da criança, que se corrige com seu acréscimo ao leite nas proporções devidas.

As vitaminas, como se viu antes, são outro complemento do leite.

Sua importância destaca-se, no regime da criança, por constituir um grande fator de resistência dela na luta contra as infecções, além do que contribui para seu bom estado nutritivo e de suas côres.

Quer no estado de saúde, quer no de doença, não é possível assistir à criança sem recorrer às vitaminas, no regime. Nenhum leite animal dispensa êsse cuidado, e sòmente certos leites industrializados encerram, ao mesmo tempo, o ferro, as vitaminas e as farinhas, de modo a constituir um leite completo para a sua alimentação.

A CASA DE BERNARDA ALBA



Bernarda pretendeu estender sua tirania até ao íntimo dos que a cercavam.

TRÊS ATOS SÓ COM MULHERES ★ TEMPESTADE DE ÓDIO, INVEJA, SOBERBA E RESSENTIMENTO NUM DRAMA DE FAMÍLIA ★ UM ÂNGULO REALISTA DE FREDERICO GARCIA LORCA ★ O TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO MOSTROU-SE À ALTURA DA BELA PEÇA

Texto de **NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



Não permitindo que nenhuma de suas filhas usassem pó de arroz ou côres claras, em hipótese alguma. Na mesa das refeições as palavras eram contadas e todos escondiam segredos. Mas Adélia tinha um temperamento fogoso e em todos os atos que praticava mostrava têmpera.

O aspecto audacioso da peça de Lorca «A Casa de Bernarda Alba» não está, como se poderia supor, no assunto. Mas no tratamento em prêto e branco, digamos assim, de um cenário que em Andaluzia seria naturalmente colorido e rico de motivos folclóricos e poéticos. E' que a peça em cena faz parte de uma trilogia: «Yerma», «Bodas de Sangre» e «A Casa de Bernarda Alba».

A primeira delas trata do problema, ou melhor, do tema da esterilidade, a segunda de um matrimônio em que o sangue da infidelidade banha o drama sempre renovado do adultério, mesmo puramente intencional. E, finalmente, a última levada ao palco do Teatro Regina pelo Teatro de Amadores de Pernambuco em que o tema do matriarcado é pôsto em relêvo com muito acêrto e com um forte acento realista, aliás nada peculiar ao poeta do «Cancionero Gitano».

O drama reside na absorção da personalidade das filhas da viúva e rica fazendeira Bernarda Alba, que tranca sua família, constituída de cinco irmãs já transitando para a idade problemática em que a mulher forçosamente tem que escolher seu estado. Contra a natureza das jovens e contra a vida normal do casamento, (que lògicamente principia pelo namôro e noivado) se insurge a soberba de Bernarda que se consuma em egoísmo. Sua soberba descamba por uma falsa moral e leva aos caminhos mórbidos de uma fé farisaica.

Uma das filhas (a do primeiro matrimônio) é rica, porém entrando na quadra dos quarenta. Outra — Adélia — é jovem e bela, de temperamento fogoso e inclinada à vida libertada das paredes carcerárias da casa de Bernarda Alba. Ambas se interessam por Pepe Romano, personagem que não aparece senão nos diálogos.



Um minuto com a ama era suficiente para que os cochichos se sucedessem.

As demais irmãs junto com a ama de chaves fazem o côro das desejosas e das frustradas. Entre cenas de inveja, ressentimento e contínua rixa nervosa vivem essas solteiras forçadas. Até que já sob o conhecimento de Poncia, a ama, se desenrola o surdo drama da rebelião em que Adélia nas madrugadas ao desfrutar do amor de Pepe Romano, noivo da irmã, provoca a morte.

O terceiro ato tem a felicidade cênica de deflagrar o drama na sua maior intensidade. Quando tudo está maduro, Bernarda Alba, cega pela autoridade exorbitante e surda pela soberba, recebe como um raio sôbre a rocha do seu coração o impacto da verdade; sua casa fôra desonrada pela própria filha, vencida pelo amor e submissa ao desejo incontido. Mas a noite encobre tudo, inclusive o orgulho de Bernarda. E ao disparar na escuridão sôbre Pepe Romano em fuga ouve diante de tôdas, tomadas de assombro, Martírio, outra das filhas, declarar que ela o havia morto. Mentira. E essa mentira leva sua irmã ao suicídio. A corda que a enforcou no curral também servirá para abagar num segrêdo — o mais terrível túmulo de Bernarda Alba — o da morte.



Martírio, condenada a uma castidade sem vocação, é golpeada







A velha louca (mãe de Bernarda Alba) é a evasão lírica do poeta: — ela diz verdades veladas. Até que Adélia rompe o bastão de Bernarda, que era o símbolo de tôda a sua autoridade. E desafia também as irmãs, que intentam usurpar o coração de seu querido Pepe.

da filha que, segundo suas palavras, «morrera virgem».

Lorca, cujo fuzilamento pelos franquistas na guerra de Espanha, encontrou eco um tanto demagógico, teve talvez ao escrever a peça uma intenção irônica de satirizar costumes que podem ser interpretados como obscurantistas, já que em nenhum momento se faz a separação da atitude de Bernarda Alba com uma vida religiosa e de moral rigorosamente policiada, teria tido a intenção, dizemos, porém esta se diluiu através dos anos e hoje, já distantes que estamos da revolução espanhola, o «documentário fotográfico» a que o autor alude no prefácio escrito da peça deixou de ser sátira para apresentar um drama que não é o da família espanhola mas sim de Bernarda Alba.

O elemento poético não falta nesta obra, principalmente quando, usando da figura da louca (mãe de Bernarda) que nos apareceu insuficientemente velha, diz no seu delírio verdades veladas e irônicas, porém talhadas como versos líricos e proféticos. A canção de ninar que declama e canta poderia ter sido talvez mais próxima do original que se baseia em motivos populares da Andaluzia. Margarida Xirgu, a grande atriz espanhola, que foi a primeira a representar a trilogia de Lorca (Santiago do Chile, 1945) fiel à intenção do poeta, acentuou melhor a cena, atribuindo às palavras da mãe de Bernarda uma luz que rompesse sôbre o claro-escuro de sua consciência.

O grupo que veio de Pernambuco deu ao público carioca uma prova de bom-gôsto trazendo ao palco peças de boa qualidade literária, tal como «Esquina Perigosa», de J. B. Priestley e esta «Casa de Bernarda Alba»; que encontrou em Eros Martins Gonçalves um bom cenógrafo e em Waldemar de Oliveira um bom diretor. Alcance nosso elogio a tôdas as atrizes.



Até que uma noite o rifle é descarregado sôbre as trevas. E chega a morte.



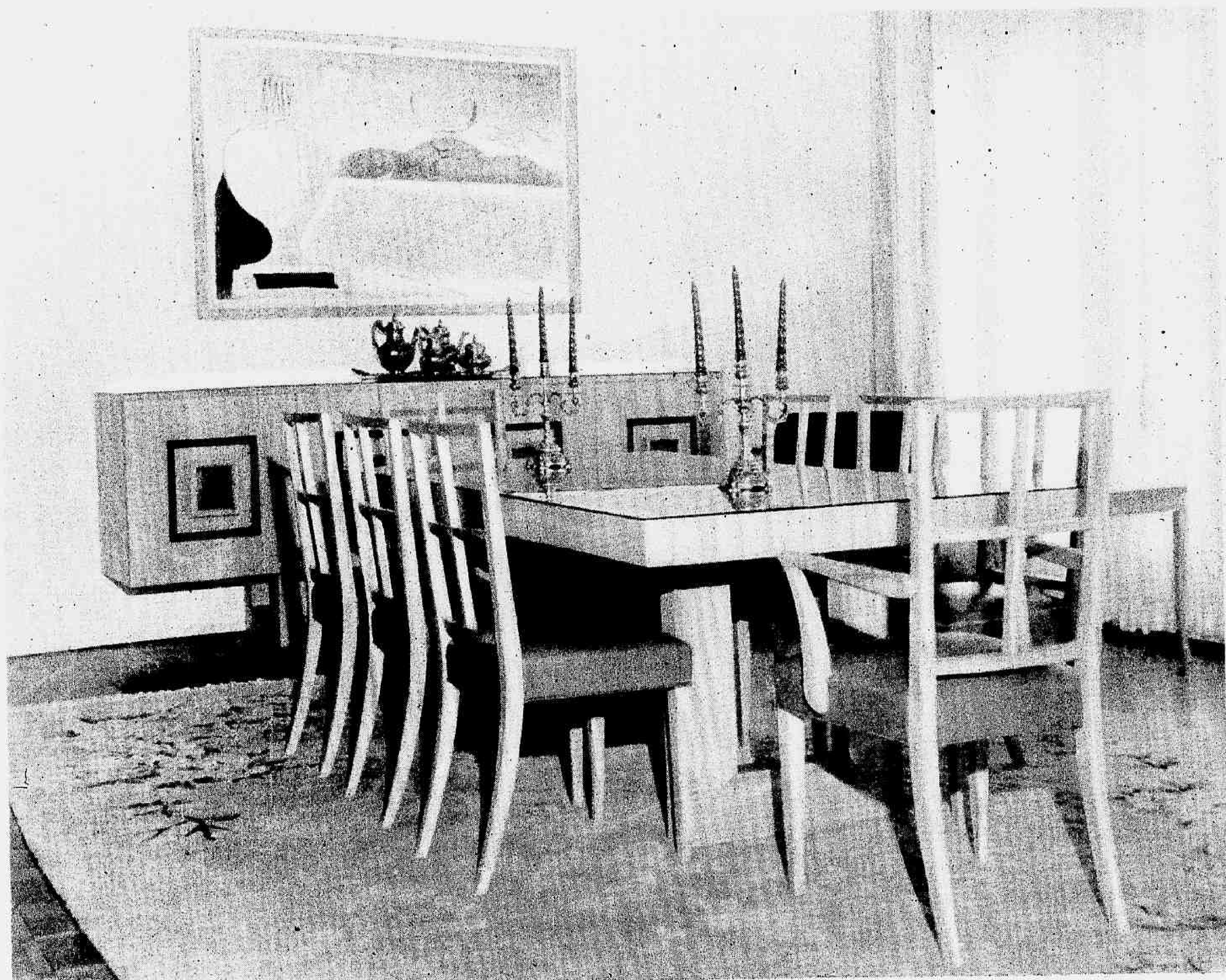
O ciúme chega ao auge e a paixão passa da ofensa à bofetada Adélia não se resigna com o que Bernarda Alba determina e luta por seu amor e liberdade.



ÚLTIMO FLASH

ÊSTE foi o "team" do Vasco que se sagrou campeão de 1952. Vemos, em pé, da esquerda para a direita: Eli, Barbosa, Haroldo, Augusto, Jorge, Danilo; sentados, na mesma ordem: Mário Américo, o massagista, Sabará, Vavá, Ademir, Ipojucan e Chico. O futebol empolga as massas, estimula o esporte ao ar livre que, no Brasil, apesar do sol inclemente do verão, faz campeões.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

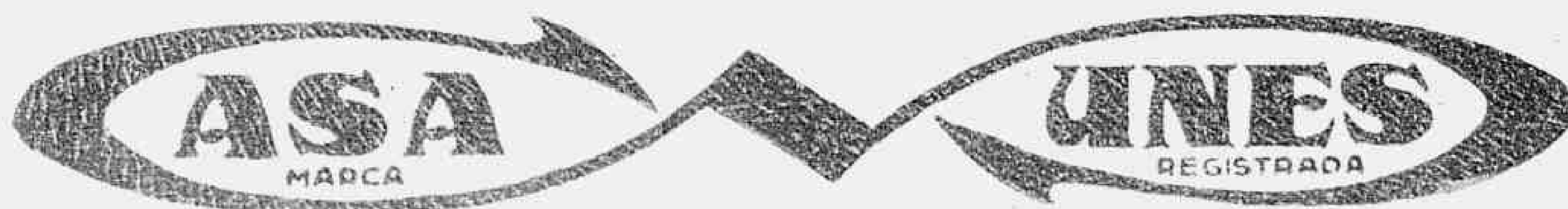
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953

CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

PREÇO 25 CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO